

LETTIE S.J.

Um

TEMPO

para

ACEITAR



A close-up photograph of a man with dark hair and a beard, seen from the side, holding a baby. The man's face is partially visible as he looks down at the baby. The baby has light skin and blue eyes, looking directly at the camera. The background is dark and out of focus.

LETTIE S.J.

Um
TEMPO
para
ACEITAR

Um

TEMPO

para

ACEITAR

(Livro Único)

LETTIE S.J.

www.lettiesj.com

Copyright © 2019 Lettie S.J.

1ª Edição – janeiro de 2019.

Livro registrado no AVCTORIS.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução (total ou parcial) de qualquer parte deste livro sem a prévia autorização por escrito da autora, sejam quais forem os meios empregados, tangível ou intangível (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros).

Esta é uma obra de ficção. Todos os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, pessoas ou fatos reais é mera coincidência.

Design da capa: Rebecca Adrião

Créditos imagem capa: Shutterstock

Créditos imagens interiores: Depositphotos

Revisão e diagramação: Rebecca Adrião

Edição Digital – Brasil

Book Trailer

Book Trailer: <http://bit.ly/2CtV0gw>

ÍNDICE

[SINOPSE](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[PARTE 1 – OS MOTIVOS DE CATRIONA](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[PARTE 2 – OS SEGREDOS DE BRANDON](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[EPÍLOGO](#)

[OUTRAS OBRAS DA AUTORA](#)

[CONTATOS DA AUTORA](#)

SINOPSE

Três anos de um relacionamento de cumplicidade, amor e muita paixão com o enigmático Brandon Campbell, não prepararam Catriona O'Brien para o choque de vê-lo rejeitar sua gravidez. Uma rejeição que acontece às vésperas do primeiro Natal que passariam juntos na nova casa que Brandon tinha acabado de comprar em Dublin.

Vendo seu relacionamento passar por uma séria crise, que, até meses atrás, seria algo inimaginável, Catriona vê-se envolvida em eventos dramáticos e acaba descobrindo segredos do passado de Brandon que podem destruir de vez a vida a dois que planejaram.

Quanto tempo uma pessoa precisa para aceitar algo que lhe causa imensa dor?

Venha descobrir a resposta com Catriona e Brandon, nesta emocionante história de amor, onde o renascimento e a redenção superam as perdas.

NOTA DA AUTORA

Se você está lendo este livro em outro lugar que não seja a Amazon – Kindle Unlimited, onde ele foi originalmente publicado, saiba que está colaborando indiretamente com a distribuição ilegal da obra e deixando de me ajudar. Conheça o Kindle Unlimited da Amazon, um sistema de leitura online onde terá acesso a milhares de livros por um preço acessível e ainda ajudará os autores a rentabilizarem o seu trabalho. Incentive a literatura nacional, adquirindo o livro na Amazon.

Para todos os leitores de *Um Tempo Para Aceitar*, deixo o meu agradecimento.

Lettie S.J.

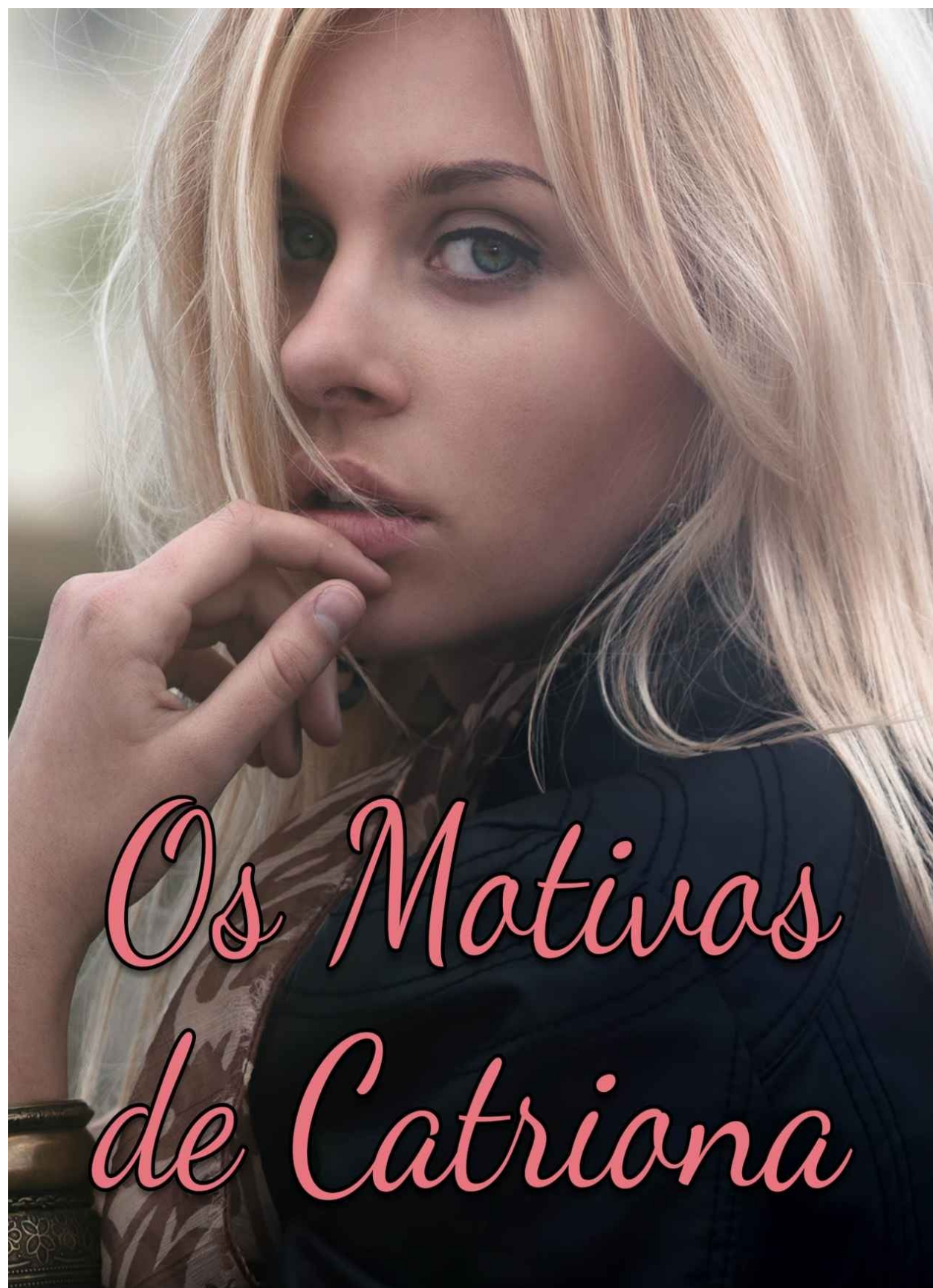


*Quanto tempo
uma pessoa precisa
para aceitar algo
que lhe causa
imensa dor?*



PARTE 1 – OS MOTIVOS DE CATRIONA

Parte 1





CAPÍTULO 1

Dublin - Irlanda

Meu maior erro foi acreditar que nosso amor era forte o suficiente para superar tudo e durar, talvez, algo parecido com o clichê “felizes para sempre”.

Naqueles três anos em que eu e Brandon ficamos juntos, nós tínhamos tudo: amor, cumplicidade, paixão, desejo e amizade. Não sentíamos falta de nada, porque estarmos juntos parecia ser tudo o que precisávamos de mais importante na vida. Até as conquistas materiais pareciam meros complementos da nossa felicidade. A empresa de software dele crescia de forma assustadora e minha clínica veterinária ganhava novos clientes a cada dia. Juntos, funcionávamos muito bem.

Mas aquela harmonia sofreu o primeiro grande abalo duas semanas atrás, quando ele decidiu me fazer uma surpresa.

— Feche os olhos e não ouse me enganar – ele pediu, dirigindo o carro pelas ruas da cidade.

— Você sabe que sou curiosa! Não sei se consigo ficar sem dar uma olhadinha.

Ele soltou uma risada divertida, mas não facilitou para mim.

— Não pensei que tivesse que vender seus olhos, Cat. Mas podemos usar esta sua echarpe. O que acha?

Seu olhos de um azul esverdeado cruzaram com os meus e vi que ele não estava brincando, porque neles havia aquela determinação que eu conhecia tão bem, típica dos momentos em que Brandon tinha um objetivo a atingir.

— Acho que minha echarpe está ótima no meu pescoço, por isso vou fechar os olhos só desta vez. – Usei um tom de quem estava abrindo uma exceção para ele, o que o fez rir ainda mais.

— Vou lembrar disso hoje à noite, quando você me pedir para realizar suas fantasias.

Deixou o resto subentendido e, quase que de imediato, senti meu rosto corar. Mesmo depois de tanto tempo juntos, em que Brandon me enlouquecia na cama, eu ainda tinha dificuldades para falar tão cruamente sobre sexo quanto ele falava.

— Você está me saindo um mestre da chantagem.

— No amor e na guerra vale tudo. – Depois daquela frase emblemática, começou a reduzir a velocidade do carro. – Já estamos perto.

Olhei-o e não consegui deixar de admirar a beleza máscula do homem ao meu lado, com seus cabelos ruivos, maxilar bem barbeado, nariz proeminente e corpo sedutor. Com trinta e cinco anos, Brandon era masculinamente impressionante e, para meu desespero, atraía os olhares femininos por onde passávamos.

— Já estou pronta – disse, fechando os olhos.

— Só abra quando eu mandar – dizendo isso, ele voltou a acelerar.

Em expectativa, senti o carro rodar pelas ruas, até finalmente parar.

— Chegamos. Agora pode abrir.

Estávamos em frente a uma casa de luxo em Monkstown, de dois andares, com a placa de “vendida” no jardim.

— Brandon?

Ele entendeu minha pergunta não dita e confirmou.

— Sim. É nossa!

Não esperei que dissesse mais nada, descendo do carro com o coração aos saltos. Entrei no jardim e fiquei parada em frente àquela maravilha, até que o senti ao meu lado.

— Gostou?

Havia ansiedade em sua pergunta, mas como não gostar de uma casa daquelas?

Como resposta, pendurei-me em seu pescoço e tomei seus lábios em um beijo apaixonado. Brandon prontamente me abraçou pela cintura, aprofundando o contato entre nossos corpos. Por um momento mágico, esquecemos onde estávamos, deixando fluir o amor que sentíamos um pelo outro.

Quando ele se afastou, tinha aquele fogo no olhar que me derretia por inteiro.

Ah, Brandon! Como não te amar loucamente?

— Já vi que gostou. – Foi seu comentário com a voz enrouquecida, ao acariciar meus cabelos no meio das costas.

— Eu amei! E ainda nem entrei nela.

— Então vamos entrar agora!

De mãos dadas, fomos conhecer a casa dos meus sonhos. Só de imaginar que íamos construir nossa família ali, minha felicidade não tinha tamanho.

— É uma casa de quatro quartos e a propriedade inteira tem muito potencial – ele disse, pegando as chaves no bolso do casaco. – Poderemos fazer ampliações nela, se quisermos.

Eu me sentia como uma menina que tivesse acabado de ganhar um brinquedo novo. E, no meu caso, o brinquedo era uma estonteante casa de bonecas.

Subimos o alpendre que levava à porta principal e chegamos ao grande hall de entrada. No piso térreo, ficava a enorme sala de estar, que era interligada

com a de jantar, ambas com lareiras.

No primeiro andar ficavam os quartos, sendo que dois deles eram quartos duplos, onde a luz natural era abundante por conta das janelas altas. Foi de lá que tive a noção do tamanho do jardim que havia em frente à casa, com um amplo estacionamento com canteiros de flores, árvores e uma glicínia charmosa que dava acesso lateral ao jardim das traseiras. Este último, era totalmente fechado, coberto por um gramado e cercado por arbustos coloridos, tornando-se um espaço ideal para as crianças brincarem.

— Eu adorei, Brandon!

— Nossa rua é tranquila e a localização é perfeita, porque fica a apenas uma curta caminhada da vila de Monkstown. Faltam só algumas obras ficarem prontas e poderemos nos mudar. Quero estar aqui no Natal. Será o primeiro que passaremos em nossa casa.

Engoli o nó na garganta com certa dificuldade, emocionada.

— Passaremos o Natal aqui? – Estávamos em outubro, portanto, não faltava muito tempo para o Natal chegar.

Sua resposta foi me erguer pela cintura e começar a girar no meio da sala vazia, onde eu já imaginava uma grande árvore de Natal no canto da parede. Do outro lado, teríamos a lareira acesa aquecendo nossas festas de fim de ano.

— Sim! – ele garantiu, rindo ao rodopiar comigo nos braços.

Quando parou, nos beijamos repetidas vezes, entre risos e brincadeiras.

Morávamos atualmente em um apartamento pequeno no centro de Dublin, que era do pai dele, mas eu sempre senti que Brandon não gostava daquela situação. Desde que estávamos juntos, o Sr. Niall nos visitou somente duas vezes, tratando-me muito bem, apesar de ter uma postura rígida e controladora, que batia de frente com a mesma postura do filho.

Agora que a empresa de informática que Brandon montou sozinho estava tendo sucesso, entendia que o seu primeiro grande investimento tivesse sido aquela casa.

A nossa casa!

— Ela é grande e tem espaço suficiente para os nossos filhos – comentei, abraçando-o pela cintura.

Estranhei o seu silêncio repentino. Para quem estava rindo segundos atrás, o corpo subitamente tenso era um contraste gritante.

— Não quero filhos, Cat! – falou em um tom tão definitivo que me assustou.

— Não?!

— Não! – repetiu com convicção, mas deve ter notado meu tom horrorizado, porque suavizou a voz quando voltou a falar. – Estamos bem sozinhos e ainda temos muito o que construir juntos até pensarmos em filhos. Apesar da minha empresa estar crescendo rápido, e a sua clínica também, prefiro viver mais a nossa relação até conversarmos sobre isso.

Já ia dizer-lhe que “isso” era um filho, mas não quis insistir, porque lembrei da outra única vez em que o assunto veio à baila. Foi logo no início, quando ele perguntou se eu tomava pílula, porque, apesar de sempre usar preservativo, queria ter certeza de que não seríamos pegos de surpresa com uma gravidez indesejada.

Na ocasião, achei uma atitude responsável e consciente da parte dele, afinal, nem eu mesma queria filhos àquela altura, pois estava focada em firmar o nome da minha clínica veterinária na cidade, e também estávamos namorando há pouco tempo. Mas agora, três anos depois, com um anel de noivado no dedo, o relacionamento estável, além do sucesso profissional e da vida correndo bem, ter filhos era algo que eu queria muito.

Só que, diante daquela reação dele, fiquei insegura em insistir.

— Tudo bem. Apenas pensei que o tamanho da casa era ideal para uma família maior.

— Ela foi um excelente investimento para o nosso futuro. – Sua resposta lógica demais tirou parte da alegria que senti com a possibilidade de ver nossos filhos enchendo tanto espaço com suas risadas alegres.

Sem que eu esperasse, fui arrebatada nos braços e recebi um beijo quase desesperado na boca, que me deixou desorientada. Mas foi por pouco tempo, porque logo correspondi na mesma medida e, segundos depois, já estávamos fazendo amor no chão da sala vazia da nossa casa.

— Eu te amo, Cat!

Eram suas palavras de sempre quando me possuía e que eu acompanhava como se fosse um eco.

— Eu também te amo, Bran.



*“Meu maior erro foi
acreditar que nosso amor
era forte o suficiente
para superar tudo
e durar, talvez, algo
parecido com o clichê
“felizes para sempre”.*





____CAPÍTULO 2

Cinco semanas depois, toda a minha felicidade foi abaixo quando olhei o resultado do exame de gravidez.

Positivo!

Como aquilo aconteceu, eu ainda não sabia, porque tomava regularmente minha pílula e Brandon não vacilava no uso do preservativo. No mesmo dia, implorei por uma consulta de urgência com a minha médica e, no final da tarde, estava sentada à sua frente. Eu não conseguiria encarar Brandon sem antes saber o que fizemos de errado.

— Deixou de tomar a pílula ou de usar preservativo em algum dia?

— Não, doutora! Eu e Brandon temos muito cuidado com isso.

Sua expressão foi de quem não acreditava no que eu disse, afinal, a maior prova de que houve uma falha era a minha gravidez. Uma gravidez que já estava definitivamente confirmada, como atestava o exame de sangue que eu tinha à minha frente, que indicava uma gestação de quatro semanas.

Quatro semanas!

— Tomou antibióticos?

— Não.

— Teve alguma doença que lhe causou vômitos após a toma da pílula?

— Não.

Uma expressão de descrença cruzou o rosto da médica.

— Se nada disso aconteceu, só posso dizer que você foi vítima daquele 0,01% de mulheres que engravidam pela graça divina, sem ser a Virgem Maria.

Tive vontade de gritar de desespero, tal era o grau de nervosismo que me dominava.

— Dra. Shannon, não posso chegar em casa com uma notícia dessas, sem ter uma explicação. Brandon não quer filhos agora.

Ela me encarou com seriedade.

— Está pensando em interromper a gravidez, Catriona? O aborto agora está legalizado na Irlanda e tenho como obrigação informá-la dos seus direitos e apoiá-la se desejar realizá-lo.

— Não! Jamais faria isso! – Fiquei horrorizada que ela pensasse que eu poderia tirar meu filho. – Posso estar em estado de choque desde hoje de manhã, quando fiz o teste de farmácia, mas aborto não é algo que eu faria.

— Mesmo que Brandon queira?

— Ele não vai querer isso – falei, mas sem tanta convicção.

Ela percebeu minha incerteza quanto a ele, e não consegui conter as lágrimas. Cobri o rosto com as mãos trêmulas, limpando-as como pude.

— Dê um tempo a si mesma para assimilar bem esta notícia, antes de contar para ele ou qualquer outra pessoa. Acima de tudo, estamos falando aqui

do seu corpo, da sua vida e do seu bebê – falou em tom confortador e suas palavras fizeram o efeito desejado em mim. – Vou lhe receitar algumas vitaminas para tomar, além do ácido fólico, para ir preparando seu corpo para suprir as necessidades da gestação. Marcaremos também sua próxima consulta, mas se precisar de mim antes disso, é só avisar.

E foi assim que eu saí de lá minutos depois, tendo na bolsa as receitas e o teste positivo de gravidez. No caminho para o trabalho, resolvi mudar de rumo e ir para o parque *St Stephen's Green*^u. A Dra. Shannon tinha razão: eu precisava ficar sozinha e dar um tempo para mim mesma.

Desci do carro e fui passear, sem conseguir pensar em outra coisa que não fosse o fato de estar há quatro semanas com um bebê dentro de mim, sem o saber.

Quatro semanas.

Voltei no tempo e só então lembrei da festa de Halloween que passamos na casa de Fergus e Nora, amigos de Brandon da época da universidade. Eles convidaram cerca de trinta pessoas, que lotaram os jardins da mansão onde moravam em Dalkey. Como fomos convidados para dormir lá, eu e Brandon bebemos a noite inteira sem nenhum tipo de preocupação com excessos, já que não íamos dirigir depois para casa.

Tivemos uma noite de sexo sob o efeito da bebida e aquela foi a única ocasião em que, talvez, não estivéssemos totalmente conscientes do que fazíamos. Apesar de ter dito à médica que não adoeci a ponto de vomitar, acordei com uma ressaca enorme no dia seguinte e o movimento do carro na volta à casa me fez vomitar no meio do caminho. Isso horas depois de ter tomado a pílula no café da manhã.

Suspirei, frustrada, ao perceber que, em algum momento daquele Halloween, Brandon falhou no uso do preservativo e eu na toma da pílula. Dois fatores importantíssimos para evitar a gravidez.

Depois de andar sozinha por mais um tempo, sentindo o vento frio bater no meu rosto, olhei o relógio e vi que não adiantava mais trabalhar naquele dia. Fui direto para casa, ainda em dúvida se já contava tudo para Brandon.

Entrei no apartamento e fui tomar um banho para relaxar. Sob o jato da água morna que escorria pelo meu corpo, passei a mão na barriga, tendo o primeiro contato real com o bebê. E foi naquele exato momento que o amei

acima de tudo, soltando de vez as lágrimas de emoção, que rolaram pelo meu rosto e se misturaram com a água.

Fui pega de surpresa, quando a porta do box abriu e Brandon surgiu nu ao meu lado.

— Não quis me esperar hoje? – perguntou com malícia, puxando-me pela cintura.

— Estava frio lá fora e quis me esquentar um pouco no banho – justifiquei o fato de já estar ali, quando normalmente esperava ele chegar para tomarmos banho juntos.

— Vem, que vou aquecer você – garantiu, naquele tom de voz enrouquecido de quando estava excitado.

Excitação que aumentou ainda mais quando encostamos um no outro com ansiedade crescente. Duplamente necessitada de me sentir amada, me entreguei em seus braços, deixando que Brandon me aquecesse como disse que faria.

Aqueles banhos eram sempre recheados de muito erotismo e sabíamos exatamente o que queríamos: um orgasmo duro e poderoso ali mesmo. Fui beijada, estimulada e enlouquecida de prazer com poucos toques, porque me sentia mais sensível do que nunca. Como de costume, Brandon afastou-se apenas para pegar o preservativo no suporte dos shampoos, colocando-o rapidamente. Mas, daquela vez, fechei os olhos para não ver.

Era perda de tempo. Completamente desnecessário.

Fui erguida pelos braços fortes e, automaticamente, cruzei as pernas ao redor de sua cintura, ansiando pela penetração que viria logo depois. Quando, enfim, aconteceu, não consegui prender o gemido de prazer dentro de mim.

— Vem forte, Bran!

Ele não precisava de nenhum estímulo para me possuir do jeito que gostávamos, mas minhas palavras fizeram explodir toda sua essência de macho alfa e em poucos segundos estávamos gozando.

— Eu te amo, Cat!

Aquelas palavras, junto com sua pegada forte, roubaram o resto de forças que eu tinha, e deixei-me cair em seus braços.

Que Deus me abençoasse na hora de contar sobre a gravidez!



*“Passei a mão na barriga,
tendo o primeiro contato
real com o bebê.*

*E foi naquele
exato momento que
o amei acima de tudo...”*





_____ **CAPÍTULO 3**

Horas depois, eu não conseguia conciliar o sono, enquanto Brandon dormia tranquilamente ao meu lado. Passei a noite praticamente acordada, adormecendo por poucos minutos e despertando logo depois, a mente sem conseguir relaxar por causa da gravidez.

Quando o dia amanheceu, eu já tinha tomado a decisão de lhe contar tudo, por saber que se não contasse logo, não conseguiria me concentrar em mais nada. Mesmo com todo o receio, angústia e nervosismo que eu sentia, não dava para adiar o inadiável. Pior seria esconder e só contar quando a barriga começasse a aparecer, o que poderia ser considerado por ele como uma atitude de traição. Querendo ou não ser pai, o filho era dele!

Assim que Brandon acordou, me puxou para os seus braços, como sempre fazia quando não me via perto dele. Só que, daquela vez, resisti,

fazendo-o abrir os olhos ainda sonolentos.

Quando viu minha expressão séria, ele acordou de vez, ficando alerta.

— Você está bem? Aconteceu alguma coisa? – Ergueu-se sobre mim, sem me soltar.

— Estou grávida.

Eu sabia que estava soltando uma bomba à sua frente sem ao menos preparar o terreno, mas, na pressão do momento, não consegui encontrar nenhuma forma para dourar a pílula.

Ele ficou parado o milésimo de segundo suficiente para a informação entrar no seu cérebro recém desperto. Imediatamente depois, já estava em pé ao lado da cama. O corpo tenso e o maxilar tão rígido, que eu conseguia até ver um músculo pulsando nele.

Continuei deitada onde estava, aguardando sua próxima reação, que não tardou a vir.

— Grávida? – A voz estava enrouquecida, mas daquela vez não era de prazer, e sim de raiva contida. – Como você engravidou, depois de todos os cuidados que tive para isso não acontecer?

Tive a impressão de que havia um leve tom de acusação na voz dele, como se achasse que foi proposital. Claro que devia estar lembrando do que eu disse quando vi a casa nova, só que eu era tão culpada por aquela gravidez quanto ele.

Apesar de não ter gostado nada da insinuação, respirei fundo para me acalmar, disposta a evitar uma discussão maior do que a que já se avizinhava.

— Depois da conversa que tive com a minha médica, acredito que tudo aconteceu na noite de Halloween.

Mal terminei de falar, a compreensão passou por seu rosto. Ele tinha consciência de que, naquela noite, não estávamos totalmente donos da nossa razão.

— Isso foi há quatro semanas. – Pareceu fazer contas, pedindo depois uma confirmação. – Você está com quatro semanas?

— Sim. Foi o que o teste acusou.

Brandon deu-me as costas e permaneceu em tenso silêncio, até explodir de vez em uma série de xingamentos raivosos.

— Porra, mas que merda!!! – Caiu sentado na cama e afundou as mãos nos cabelos, parecendo totalmente destruído. – Que merda que eu fiz!!!

Sua reação foi tão intensamente negativa, e o corpo estava tão retesado, com uma agressividade duramente controlada, que nem ousei chegar perto para o confortar. Aquele era um Brandon que eu não conhecia, o oposto do noivo carinhoso, protetor e apaixonado. Prudentemente, resolvi manter distância, mas, dentro de mim, alguma coisa muito preciosa se quebrou, ao ver tanta rejeição pela gravidez.

— É tão ruim assim para você, Brandon? – Não consegui calar aquela pergunta, diante do pesado silêncio dentro do quarto.

— Eu já tinha dito que não queria filhos, Catriona! Isso não é novidade para você. – A voz continuava grave e ele falava de costas para mim. – Não quero ser pai e isso foi uma falha que eu não me perdoo.

Brandon estava tão afundado no próprio drama pessoal de não querer ser pai, que nem percebeu a dureza com que se referia ao bebê. Mas eu percebi, e a revolta começou a tomar conta de mim.

— Não se refira ao nosso filho como “isso” ou “uma falha”! – estourei com raiva, sentando na cama e afastando-me mais ainda dele. – Se você não quer ser pai, saiba que eu quero ser mãe e amo o “meu” filho. Se você o rejeitar, está rejeitando a mim também!

Levantei pelo outro lado da cama e fui atrás das minhas roupas, decidida a me vestir e sair para o trabalho, antes que explodisse em lágrimas ali dentro.

Em questão de segundos, eu já estava com ele à minha frente, segurando-me pelos braços com urgência. Assustei-me com a expressão angustiada do seu rosto, muito diferente do que eu estava acostumada a ver nele.

— Não estou rejeitando você, Cat! Eu te amo! Só não esperava por isso!

— Isso? – repeti, decepcionada.

— Não esperava pela gravidez, pelo filho – corrigiu-se entredentes,

mas sem medir as palavras seguintes. – Não queria mesmo, porra!

Congelei com aquela admissão seca da parte dele e senti meu mundo desabar.

— O que quer dizer com isso, Brandon? – Forcei-o mais a fundo, porque uma coisa era ele ficar em choque com uma gravidez inesperada e outra totalmente diferente era querer que eu a interrompesse. – O que quer eu faça?

Encarei-o com o máximo de sangue-frio que consegui, aguardando a resposta que poderia mudar tudo entre nós. Ele sustentou firmemente o meu olhar, sem vacilar em sua resposta.

— Quero que me dê um tempo para aceitar o que está acontecendo, ainda que eu mesmo não saiba até quando durará este tempo.

Tive a sensação de que o meu coração estava sendo perfurado pela ponta de um punhal, tal foi a dor que senti. Ficamos nos encarando, estáticos, enquanto os segundos passavam, até o som do despertador invadir o quarto.

O toque irritante quebrou nossa paralisia, fazendo Brandon me puxar para um abraço apertado. Não falou nada, apenas afundou o rosto em meus cabelos, prendendo-me junto a ele.

— Preciso ir. Tenho uma reunião importante hoje.

Deu um beijo rápido em meus cabelos e foi para o banheiro. Fiquei ali, sem reação, olhando para o vazio, sem acreditar que aquilo tudo estava mesmo acontecendo comigo.

Como um robô, fui me preparar para o trabalho, vendo as coisas acontecerem ao meu redor sem me sentir realmente participando delas. Brandon foi para a empresa, eu fui trabalhar. Quando voltei para casa no fim da tarde, ele já tinha chegado antes de mim e tomado banho sozinho. Jantamos em tenso silêncio, deitamos cada um no seu lado da cama, dormimos ou fingimos dormir.

Aquela rotina estranha durou três dias, até que, na manhã da sexta-feira, chegou a vez de ele soltar a bomba.

— Viajo hoje para Londres e devo voltar na próxima semana. A reunião de ontem me abriu excelentes oportunidades e preciso fechar negócios por lá – ele ia falando ao mesmo tempo que preparava uma mala pequena.

Tentei não suspeitar dos reais motivos daquela viagem, mas foi

impossível.

— Vai viajar em uma sexta-feira? Pensei que não se fechassem negócios nos fins de semana.

— E não se fecham mesmo. Mas fui convidado pelo CEO da Global Corporation para passar estes dias em sua propriedade, onde ele está recebendo possíveis parceiros para seus investimentos.

Se fosse em outra situação, eu não desconfiaria de nada, nem teria aquela sensação de estar sendo colocada de lado. Controlei a vontade de fazer mais perguntas, ao lembrar que ele havia pedido um “tempo” para assimilar a gravidez. Talvez aquele “tempo” que Brandon precisasse fosse longe de mim, por isso aquela viagem tão súbita, dias depois que tivemos nossa primeira briga como casal.

Quando ele terminou de arrumar a mala, aproximou-se e me abraçou. Quase chorei no aconchego dos seus braços, algo que senti uma falta tremenda.

— Você vai ficar bem sozinha? Não quer ir para a casa da sua mãe enquanto estou fora? – Mesmo agindo tão estranhamente comigo nos últimos dias, naquele momento ele voltou a ser o Brandon de sempre.

— Prefiro não a incomodar. Se você perceber que vai demorar mais do que o esperado, avise-me que vou ficar com ela – respondi com a voz embargada, porque estava dando todo o tempo que ele precisasse para “aceitar” a situação, caso fosse aquele o motivo da viagem.

Ele ficou calado, os olhos presos aos meus. Havia compreensão neles, junto com o amor que eu já conhecia de há muito tempo. Não houve palavras, somente um beijo apaixonado, que durou tanto que cheguei até a pensar que ele me jogaria na cama e faria amor comigo, quebrando de vez aquela barreira entre nós. Mas ele afastou-se logo depois, pegando a mala e se despedindo de mim com uma promessa que não cumpriu.

— Eu ligo.



*“Quero que me dê
um tempo para aceitar
o que está acontecendo,
ainda que eu mesmo
não saiba até quando
durará este tempo.”*





____CAPÍTULO 4

Não sei como consegui chegar ao trabalho naquele dia, porque me sentia despedaçada. Para me fazer sentir pior, os sintomas da gravidez resolveram aparecer todos de uma única vez. Náuseas, enjoos e um cansaço enorme foram suficientes para tirar toda a minha vontade de sair de casa.

Quando a última cliente da manhã foi embora, muito feliz com o seu *poodle toy* nos braços, desisti de tentar trabalhar e fechei a clínica.

Tinha acabado de chegar ao apartamento quando meu celular tocou.

Atendi, controlando a decepção ao ver que não era Brandon. Àquela hora ele já devia estar em Londres, mas ainda não havia ligado.

— Olá, Fergus – cumprimentei o amigo dele, responsável pela festa de

Halloween que me deixou grávida.

— Olá, Catriona. Está na clínica?

Estranhei sua pergunta, mas respondi automaticamente.

— Não. Estou no apartamento.

— Eu e Nora vamos passar por aí daqui a pouco, *okay*?

O que eu poderia dizer, além de concordar?

— Sim, claro!

— Até já!

Quando eu ia responder, a ligação foi terminada. Sem entender nada, fiquei olhando para o celular e, por fim, larguei-o sobre a mesa da sala.

Minutos depois, a campainha tocando anunciou a chegada deles. Fergus parecia nervoso e Nora tinha o rosto tão sério que um arrepio percorreu o meu corpo.

— Aconteceu alguma coisa? Vocês estão com uma cara horrível – falei em tom de brincadeira, mas eles permaneceram do mesmo jeito.

— Eu sinto muito termos que vir aqui dizer isso, Catriona, mas Brandon sofreu um acidente em Londres e está hospitalizado.

Tentei respirar, mas parecia faltar oxigênio ao meu redor, porque me senti sufocar. Meus pulmões arderam, minha vista ficou turva e o mundo começou a girar como uma grande roda gigante. Em questão de segundos, tudo deixou de existir e caí em uma escuridão fria e solitária.

Muito ao longe, escutei vozes a me chamarem, mãos a me tocarem e algo quente ser jogado sobre o meu corpo. Lembrei de Brandon e do calor que sentia em seus braços. Brandon e seu sorriso malicioso. Brandon e seus beijos ardentes.

Brandon! Ele precisava de mim!

“Eu te amo, Cat!”

— Catriona! – Senti batidinhas suaves no meu rosto, enquanto a voz de Nora conseguia afastar a nebulosidade onde eu me encontrava. – Catriona!

Você está bem?

Abri os olhos e dei com os dois me observando com ansiedade. Percebi que estava deitada no sofá, com uma manta jogada sobre o meu corpo.

— Sim, estou, mas quero saber de Brandon. Que acidente foi esse? O que aconteceu com ele?

— Só sabemos que foi um acidente de carro a caminho da residência de Liam Turner. Não nos deram detalhes, apenas que ele chegou inconsciente ao hospital.

Mordi o lábio, tentando controlar o choro e a vontade de gritar de raiva contra o destino que o tirou dos meus braços naquela manhã, para jogá-lo depois em uma cama de hospital.

— Quero ir para o lado dele.

— Sente-se bem para viajar, Catriona? – Fergus perguntou, trocando olhares com Nora. – Nós dois estamos indo para Londres agora, já que o Sr. Niall está no Canadá. Mas se você não estiver bem, poderá viajar amanhã. Damos notícias assim que chegarmos.

— Vou com vocês agora! – disse, decidida, sentando no sofá. – Só preciso de alguns minutos para preparar uma bagagem pequena.

Nada, nem ninguém, me impediria de ficar com Brandon naquele momento.



Conseguimos um voo direto e horas depois já estávamos em Londres. Quando chegamos ao hospital, não demorou muito para conseguirmos falar com o médico de plantão que acompanhava o caso.

— Sou Catriona O'Brien, noiva de Brandon Campbell. Queria saber

como ele está, doutor.

— Ele chegou sem nenhum tipo de fratura exposta, mas estava inconsciente. Colocamos o senhor Campbell em coma induzido e estamos fazendo uma série de exames para saber se há hemorragias internas ou lesão importante nos órgãos. Conseguimos estabilizá-lo, mas as primeiras 24 horas são sempre fundamentais para fazermos uma melhor avaliação do seu estado. Agora ele está na UTI e não poderá receber visitas.

— Não posso vê-lo pelo menos de longe?

— Aguarde que providenciarei para que o veja.

Nora me abraçou pela cintura e levou para uma poltrona na sala de espera. Fergus ficou andando de um lado para outro, pendurado no celular.

O tempo pareceu arrastar-se para mim, até que vieram me chamar. Foi com o coração batendo forte que cheguei até o vidro que me separava do que eles chamavam de UTI, onde Brandon estava, com um tubo na boca e outro no nariz. Vários fios o ligavam a uma série de aparelhos, mas eu só conseguia ver o rosto que eu tanto amava tomado por uma palidez assustadora.

Mesmo tentando ser forte, não consegui, já sentindo as lágrimas caírem. Comecei a rezar para que Deus permitisse que ele ficasse bom logo e voltasse para mim.

A noite no hospital foi terrível. Fergus e Nora insistiram para que eu fosse para o hotel que eles haviam reservado, mas eu não queria deixar Brandon sozinho.

— Não podemos fazer mais nada aqui hoje, Catriona. É melhor você descansar com mais conforto no hotel e voltar amanhã, do que passar mal outra vez.

Fergus não parava de insistir naquilo e comecei a suspeitar que soubesse que eu estava grávida. Não seria nada surpreendente que Brandon tivesse desabafado com o melhor amigo, mas só em pensar que Fergus e Nora soubessem que ele não queria o bebê, eu já me sentia mal.

Independente dos esforços do casal para me levarem ao hotel, resolvi ficar no hospital até o dia seguinte. Não conseguia tirar da cabeça o que o médico disse sobre as primeiras 24 horas. Se elas eram fundamentais para a vida de Brandon, eu ficaria lá.

E foi justamente aquilo que disse para os dois.

— Vou ficar. Mas vocês podem ir.

— Ficaremos com você – disseram em uníssono.

Agradei, emocionada com o cuidado deles.

— Obrigada pela amizade que têm com Brandon.

— Ele faria o mesmo por nós. – Foi a resposta simples de Fergus.

E ele tinha razão. Brandon fazia tudo pelas pessoas que amava, ainda que pedisse um tempo para aceitar aquilo que lhe parecia tão difícil, quanto ter um filho.



No boletim seguinte, a situação dele não havia se alterado. Eu não sabia se aquilo era bom ou ruim, mas quis acreditar que era algo promissor.

Houve troca de turnos e, no boletim seguinte, foi outro médico quem apareceu. Ele chamou o meu nome e atualizou as condições de Brandon, que continuavam inalteradas. Depois olhou para Fergus e Nora.

— São parentes da senhorita Erin Dawson?

Ouvir aquele nome teve a mesma força de um terremoto, que abalou profundamente as frágeis estruturas do meu relacionamento com Brandon.

— Não somos – Fergus negou rápido, deixando um clima tenso entre nós três, pois sabíamos muito bem quem era ela.

— Não somos parentes, mas a conhecemos sim – confirmei para o médico, porque agora era tarde demais para os amigos de Brandon me esconderem qualquer coisa. – Erin mora em nossa cidade e gostaríamos de saber se ela está bem, para informar seus pais.

Os pais dela tinham morrido quando ela era adolescente e foi a avó quem a criou. Esta também havia falecido no ano passado, deixando a neta sozinha e com um único objetivo de vida: reconquistar Brandon, com quem namorou antes de mim.

O médico sorriu, satisfeito, como se tivesse pressa em passar logo as informações e voltar ao seu trabalho.

— Como ela estava no banco do passageiro, não teve muitos ferimentos. A pancada foi toda no lado do motorista, onde estava o Sr. Campbell. A srta. Dawson está consciente e já foi informada que em breve terá alta, mas insiste em ficar, por causa dele. Já lhe receitei um calmante, porque encontra-se muito abalada e não quer sair do seu lado, o que é compreensível.

Vacilei sobre as pernas trêmulas, minha coragem anterior em querer saber de tudo esvaindo-se num piscar de olhos, quando desmaiei pela segunda vez naquele dia, com uma pergunta repetindo-se na minha mente.

Brandon, porque você fez isso comigo?



*“Brandon fazia tudo
pelas pessoas que amava,
ainda que pedisse
um tempo para aceitar
aquilo que lhe parecia
tão difícil, quanto ter
um filho.”*





____CAPÍTULO 5

Não sei quanto tempo passei desacordada, mas, quando voltei à consciência, estava deitada na maca de uma enfermaria de urgência. Uma enfermeira muito jovem mexia nos aparelhos ao meu lado e sorriu, assim que me viu a observá-la.

— Como se sente, srta. O’Brien?

Destruída.

— Estou bem. – Então notei que tinha um cateter no dorso da minha mão e entrei em desespero. – Estou grávida! Que medicação me deram? Vai fazer mal ao bebê?

Seu sorriso ampliou-se e uma mão tranquilizadora tocou o meu braço.

— Fique calma. Seus amigos nos informaram sobre a gravidez e foi por isso que a trouxemos para cá. Não lhe demos nada que fizesse mal ao feto e também não há nenhum sangramento, mas você precisa descansar para o bem dele.

Fiquei ouvindo suas recomendações, mas pensando no que ela tinha dito sobre “*seus amigos nos informaram sobre a gravidez*”. Então Brandon contou-lhes mesmo!

Se Fergus e Nora sabiam de algo tão pessoal do nosso relacionamento, saberiam também sobre Erin estar viajando com ele?

Provavelmente.

Sentindo-me despedaçada, fechei os olhos. Queria fugir da minha realidade, porque cada novo evento só me trazia desilusão e dor.

Voltei a adormecer. Quando acordei, tinha perdido a noção do tempo.

Olhei ao redor e vi Nora sentada na única cadeira que tinha ali, com uma expressão carregada. Assim que me viu consciente, aproximou-se e apertou minha mão, que fechei como uma garra sobre o lençol que me cobria.

— Catriona! Que susto vê-la desmaiar duas vezes seguidas! – Estava preocupada, mas eu não conseguia sentir nada além de raiva pelo que esconderam de mim.

— Vocês sabiam sobre ela?

Nora congelou, ficando séria. Não havia como fingir nada e ela sabia daquilo.

— Sabíamos que ela estava trabalhando com Brandon neste novo projeto, mas não que estava viajando com ele no carro.

Erin trabalhando com Brandon?

Um sentimento de traição tomou conta de mim, porque ele sabia que eu nunca ia aceitar que trabalhasse com a ex-namorada. Todos sabiam que Erin o queria de volta, merda!!

— Desde quando estão juntos?

— Eles não estão juntos, Catriona! Não confunda as coisas. – Ficou visivelmente nervosa ao tentar me explicar “as coisas”. – Erin tem contatos

importantes na Global Corporation e procurou Brandon para propor uma parceria. Ela o apresentaria às pessoas certas e receberia uma espécie de comissão pelo trabalho, caso ele conseguisse fechar um acordo. De início ele negou, mas depois resolveu aceitar, porque era uma excelente oportunidade para vencer a concorrência e se firmar no mercado.

Erin jamais faria aquilo sem segundas intenções, eu tinha certeza! Foi uma forma de estar sempre próxima de Brandon e reconquistá-lo.

— Você sabe o quanto Brandon é determinado quando quer uma coisa. Fergus comentou comigo que depois da última reunião que tiveram com os representantes da Global, ele conseguiu fechar um contrato vantajoso, mas assumiu um compromisso pesado também. Vai ter que se dedicar muito à empresa nos próximos anos para poder cumprir sua parte no acordo.

Fechei os olhos e, por fim, caí na real. Se Brandon já não queria um filho desde o início do relacionamento, agora é que não ia querer de jeito nenhum. Minha gravidez veio na mesma época em que tinha acabado de fechar um contrato que ia exigir total dedicação da parte dele.

Onde nosso filho caberia naqueles planos?

Onde Erin se encaixava naquela história?

— Se já fecharam o contrato, porque ele viajou com Erin para Londres?

Um suspiro de resignação precedeu sua resposta.

— Não sei, Catriona. Mas não faça julgamentos precipitados antes de falar com Brandon – aconselhou, tentando amenizar a situação. – Acho que vocês precisam ter uma conversa franca sobre tudo o que está acontecendo.

Era fácil falar, mas muito difícil viver o que eu estava passando.

— O que você faria se estivesse no meu lugar, Nora? O que pensaria de tudo isso? – Joguei-lhe a pergunta e aguardei, porque sabia que Fergus não dava um passo sem prestar contas a ela de tudo o que fazia. – Não se sentiria traída ao descobrir que seu marido escondeu de você o fato de estar trabalhando com uma ex-namorada que o quer de volta? Ficaria impassível, quando soubesse que ele estava viajando com ela para assinar um contrato que já foi assinado? Não se perguntaria se esta era uma viagem de negócios ou uma comemoração pela transação milionária que conseguiram juntos?

Nora respirou fundo e não emitiu uma única palavra.

— Agora que já estamos de acordo quanto a isso, gostaria de ficar sozinha.

Ela fez um gesto de assentimento com a cabeça e foi pegar a bolsa na cadeira. Antes de sair, virou-se novamente para mim.

— Só queria dizer mais uma coisa. Desde o início, eu nunca concordei com nada disso.

Fechei os olhos, porque aquilo não era consolo algum para mim. Até compreendia que sendo amiga de Brandon, sua lealdade fosse com ele, mas, mesmo sabendo disso, eu não conseguia deixar de sentir mágoa por ela nunca me ter dito nada.



*“Queria fugir da minha
realidade, porque cada
novo evento só me trazia
desilusão e dor.”*





____CAPÍTULO 6

Quando a porta da salinha voltou a abrir minutos depois, julguei que fosse a enfermeira novamente, mas qual não foi minha surpresa ao ver Erin entrar. Tinha o braço esquerdo imobilizado junto ao corpo e leves escoriações no rosto.

Mesmo com os cabelos castanhos desarrumados devido ao acidente, ela conseguia estar bonita. Tinha a idade de Brandon e ambos se conheceram na universidade. Começaram a namorar quase na mesma época em que Fergus e Nora ficaram juntos. O que eu sempre soube, foi que ele acabou o namoro, e ela o queria de volta, mas o motivo do término nunca chegou aos meus ouvidos.

Sete anos mais velha do que eu, Erin passava a imagem de uma mulher bem-sucedida, autoconfiante e realizada. Agora, se era realmente feliz, só ela o sabia.

Eu não pretendia ficar em desvantagem diante dela, por isso resolvi levantar da cama onde me pediram para descansar. Já tinham retirado o cateter da minha mão, e não tive dificuldades em pôr-me de pé. Incrivelmente, o mundo não girou e me senti forte para enfrentá-la, porque eu não tinha dúvida nenhuma que sua presença ali seria uma dura batalha para mim.

— Então você está grávida! – perguntou de forma direta, sem cumprimentos ou meias-palavras.

Escondi muito bem a surpresa, erguendo uma sobrancelha irônica para ela.

— As notícias correm rápido neste hospital.

— Todos sabem que algumas enfermeiras gostam de falar enquanto trabalham. Por acaso, fiquei sabendo que a noiva de Brandon tinha chegado e que havia passado mal quando soube de tudo, por estar grávida. Uma delas, inclusive, me ajudou a vir aqui para me solidarizar com você.

Caminhou com dificuldade até a cadeira e sentou com uma careta de dor, mostrando que não estava tão bem quanto queria aparentar.

— Sabe que pensei que fôssemos morrer? Mas graças a Deus que Brandon é um bom motorista e agiu rápido, conseguindo desviar do caminhão. Batemos na lateral dele e fomos jogados para fora da pista. Se não fosse por isso, a colisão teria sido frontal e, neste momento, estaríamos mortos.

A cena descrita causou um arrepio em mim, ao imaginar perder Brandon daquela forma. Ele era jovem, dinâmico, empreendedor e tinha um futuro brilhante pela frente.

— O que quer aqui, Erin? Não precisamos fingir cordialidade, por isso vá direto ao assunto.

Ela sorriu de uma forma tão friamente cínica, que fiquei pensando se mostrava aquele lado para os homens, como Brandon.

— Vim dizer que barriga não prende homem, querida. Ainda mais um homem como Brandon, que tem alergia a crianças. – Deu uma risada debochada. – Tenho certeza que ele não quer este filho e vai pedir para você interromper a gravidez. Como você é muito certinha, vai dizer que não, e a linda história de amor terminará em tragédia grega. Parece que este golpe da barriga surtiu o efeito contrário do que você esperava.

Daquela vez foi impossível esconder minha surpresa, porque não esperava mesmo que ela soubesse daqueles detalhes sobre Brandon.

— Você está se perguntando agora como eu sei de tudo isso, correto? Pois deixe-me lhe dizer que eu também engravidei quando estávamos juntos e Brandon surtou quando descobriu. Disse com todas as letras que não queria filho nenhum e sugeriu que eu interrompesse a gravidez. Foi o que eu fiz, já que ele não me apoiou em nada, nem eu tinha vontade de criar um filho sozinha. Éramos jovens, começando a nossa vida profissional, por isso, foi a melhor decisão na época.

Um silêncio pesado tomou conta do ambiente e eu não o quebrei, porque estava tentando assimilar tudo aquilo sem surtar completamente. Saber que Erin passou pela mesma situação que eu estava passando agora, e que, da mesma forma, Brandon não quis o bebê, estava sendo um golpe duro demais para aceitar.

O único consolo que eu tinha, era o fato dele ter pedido um tempo para pensar e aceitar a situação, em vez de sugerir que interrompesse a gravidez. Mas ficava a dúvida se, no futuro, ele não faria isso.

“Você só está com quatro semanas?”

Forcei-me a ficar impassível diante de Erin, ao lembrar da pergunta que Brandon fez quando soube, mas ela parecia disposta a tirar alguma reação de mim.

— Não tem nada a dizer?

— Eu nunca tive nada para lhe dizer, Erin. Foi você quem veio me procurar, porque precisava jogar seu veneno no meu relacionamento. Se era só isso o que tinha a dizer, pode ir embora.

Ela riu novamente. Outro riso que não chegou aos olhos.

— Sempre orgulhosa e arrogante, só porque acredita ter conquistado Brandon. Pois acho melhor começar a pensar nos motivos que o fizeram estar comigo este fim de semana, em vez de estar com você. Estamos muito mais próximos do que antes e fazendo algo que nós dois gostamos. Temos muitos interesses em comum, além de um passado difícil de esquecer. É comigo que ele tem partilhado suas vitórias profissionais, seus planos e anseios para o futuro. Sou eu quem o estou ajudando a crescer como empresário de sucesso no

concorrido mundo das empresas de Tecnologia da Informação.

Claro que tudo aquilo me magoava profundamente, mas não ia ser agora que eu deixaria ela perceber que conseguiu me atingir.

— O que estou começando a pensar, Erin, é o que há de errado em você – disse-lhe em um tom frio e controlado. – É uma mulher bonita e bem-sucedida, mas que, até hoje, não conseguiu construir uma vida afetiva minimamente satisfatória, a ponto de passar cinco anos insistindo em reconquistar um homem que a abandonou no passado. Quando eu conheci Brandon, ele estava sozinho, por opção, há quase dois anos, focado unicamente na empresa. Acho que é um tempo mais do que suficiente para ele ter voltado para você, se quisesse. Posso até perdê-lo um dia, mas não acho que seja para você.

Ela não gostou de ouvir a verdade, pois sua boca apertou-se em uma careta de raiva, que não tinha nada a ver com a careta de dor que tinha feito minutos antes.

Quando Erin ia responder, a enfermeira entrou na sala, abrindo um sorriso quando nos viu juntas.

— Sinto muito interrompê-las, mas precisamos que volte ao seu quarto, senhorita Dawson. O médico está fazendo a ronda e em breve vai dar-lhe alta.

Para minha raiva, ela encheu os olhos de lágrimas, parecendo a imagem do desespero. Estendeu a mão trêmula para a enfermeira, em uma encenação digna de um Oscar.

— Não posso deixá-lo sozinho neste momento. Sinto que preciso estar com ele, para dar-lhe forças. Brandon vai querer ver com os próprios olhos que estou bem e ter certeza que não aconteceu nada sério comigo. – Olhou para mim, como se partilhássemos daquela reivindicação.

— Acredito que o médico entenderá isso. – A enfermeira deu-lhe apoio para se levantar e depois olhou para mim. – Aguarde aqui que o médico chegará em breve.

Erin me olhou com carinho, mostrando bem a filha da puta que era.

— Sim, querida. Procure descansar, porque farei o mesmo. Precisamos ser fortes para dar apoio a Brandon. Sem dúvida que ele vai se sentir responsável

pelo que aconteceu. — Então, olhou para a enfermeira. — Ele estava muito distraído, sabe? Pedi várias vezes para dirigir em seu lugar, porque senti que ele não estava bem. Tive a impressão que eram problemas pessoais, por isso quis partilhar minhas suspeitas com Catriona. Talvez ela saiba do que se trata e possa ajudá-lo, resolvendo a situação. Só de pensar que ele está entre a vida e a morte por causa disso, fico angustiada.

— Teremos um novo boletim médico sobre o estado de saúde dele em poucas horas e veremos como está reagindo ao trauma da batida. Enquanto isso, é melhor que ambas descansem.

A enfermeira levou-a embora e eu fiquei lá, olhando para o nada que se descortinava à minha frente.

Baixei a cabeça e cobri o rosto com as mãos, sem conseguir mais conter os soluços. Mesmo sabendo que Erin faria de tudo para me afastar de Brandon, ela havia acertado o alvo ao dizer que ele poderia morrer por minha causa, já que, sem dúvida, nossos problemas pessoais foram os responsáveis por tirar-lhe a concentração da estrada.

— Senhor! Por favor, não o deixe morrer!



Dois dias após o acidente, Brandon deu os primeiros sinais de volta à consciência, assim que os médicos o tiraram do coma induzido. As primeiras 24 horas foram terríveis para mim, mas mantive-me forte, apesar de tudo.

Fergus e Nora revezavam-se ao meu lado, para que eu nunca ficasse sozinha. Cheguei a dormir uma noite no hotel, mas passei quase o dia inteiro no hospital. A única coisa que eu soube de Erin é que teve alta, mas ficou hospedada em casa de amigos que tinha em Londres. Não nos cruzamos novamente, mas eu tinha certeza que ela continuava indo ao hospital atrás de notícias.

Quando o médico disse que Brandon ia se recuperar sem sequelas, eu já tinha tomado uma série de decisões na minha vida. Assim que me informaram que ele abriu os olhos para uma nova vida e que, naquele mesmo dia, sairia da UTI para um quarto particular, eu pedi para vê-lo pelo vidro da sala.

Era minha despedida.

Passei lá o tempo que precisava para guardá-lo no meu coração, mas logo depois voltei à sala de espera e encarei Nora.

— Estou indo embora.

Ela não questionou minha atitude, apenas soltou um suspiro de tristeza e olhou-me com compreensão.

— Eu a conheço muito bem, Catriona, e já desconfiava que faria exatamente isso. Mas saiba que Brandon não vai aceitar sua decisão.

— Diga-lhe que estou dando o tempo que ele pediu para aceitar.



*“Diga-lhe que estou
dando o tempo que
ele pediu para aceitar.”*





____CAPÍTULO 7

Galway - Irlanda, dois anos depois

— Não quer mesmo ir para a festa de Halloween de Eileen? – Gilian insistiu pela milésima vez, fechando a porta da clínica.

— Já falei com ela e disse que não posso mesmo. Hoje não tenho com quem deixar Brodie e também quero descansar. – Dei a desculpa de sempre, sem me importar nem um pouco com aquilo.

Despedimo-nos e entrei no carro para ir pegar Brodie. Eu estava trabalhando há três meses naquela clínica, desde que meu filho completou um ano de idade e achei que já era hora de o colocar na creche.

Eu sentia saudades da minha clínica em Dublin, que fechei quando voltei de Londres dois anos atrás. Levei um dia inteiro para tirar o que era meu do apartamento de Brandon, trocar o número do meu celular e ir para a casa da minha mãe, que morava sozinha em Portmarnock desde o divórcio do meu pai. Nossa relação era muito boa e contei sobre Erin e o quanto eu estava me sentindo traída.

— Calma, filha. Talvez seja melhor você esperar Brandon sair do hospital e se explicar sobre esta mulher. As coisas podem não ser o que aparentam. Acho que ele tem o direito de se justificar.

Neguei com a cabeça, limpando as lágrimas do rosto. Infelizmente, não era tão simples assim.

— Eu estou grávida, mãe!

Uma expressão de felicidade tomou conta do rosto dela, que me abraçou apertado.

— Meu Deus! Vou ser vovó! – Deu um beijo no meu rosto. – Estou tão feliz, filha!

Não consegui evitar um sorriso triste, porque aquela era a aceitação amorosa que eu esperava do homem que eu amava. Mas que, infelizmente, não tive.

— Brandon não quer o bebê. – Minhas palavras a fizeram afastar-se e me olhar, incrédula. – Ficou furioso quando soube, discutimos, nos afastamos emocionalmente e tudo mudou. Nos últimos dias, parecíamos dois estranhos dividindo o mesmo apartamento e a mesma cama. Não fizemos mais amor, nem houve carinhos, abraços à noite ou beijos de manhã. Acabou-se tudo.

Só quando terminei de contar o que tinha acontecido desde que falei para Brandon sobre a gravidez, foi que minha mãe viu a dimensão do drama que eu vivia e os motivos que me fizeram estar ali na casa dela, pronta para sair da cidade.

Ela me apoiou incondicionalmente e seu apoio me deu forças para seguir em frente.

— Você fez bem, filha. Mas eu não esperava isso de Brandon. – Seu rosto estava sério quando me abraçou junto ao peito. – Você não é obrigada a ir embora da cidade por causa dele. Sei que é uma situação difícil, ainda mais se ele começar a desfilhar com Erin por aí depois da separação. Só acho que você poderia voltar a morar comigo e tentar refazer sua vida aqui em Dublin. Meu neto será muito amado por nós duas e tudo dará certo.

Ela tinha razão e eu até poderia ter ficado, mas naquela época me sentia emocionalmente desestruturada, destruída por dentro e incapaz de fingir que havia superado uma dor que não passava. Estava demasiado sensível e a

pressão que sofri desde que soube da gravidez foi decisiva para minha mudança de cidade. Eu queria paz e só a encontraria longe de tudo o que me magoava.

— Eu preciso ir, mãe. Me entende, por favor.

— Vou ficar preocupada com você grávida e longe de casa.

— Sou uma mulher adulta e nada de mal vai me acontecer. É pouco mais de duas horas de carro até Galway e você poderá me visitar sempre que quiser até o bebê nascer.

Ela demorou a aceitar a situação, mas, por fim, consegui convencê-la.

Dois dias depois, mudei-me para Galway, o local que escolhi por achar que morar no lado oposto de Dublin seria longe o suficiente para refazer minha vida e não reencontrar ninguém do passado. Como minha mudança foi feita às pressas, apenas aluguei um quarto na cidade, onde ficaria até encontrar um apartamento e organizar minha vida.

Soube por minha mãe que Brandon a procurou na semana seguinte à minha partida, perguntando por mim. Sua resposta foi a mesma que deixei com Nora: que estava dando o tempo que ele pediu para aceitar.

— Se eu não tocasse no assunto da gravidez, acho que ele nem o faria. Só perguntou onde você estava, dizendo que precisavam conversar.

— Mãe! Por que trouxe o assunto à baila se ele não falou nada? Bastava ter dado o recado que deixei.

— Sinto muito filha, mas sou sua mãe e não tinha como ficar calada. Ele agiu errado com você e precisava ouvir a verdade.

Até gemi quando escutei aquilo.

— O que andou dizendo para ele?

— Não se preocupe porque não toquei no assunto de Erin. O que me interessa é unicamente a sua gravidez. Disse-lhe que ter um filho era uma bênção e eu estava muito triste e decepcionada em vê-lo renegar o meu neto. Achei que Brandon fosse dizer que eu estava enganada, porque queria muito o filho, mas ele emudeceu. Ficou tanto tempo calado que até me questionei se tinha falado em grego. Quando abriu a boca de novo, foi para dizer que amava você e precisavam conversar urgentemente.

Meu coração disparou no peito e tentei aparentar naturalidade quando encontrei voz para falar.

— E o que lhe disse, mãe?

— Que um homem que ama sua mulher também ama os filhos que tem com ela. E que se você decidiu se afastar, tinha suas razões, por isso não lhe diria onde estava. Brandon insistiu que precisavam conversar e eu insisti que se você deu o tempo que ele precisava para aceitar, que ele também lhe desse o mesmo tempo para aceitar tudo o que ouviu dele.

“Pedir um tempo” ou “dar um tempo” em um relacionamento, era sempre sinônimo de crise e um possível fim. Infelizmente, aquela era uma verdade que eu estava sentindo na pele.

— Ele estava nervoso e abatido – ela continuou do outro lado da linha. – Parecia até meio desesperado, mas em momento algum disse que queria o filho, por isso encerrei a conversa e convidei-o educadamente a sair da minha casa.

Ouvir aquilo tudo não me ajudou em nada, mas serviu para reforçar minha decisão de ficar bem longe de Dublin. Minha maior raiva era que, apesar de tudo o que aconteceu, meu amor por Brandon não diminuía, só crescia. Preocupada com seu estado de saúde, passei a pesquisar na internet todas as notícias sobre ele, para ter certeza que havia se recuperado mesmo, como os médicos disseram. No início, encontrei apenas as manchetes do acidente.

“Brandon Campbell, dono da BC Intercom, sofre acidente em Londres.”

O texto citava o testemunho da mulher que estava com ele na ocasião, Erin Dawson. Ver o nome dela sempre ligado ao de Brandon começou a me fazer tremendamente mal. Quando soube que ele tinha voltado para Dublin, deixei de procurar informações na internet.

No Natal daquele ano, que teria sido o primeiro que eu passaria com Brandon em nossa nova casa, completei dois meses de gravidez. Minha mãe veio passar o Natal comigo e, meses depois, em julho, voltou para o meu parto.

No Natal seguinte, Brodie já estava entre nós para alegrar as festas de fim de ano. Com seus cinco meses de vida, monopolizou a atenção da avó, que o babava o tempo todo.

Como sempre, ela me pedia para voltar à Dublin, por achar que Brandon era um assunto resolvido. Ele nunca mais voltou a me procurar, seguindo com a sua vida.

E foi assim que eu comecei a pensar se valia a pena ou não mudar novamente de cidade. Eu gostava dali e tinha até planos de abrir minha clínica outra vez, mas resolvi esperar um pouco mais, pelo menos até Brodie estar maior. Por enquanto, eu estava trabalhando em tempo parcial na clínica de Eileen, a dona da festa de Halloween que eu acabava de declinar.

Entrei na creche e já encontrei Brodie prontinho, segurando a mão de Agata. Assim que me viu, ergueu os bracinhos para mim.

— Mamã.

— Olá, meu amorzinho!

Peguei-o e abracei junto ao peito, dando vários beijinhos barulhentos e fazendo-o rir. Só depois falei com a professora.

— Como foi o dia dele?

— Um típico dia de Halloween, com muitas travessuras e gostosuras.

— Aaah, então tivemos muitos doces hoje, rapazinho? – brinquei com ele, que riu ainda mais.

Brodie tinha os cabelos ruivos do pai, os mesmos olhos de um azul esverdeado e várias sardas nas bochechas rosadas. Estava crescendo rápido e tudo indicava que seria tão alto quanto Brandon.

Despedi-me de Agata e o levei rápido para o banco de trás do carro, tentando escapar do vento frio do fim de outubro. Mais um Natal se aproximava e aquela data era sempre difícil para mim, por me fazer lembrar da festa de Natal que nunca se concretizou na casa que Brandon havia comprado para nós. Mesmo depois de dois anos, infelizmente eu ainda não tinha conseguido esquecê-lo.

A presença de Brodie me ajudava muito, porque enchia os meus dias com muitas atividades e grande troca de amor. Mesmo parecendo tanto com o pai, eu evitava todo o resto que pudesse me lembrar de Brandon, por isso, não sabia se voltar para Dublin era uma boa decisão.

— Venha pelo menos passar este Natal comigo. Tenho saudades do meu neto. – Minha mãe continuava insistindo a cada ligação que fazia nos fins

de semana. – Quando chegar aqui, você vai ver que tenho razão quando digo que não há risco algum de se reencontrarem. Já se passaram dois anos e Brandon nem mora mais no mesmo lugar. Provavelmente se mudou para um bairro melhor, já que a empresa dele cresceu muito.

Eu nunca contei nada para ela sobre a casa que ele havia comprado para nós dois, talvez por ser algo que fosse muito especial para mim. Saber que ele não morava mais no antigo apartamento, fez-me pensar que talvez estivesse morando nela. Quem sabe até mesmo com outra mulher, como Erin.

Lembrar de um passado doloroso nunca era bom, mas viver assombrada por ele era pior ainda. Talvez minha mãe estivesse certa e eu devesse voltar, enfrentando o meu passado e superando-o de vez.



*“Lembrar de um passado
doloroso nunca era bom,
mas viver assombrada por ele
era pior ainda.”*





____CAPÍTULO 8

Em fins de novembro, informei à Eileen que deixaria de trabalhar para ela. Mesmo que meus planos não dessem certo e eu voltasse para Galway, pretendia abrir minha própria clínica.

Assim, quando dezembro chegou, comecei a me programar para passar o Natal em Dublin. Como já estava de férias, pretendia chegar bem antes da data, para aproveitar bastante a companhia da minha mãe e ver quantas outras clínicas veterinárias existiam agora nas imediações da minha.

Coloquei Brodie no berço com seus brinquedos e fui abrir o guarda-roupa para tirar duas malas na parte superior, disposta a arrumar o que ia levar na viagem. Quando estava puxando a última, uma sacola veio junto e caiu, espalhando tudo o que tinha dentro dela no chão.

— Ora, mas que droga!

Abaixei-me para organizar a bagunça. Eram coisas que joguei de qualquer jeito dentro das sacolas quando saí às pressas do apartamento de Brandon. Comecei a colocar tudo de volta, estranhando que muitos eram objetos que eu nem lembrava mais de ter trazido de lá. No meio deles, vi um álbum de fotos pequeno, que, definitivamente, não era meu.

Intrigada, folheei as páginas e encontrei fotos da família de Brandon. Foi quando percebi, chocada, que havia trazido por engano coisas que eram dele.

No álbum, o pai de Brandon aparecia bem mais jovem, sempre ao lado de uma mulher muito bonita de cabelos ruivos, pele branca e corpo delicado, que só podia ser a esposa. Eu nunca tinha visto nenhuma foto dela. Só sabia que se chamava Deirdre, já que Brandon raramente falava da mãe.

Não a conheci, porque faleceu antes de começarmos a namorar. Na época, o Sr. Niall morava sozinho na residência que havia partilhado com a esposa, enquanto Brandon vivia no apartamento. Sempre perguntei a mim mesma porque pai e filho não passaram a morar juntos depois da morte dela. Mas desisti de esclarecer a situação, quando percebi que os dois tinham um relacionamento estranho, como se suportassem a presença um do outro. E foi por isso que sempre respeitei o silêncio de Brandon sobre o assunto.

Fui virando as páginas, vendo várias fotos do casal sozinho ou dela com Brandon. Não havia nenhuma foto de pai e filho juntos.

Senti como se estivesse invadindo a privacidade dele, mesmo tendo sido sua noiva. Já ia guardar o álbum, quando uma foto chamou minha atenção. Era a mãe dele, agachada ao lado de um cachorro da raça Kerry Beagle. Apesar de ser um filhote, eu o reconheci de imediato pela coleira que usava, porque era larga e tinha o nome dele: Otto.

Meu Deus!

Sem acreditar no que estava vendo, caí sentada no chão do quarto, lembrando do dia em que conheci Brandon. Ele entrou na minha clínica trazendo um cachorro da raça Kerry Beagle ao colo, embrulhado em um cobertor.

— Sei que não marquei consulta, mas você atende casos de urgência?
— Ele tinha a expressão séria e tensa, mas minha atenção foi desviada para a mancha de sangue visível no cobertor.

— Acompanhe-me, por favor! — Fui para minha sala de atendimento e

pedi que o colocasse sobre a mesa de exames.

Apesar de ser uma profissional, fiquei horrorizada com o estado em que o pobre cachorro estava. Tinha ferimentos por todo o corpo, como se tivesse sido açoitado. Não consegui identificar que tipo de material usaram para o golpear, mas ele estava mesmo muito machucado.

— Quem fez isto com ele? – perguntei, revoltada, começando a pegar o material que precisava para cuidar dos ferimentos.

— Eu o encontrei na rua e trouxe logo para cá. Mas não se preocupe, porque vou pagar por todo o tratamento.

Na época, eu não tinha como desconfiar de nada, nem quando Brandon retirou a coleira e guardou no bolso do casaco, muito menos quando passou a falar suavemente com o animal durante todo o tempo em que o tratei, como se o conhecesse. O elo de confiança entre os dois era visível, mas achei que fosse por ele ter um jeito natural com os cachorros.

Quando terminei, tive que ser sincera sobre as condições do animal.

— Não posso garantir que ele ficará bom, porque já é de certa idade. Terá que ficar internado até melhorar.

— Sim, eu entendo e agradeço muito. Como já disse, pagarei todas as despesas.

E foi o que fez, voltando na tarde seguinte para ver como o cachorro estava. Mais relaxado do que no dia anterior, enfim, ele pareceu me notar de verdade.

Eu sabia que era bonita e que impressionava quando estava com meus cabelos louros soltos, maquiada, usando saltos altos e bem vestida. Só que, no meu trabalho de veterinária, eu não me achava nada atraente para conquistar um homem do porte de Brandon. Com sapatos fechados tipo tênis, usando minha farda verde-água com uma bata branca por cima, e com os cabelos amarrados em um coque firme na nuca, eu nunca seria o tipo de mulher que chamaria a atenção por onde passasse.

Mas foi vestida como veterinária que recebi o primeiro convite de Brandon para um jantar, um mês depois. Começamos a nos envolver um com o outro, até que aconteceu nossa primeira noite de amor e nos tornamos inseparáveis. Ou, pelo menos, era o que eu achava que seríamos.

De pernas cruzadas no chão do meu quarto, saí revirando as fotos.

Encontrei outras de Deirdre com o Kerry Beagle e fiquei com a impressão que o cachorro era dela. Em apenas uma das fotos, era Brandon quem aparecia com ele. O Sr. Niall, nunca.

Aquelas fotos me contavam uma história familiar estranha, ainda mais porque pai e filho tinham um relacionamento tão frio quanto os polos. Durante todo o tempo em que Brandon ficou na UTI, o Sr. Niall não apareceu, muito menos ligou, para saber como ele estava.

Lembrei do dia em que cheguei do trabalho e, antes de abrir a porta do apartamento onde morávamos, ouvi vozes exaltadas lá dentro. Quando entrei, extremamente preocupada, encontrei os dois se encarando com animosidade. Eles se calaram com a minha entrada, e depois de um cumprimento seco, o Sr. Niall saiu, parecendo irritado.

— O que aconteceu?

Foi a única coisa que ousei perguntar naquela ocasião, por não querer me meter demais no seu relacionamento com o pai. Um pai que nunca era citado espontaneamente. Brandon só falava algo dele quando eu perguntava diretamente.

— Niall não gostou porque troquei a fechadura do apartamento.

Niall. Nunca era pai ou papai. Apenas Niall.

Fechei os olhos e respirei fundo, tentando me livrar da incômoda sensação de que existiam segredos no passado de Brandon que ele escondeu muito bem de mim.



*“Existiam segredos no
passado de Brandon
que ele escondeu
muito bem de mim.”*





____CAPÍTULO 9

Cheguei em Dublin no primeiro fim de semana de dezembro, assim eu aproveitaria o mês inteiro com minha mãe e ainda teria tempo para analisar a possibilidade de voltar de vez.

Mesmo com um certo receio de encontrar algum conhecido em comum com Brandon, uma parte de mim tinha consciência que não havia nada a temer com relação àquilo. Ainda que ele viesse a saber que eu voltei à cidade, não acreditava que fosse me procurar com intenção de voltarmos a ficar juntos, afinal, dei-lhe a liberdade que queria com a desculpa de “um tempo para aceitar”.

Brodie, com seu 1 ano e 5 meses, era um filho não desejado pelo pai, por isso, Brandon não teria interesse em conhecê-lo, muito menos em ficar com ele.

Foi com esta lógica na cabeça que, na sexta-feira, estacionei o carro em frente à casa da minha mãe, que rapidamente desceu as escadas para nos receber. Com cinquenta e cinco anos, ela mantinha a aparência jovial de sempre, apesar de estar ligeiramente acima do peso. Mesmo divorciada há quatro anos do meu pai, que atualmente morava na França, ela não tinha se interessado por nenhum outro homem a ponto de estar disposta a assumir um compromisso sério. Dizia que gostava da liberdade que havia conquistado com o divórcio, que lhe permitia ter bastante tempo livre para o seu hobby preferido, que era escrever romances.

— Meus amores chegaram!!

Comecei a rir, porque apesar de falar no plural, ela correu logo para tirar o neto da cadeirinha no banco de trás.

— Perdi mesmo a vez! – brinquei com ela, descendo do carro.

— Oh, não seja ciumenta, Catriona! – Minha mãe devolveu a brincadeira, sendo abraçada com carinho por meu filho, que soltava gritinhos de “vó” para ela. – Depois eu lhe dou colo, filha. Mas, primeiro vem Brodinho.

Segurando o riso, fui tirar a bagagem do carro e os segui para dentro de casa. Era bom voltar para o aconchego materno com a paz no coração, porque, dois anos atrás, eu estava tão desesperada para desaparecer do caminho de Brandon que não aproveitei o tempo que passei lá.

No caminho para o quarto, notei que ainda não havia árvore de natal na sala.

— Sem árvore ainda?

— Joguei a velha fora e resolvi esperar vocês chegarem para irmos comprar uma nova, já que é o primeiro Natal que Brodie passa na casa da avó. Quero tudo novo para ele!

E foi isso o que fizemos no sábado. Saímos de manhã cedo para fazer compras e só voltamos no fim da tarde, cheias de sacolas com enfeites e brinquedos novos para Brodie. Passamos o domingo decorando a árvore e espalhando ornamentos por toda a casa.

— Quando entra de férias de Natal, mãe?

Ela trabalhava como professora de literatura na escola local e, no

passado, quando as aulas terminavam, ficávamos as duas de férias na mesma época.

— Este ano pedi para sair mais cedo, por conta de Brodie. Quarta-feira já estou de férias.

Estávamos jantando, com meu filho sentado entre nós duas e fazendo uma verdadeira festa com o prato de comida à sua frente.

— Amanhã vou à clínica e levarei Brodie. Não quero esperar até quarta-feira.

— Deixei tudo como você pediu e tenho ido regularmente ver como estão as coisas. Mas deve ter muito medicamento vencido e material para jogar fora, que só você pode fazer.

No dia seguinte, quando ela ia sair para o trabalho, nós dois já estávamos prontos para visitar minha clínica.

— Tenha cuidado para ele não pegar muito frio, Catriona. Este inverno está mais rigoroso.

— Ele está bem agasalhado e terei cuidado, mãe. Ligo quando já estivermos em casa.

Entrar na *Animal World Veterinary Clinic* depois de dois anos fez meu coração se apertar de saudades. Eu a abri assim que me formei, recebendo ajuda financeira do meu pai, que na época ainda não tinha se divorciado da minha mãe.

Brodie começou a espernear para descer dos meus braços assim que viu as imagens de cachorros e gatos que estavam penduradas nas paredes da recepção. Havia também uma pequena coleção de brinquedos para animais nos armários abertos, além de miniaturas de bichinhos para as crianças que visitassem a clínica com os pais.

Levei-o até lá, mostrando tudo e dizendo o nome das coisas para estimular sua fala.

— Cão. Gato. Peixe.

Ele saía repetindo do seu jeito fofo, querendo pegar em tudo o que via pela frente. Deixei-o entretido com alguns brinquedos inofensivos para sua idade e sentei ao seu lado, verificando as correspondências acumuladas. Rasguei o que não prestava e guardei o que era importante na bolsa, para analisar com calma

em casa.

Não confiava em deixar Brodie sozinho na recepção com tantos objetos pequenos à mão, por isso levei-o comigo para ver mais duas salas, uma de consultas e outra equipada para pequenas cirurgias.

Andar em todas as dependências da clínica aumentou a minha vontade de reabri-la e de morar novamente na cidade. Aquele foi o primeiro contato com o meu passado, já que foi ali que eu e Brandon iniciamos nossa história, mas eu me sentia bem. A dor que me levou para longe havia amenizado, porque meu filho veio para curar tudo dentro de mim. O meu amor era todo dele, que era retribuído em igual intensidade.

Finalmente, dei por terminada aquela primeira ida à clínica. Veria o resto quando minha mãe estivesse de férias e eu pudesse deixar Brodie com ela. Saí e coloquei-o em pé à minha frente, para fechar a porta. Depois, ajeitei seu impermeável, puxei melhor o capuz sobre os cabelos ruivos, para protegê-lo do vento frio que soprava com força naquela manhã, e o coloquei nos braços.

Estava fechando o portãozinho do terraço, quando vi um enorme Bentley preto parado atrás do meu carro. Mesmo sem querer, lembrei de outros tempos, em que Brandon estacionava seu Golf no mesmo lugar, sempre que vinha me visitar na clínica.

Afastando as lembranças do passado, desci pela calçada, observando a porta do Bentley abrir. Não conhecia o carro, mas o homem que desceu dele segundos depois, eu reconheci imediatamente.

Brandon!!



*“A dor que me levou
para longe
havia amenizado,
porque meu filho
veio para curar
tudo dentro de mim.”*





____CAPÍTULO 10

Brandon ficou parado ao lado do Bentley, parecendo em choque ao me ver com Brodie nos braços. Fiquei com a impressão que ele acreditava que eu não tinha seguido em frente com a gravidez, interrompendo-a. Então lembrei de Erin, que fez exatamente aquilo, e entendi sua reação.

Dominada por um choque diferente do dele, eu nem tive tempo de raciocinar sobre o motivo que o fez estar ali, visivelmente aguardando minha saída da clínica. Também não tinha como dar meia volta, muito menos fingir que não o vi, por isso segui em frente, apertando Brodie com mais força junto ao peito. Ele passou os bracinhos por meu pescoço e escondeu o rosto nele, como sempre fazia quando andávamos pelas ruas frias de Galway.

Brandon aproximou-se com o andar decidido e a expressão séria, o sobretudo comprido agitando-se com o vento e deixando entrever o elegante

terno que vestia. Ele estava muito diferente, usando uma barba cheia, bem desenhada e atraente, mas que também o deixava com uma aparência fechada, desencorajando aproximações.

Paramos, nos encarando por um tempo que pareceu uma eternidade. Depois, seu olhar desviou-se de mim para Brodie, e percebi a tensão tomar conta dele quando um músculo começou a contrair-se no seu maxilar. Aquela era uma característica de Brandon que eu lembrava perfeitamente bem e que ficava visível sempre que ele estava sob forte *stress*.

— Bom dia, Brandon. – Resolvi tomar a iniciativa do cumprimento para aliviar a tensão, afinal, eu não tinha nada a esconder dele, muito menos satisfações a dar sobre minhas decisões do passado.

Ele voltou a me encarar e vi no seu olhar um turbilhão de emoções, entre elas, uma vulnerabilidade desconcertante. Sem saber o que achar daquilo, até me surpreendi com o seu cumprimento calmo.

— Bom dia, Catriona. – O timbre grave, que eu não ouvia há dois anos, trouxe-me saudades dos velhos tempos, mas me forcei a não deixar transparecer o quanto fiquei abalada com aquilo.

A voz masculina chamou a atenção de Brodie, que virou o rostinho para o homem parado à nossa frente. Pai e filho se olharam pela primeira vez, enquanto eu inspirava fundo para aliviar a emoção dentro de mim, ao perceber que podíamos ter sido uma linda família se tudo tivesse sido diferente.

Às vezes, a vida era um pouco injusta, porque meu filho nem sabia que aquele era o pai dele.

Brandon ficou parado, o olhar fixo em Brodie, certamente vendo as semelhanças gritantes que existiam entre os dois. Não me perguntou se aquele era o bebê que rejeitou, pedindo um tempo para aceitar. Senti que o reconheceu de imediato como sendo o seu filho, porque passou uma mão nervosamente pelos cabelos ruivos, que agora estavam ligeiramente mais curtos do que na época em que estávamos juntos.

Ele pigarreou, visivelmente perturbado.

— É um menino – afirmou com a voz enrouquecida.

Sem saber o que dizer, apenas confirmei.

— Sim, é.

— Qual o nome dele?

— Brodie.

Achando que eu falava com ele, meu filho respondeu.

— Mamã?

Dei-lhe um beijo no rosto.

— Já vamos, amorzinho – respondi, e depois olhei para Brandon. – Como soube que eu estava aqui?

— Você se esquece que fui eu quem instalei o sistema de segurança na clínica. Sei exatamente quem entra e sai dela.

Que burra! Esqueci disso quando fui embora!

Nem perdi tempo perguntando porque ele deixou o sistema funcionando durante dois anos, mesmo sem receber pagamento e com a clínica fechada.

— Preciso ir. Está frio demais para ele.

Mal terminei de falar, uma forte ventania soprou, trazendo o primeiro indício de uma possível chuva, por conta das nuvens pesadas que cobriam a cidade. Brandon mudou de posição, colocando-se contra o vento e nos protegendo de parte da sua força.

Ajeitei o capuz de Brodie e logo ele voltou a esconder o rosto no meu pescoço.

— Precisamos conversar, Catriona.

— Sobre o quê?

Nunca tivemos dificuldades em falar abertamente sobre qualquer coisa, por isso fui direto ao assunto. Não pretendia marcar nenhuma conversa para ouvir explicações sobre o que eu não queria saber, como Erin Dawson.

— Sobre nós dois e nosso filho.

Imediatamente notei a mudança na entonação da voz ao citar o filho. No passado, ele se referia ao bebê como “isso” ou “falha”, mas agora havia

firmeza no uso das palavras, como se quisesse deixar bem claro que, enfim, o estava assumindo.

Seria aquele o indício de que a aceitação aconteceu?

Em nome do amor que eu sentia pelo meu filho, esperava que sim, porque Brodie tinha o direito de ter um pai amoroso e protetor que o guiasse na vida. Quanto a nós dois, era outra história.

— Podemos marcar um dia – concordei, tirando o chaveiro do bolso e destravando o carro.

Brandon abriu a porta traseira para mim e acomodei Brodie na cadeira de bebê.

— Já estamos indo para a casa da vovó.

— Vó. Fome mamã.

Minha mãe o mimava tanto com os quitutes que fazia, que Brodie estava começando a associar ela com comida.

— Só mais um pouco, amorzinho.

Dei-lhe seu carrinho favorito para brincar durante o caminho e depois fechei a porta, encarando Brandon.

— Ele tem fome e preciso mesmo ir.

— Então me dê seu número para que eu possa ligar. O outro está desativado – pediu, tirando o celular do bolso do casaco.

Ignorei o comentário sobre eu ter desativado meu antigo número, e passei-lhe o novo, enquanto abria a porta do carro. Quando ele terminou de registrá-lo, me despedi.

— Foi um prazer revê-lo, Brandon. – Era uma despedida bem formal para um casal que antes se despedia com um beijo apaixonado na boca.

Acho que ele pensou o mesmo que eu, porque seu olhar baixou para os meus lábios, e o meu coração traiçoeiro acelerou suas batidas.

— Foi um prazer para mim também, Cat.

Sua resposta não foi nada formal, mas com uma entonação muito

íntima e pessoal. Sem querer fazer papel de boba, entrei rapidamente no carro e fechei a porta. Tinha acabado de ligá-lo, quando Brandon bateu com os nós dos dedos no vidro da janela.

Baixei o vidro e olhei-o.

— Vou acompanhá-la até a casa de sua mãe. O tempo está fechando rápido.

— Não é preciso. Ficaremos bem.

— É preciso sim.

Lá estava novamente aquele tom irredutível de quem fazia o que achava que devia fazer. Decidi que se ele queria se dar ao trabalho de me seguir, então que seguisse.

— Tudo bem, Brandon.

Fechei a janela, liguei o aquecedor e saí pela rua. Segundos depois, avistei pelo espelho retrovisor o Bentley preto atrás de mim, mas fingi ignorá-lo.

— Seu papai continua o mesmo, amorzinho – conversei com Brodie, que fazia sons ininteligíveis ao brincar com o carrinho. – Autoritário e só faz o que quer.

O percurso até a casa da minha mãe demorava cerca de trinta minutos de carro, mas, em menos tempo do que isso, uma nuvem carregada chegou ao seu limite e despejou tudo de uma única vez sobre aquela parte da cidade. A visibilidade diminuiu e pisei no freio, reduzindo a velocidade.

— Mas que droga!

Atrás de mim, os faróis do Bentley piscaram duas vezes e logo depois veio o som da buzina, chamando minha atenção. Fiquei sem entender o que Brandon queria, até vê-lo me ultrapassar e ficar à minha frente, as luzes da traseira do seu carro, que era bem mais alto do que o meu, servindo de guia no meio da chuva.

— Espertinho!

Apesar do comentário, eu tinha que admitir que ele foi previdente ao insistir em me acompanhar. Respirei aliviada, enquanto seguíamos lentamente no meio do aguaceiro até a casa da minha mãe.

Brandon parou na calçada da rua e eu entrei com o carro na garagem aberta em frente à casa. O problema era que não tinha como levar Brodie no colo debaixo daquela chuva, sem que ele se molhasse todo. Estava pensando o que fazer, quando meu celular tocou.

Era Brandon.

— Separe a chave da casa e me dê. Vou abrir a porta para vocês.

Nem pensei em negar, porque meu filho estava em primeiro lugar.

— Tem sombrinhas penduradas no suporte que está no canto do hall. — Aquela resposta era suficiente para ele saber que eu não ia negar sua ajuda.

Peguei a chave e, assim que ele apareceu, entreguei-lhe. Brandon subiu as escadas e abriu a porta, desaparecendo dentro de casa. Quando voltou, foi com uma sombrinha na mão, que armou e trouxe para mim.

Em pé ao meu lado, ele me protegeu da chuva durante o tempo que levei para retirar Brodie do banco de trás. Depois, passou o braço pelos meus ombros, trazendo-nos para mais perto dele, e seguimos para dentro.

Já no hall, coloquei Brodie no chão, que logo sentou no tapete para brincar com o carrinho. Brandon fechou a porta, impedindo que o vento frio entrasse na casa, e me entregou a sombrinha.

— Leve com você — ofereci, observando o quanto ele já estava molhado.

— Não é necessário. Vocês podem precisar mais do que eu. — Olhou para Brodie, parecendo satisfeito ao ver que ele não havia se molhado com a chuva. — Amanhã eu ligo. Mas se precisarem de qualquer coisa antes, ligue-me, por favor.

— Liguei.

Ele ainda ficou algum tempo olhando para o filho que brincava no chão, para só então se despedir de vez.

— Até breve, Catriona. — Prendeu meu olhar com uma intensidade perturbadora, antes de abrir a porta e ir embora.

— Até.



*“Vi no seu olhar um
turbilhão de emoções,
entre elas,
uma vulnerabilidade
desconcertante.”*





____CAPÍTULO 11

Brandon ligou na manhã seguinte e marcamos ali mesmo, na casa da minha mãe. Combinamos um horário em que ela estivesse, para que cuidasse de Brodie enquanto conversávamos.

Passei o resto do dia em tensa expectativa, porque o encontro da tarde anterior mexeu muito comigo. Não tinha como fingir que eu não sentia mais nada por ele.

Quando minha mãe soube de tudo, seu único comentário foi dizer que aquela era uma conversa que um dia teria que acontecer.

— Não deixe que o passado a impeça de ser justa com pai e filho, caso Brandon tenha mudado e queira fazer parte da vida de Brodie. Vocês dois têm um filho em comum e precisam se entender pela felicidade dele. Natal é uma

época para se perdoar os outros, e também a si mesmo, pelos erros cometidos.

Eu só esperava ser uma mãe tão boa conselheira para Brodie, quanto ela era para mim.

No horário marcado, a campainha tocou e o meu coração disparou junto. Passei a mão nervosamente no vestido azul marinho e ajeitei meus cabelos em frente ao espelho do hall, pensando se ele tinha notado que estavam bem mais longos e com um corte moderno que favorecia os traços do meu rosto.

Observei meu corpo por inteiro, sentindo-me insegura, porque já não era tão esguia quanto antes. A gravidez me deixou com os seios maiores e os quadris mais largos, apesar de continuar sem barriga e com a cintura fina.

Fiz uma careta para minha imagem e fui enfrentar o meu passado, abrindo a porta para ele.

Brandon vestia uma roupa informal e deduzi, pela falta do terno, que não tinha vindo direto do trabalho. Mesmo já tendo visto as mudanças que ele adotou na aparência, como a elegante barba de lenhador e o cabelo mais curto, não consegui deixar de admirar como ficou muito mais atraente com aquele estilo.

No fundo, nós dois estávamos mudados.

— Boa tarde, Catriona.

— Olá, Brandon. Entre, por favor.

Levei-o para a sala e fechei a porta para termos mais privacidade. Fomos para o sofá, onde ele sentou, observando nossa árvore de natal e alguns brinquedos de Brodie arrumados no canto do tapete.

— Como ele está? – perguntou, pegando-me de surpresa com o interesse pelo filho, que a expressão dos olhos mostrou ser genuíno. – A chuva de ontem não lhe fez mal?

— Brodie está bem – tranquilizei-o, rindo, ao lembrar que meu filho tinha mais energia do que eu. – Ele é forte como um touro. Deixou de mamar há pouco tempo e tem uma saúde de ferro... oh, peço desculpas por tantos detalhes. São coisas de mãe.

Senti o rubor subir ao rosto por ter falado da amamentação, principalmente quando o olhar dele se desviou para os meus seios. Morta de

vergonha, mudei rapidamente de assunto.

— Você pediu para conversar comigo e eu já devia tê-lo deixado falar. O que o trouxe aqui?

— Você. – Foi sua resposta firme e direta, com um olhar igualmente firme e direto. – Por que foi embora e me deixou, quando eu tinha acabado de sair de uma UTI?

Visto daquela forma, parecia que eu não tinha coração e que o havia abandonado no pior momento.

— Tive motivos de sobra para ir embora. Não foi só pelo fato de você não ter aceitado bem a gravidez, Brandon. Descobrir que Erin estava naquele carro viajando ao seu lado, sem que eu soubesse de nada, mostrou-me que você guardava segredos que eu achava que não existiam entre nós dois.

Ele não pareceu surpreso que eu a trouxesse para o assunto, porque provavelmente Fergus e Nora lhe contaram tudo o que aconteceu naquele hospital.

— Se você tivesse me dado a oportunidade de explicar, em vez de partir de imediato, saberia que Erin não era um segredo.

— Então me explique agora porque você estava com sua ex-namorada em uma súbita viagem de negócios, que aconteceu dias depois de pedir um tempo para aceitar uma gravidez que não queria. – Não doseei as palavras, porque mesmo depois de dois anos, lembrar de tudo ainda doía. – Erin fez questão de falar comigo no hospital para contar que você também rejeitou uma gravidez dela, a ponto de fazê-la abortar.

Brandon respirou fundo, em um esforço visível para manter a calma.

— Que filha da puta mentirosa!! – xingou-a, enraivecido. – Eu nunca a engravidei, Catriona! Erin ficou grávida de Seán, um professor da universidade, com quem se envolveu depois que acabamos o namoro. Se ela abortou, foi porque eles dois quiseram, e não porque eu exigi que o fizesse. Já estávamos separados há muitos meses e não tinha como aquele filho ser meu. Prova maior é que ela nunca tratou do assunto comigo. Soube da gravidez por outras pessoas.

Quem ficou com vontade de chamá-la de filha da puta mentirosa fui eu. Se ela estivesse perto de mim naquele momento, sem dúvida que ia levar um belo tapa na cara, que, lamentavelmente, eu não pude dar no hospital dois anos

atrás.

— Erin viajou comigo porque estávamos trabalhando juntos naquele projeto. Apenas isso – ele completou em tom firme.

— Se era apenas isso, porque escondeu tudo de mim?

Seus lábios comprimiram-se com irritação.

— Eu não escondi Erin, nem escondi porra nenhuma de você! Nós sempre tivemos um relacionamento baseado na confiança, por isso achei que confiaria nas minhas decisões profissionais sem que eu precisasse contar-lhe tudo, ainda que estas decisões envolvessem alguém do meu passado. Ter negócios com Erin não é o mesmo que ter sexo com Erin, como você deve ter pensado.

Tentei não reagir mal ao ouvir aquela comparação, porque imaginá-lo na cama com Erin ainda me fazia ter vontade de gritar de raiva.

— Eu nem precisei pensar, porque ela mesma veio falar comigo para dizer que vocês dois estavam juntos, sempre próximos, cheios de planos e projetos futuros, enquanto eu só jogava problemas nas suas costas, como a gravidez. – Estava sendo difícil manter a calma, mas pelo menos o meu tom de voz era controlado. – Todo mundo sabe que ela nunca se conformou com o fim do relacionamento de vocês, e é justamente com Erin que você faz uma parceria de negócios, sem comentar nada comigo.

— Era uma ótima oportunidade para minha empresa e sou extremamente frio e impessoal nos negócios. Eu já não tinha interesse em Erin bem antes de nos conhecermos, Catriona. Por que ficaria com ela justamente quando estava feliz com você? Tudo isso que ela falou é verdade a nível profissional, mas não a nível pessoal, muito menos amoroso. A única mulher que eu amei e continuo amando até hoje é você!

O silêncio prolongou-se depois daquela última declaração, porque não encontrei voz para falar. Ficamos apenas com os olhos fixos um no outro. Nos dele, havia aquele brilho evidente de desejo que eu conhecia tão bem. Nos meus, esperava que não houvesse nada que mostrasse o quanto eu também ainda o amava.

Tirei o nó de emoção da garganta e quebrei o silêncio.

— Ainda assim você deveria ter me contado, Brandon. Foi um choque

descobrir que ela estava viajando com você, quando eu sequer sabia que estavam trabalhando juntos.

Ele passou as mãos pelo rosto em um gesto de nervosismo, que fazia sempre que estava sob forte pressão.

— Perdoe-me por isso, Catriona! Naquela época eu tinha pressa em fazer minha empresa crescer, para que pudéssemos sair daquele apartamento. O fato de Erin ser alguém do meu passado não significou nada para mim, porque só conseguia ver o excelente negócio que ia fazer. Queria construir rápido o nosso futuro, por isso comprei logo a casa, um lugar onde íamos iniciar uma nova vida juntos.

Eu até fiquei emocionada com tudo o que ele disse, mas uma parte do meu coração doía ao ouvi-lo, porque sabia que não havia lugar para filhos nos seus planos.

— Apesar de você ter lutado tanto para nos dar uma nova vida naquela casa, não havia espaço lá dentro para crianças. Mesmo sendo uma casa linda e até grande demais para um casal, aqueles cômodos todos ficariam vazios se não tivéssemos filhos. Eu nunca tive irmãos e sempre sonhei em ter pelo menos dois filhos, a quem daria muitos cachorrinhos para brincar.

Ele ficou tensamente quieto e com a expressão carregada, fazendo-me lembrar da reação negativa que teve quando contei que estava grávida de Brodie. Mais uma vez, fiquei sem entender porque ele reagia tão mal sempre que falávamos de filhos.

— Ainda pretendo engravidar novamente. – Vacilei naquela parte, mas segui em frente, observando-o atentamente. – Se conseguir me apaixonar outra vez, quero dar um irmão ou irmã para Brodie. Mas tem que ser com um homem que aceite meu filho e o ame também.

Tive a impressão de vê-lo empalidecer. Brandon precisou inspirar fundo umas duas vezes para voltar a ficar com o semblante normal. Mordi os lábios, tentando decifrar o mistério que se escondia por trás da rejeição aos filhos.

— Você conheceu outro homem quando estive longe? – A voz enrouquecida parecia embargada, como se tivesse dificuldade em destravar a garganta para as palavras saírem.

— Não conheci ninguém, porque me dediquei exclusivamente à Brodie. Mas agora que ele está crescendo rápido, terei mais tempo livre para pensar nisso.

— Você não vai pensar em outro homem, Catriona! Nunca fomos de medir as palavras um com o outro e não vou fazer isso agora. Eu sou o seu homem e quero você de volta! – assumiu gravemente, causando um alvoroço dentro de mim diante do tom possessivo que usou e da força do seu olhar. – Sei que reagi mal quando soube da gravidez e que tomei decisões erradas que a magoaram, mas eu pedi um tempo para aceitar. E o que você fez? Simplesmente foi embora quando eu estava na cama daquele hospital e nem podia impedi-la de me abandonar. Só faltei morrer quando Nora me deu aquele recado que você deixou, dizendo que estava dando-me o tempo que eu queria. Mas que porra, Cat! Eu precisava daquele tempo com você ao meu lado e não longe mim! Precisava ver sua barriga crescer a cada dia, sentir que o meu filho estava chegando e pegá-lo nos braços quando nascesse, para perceber que comigo tudo seria diferente!

Atônita com aquele desabafo cheio de emoção, fiquei olhando o brilho de vulnerabilidade nos olhos dele, minha mente trabalhando para entendê-lo.

“...comigo tudo seria diferente!”

Diferente de quem?



*“Você não vai pensar em
outro homem, Catriona!
Eu sou o seu homem
e quero você de volta!”*





____CAPÍTULO 12

Assim que percebeu que havia mostrado muito mais do que queria, Brandon apoiou os cotovelos nas pernas e passou as mãos na barba, desviando o olhar. Enquanto isso, eu analisava a situação pelo ponto de vista dele.

— Você tem razão. Eu poderia ter aguardado sua recuperação para conversarmos, em vez de ter ido embora, mas os dias anteriores ao acidente foram tão estressantes para mim quanto foram para você. Para piorar, me senti culpada de tudo, quando Erin disse que você estava distraído na direção do carro, que nossos problemas pessoais tiraram sua concentração e ocasionaram o acidente.

Ele estreitou os olhos e o rosto endureceu ao me ouvir.

— Eu não estava desconcentrado, Catriona. A polícia comprovou que o motorista do caminhão estava alcoolizado, por isso aconteceu o acidente. Você

não tem culpa de nada! – tentou controlar a raiva, mas não conseguiu escondê-la por muito tempo ao rosnar entredentes – Aquela vadia mentiu para nos separar!

Mesmo concordando com ele sobre as intenções de Erin, a grande verdade era que suas próprias atitudes contribuíram para tudo terminar em separação.

— Se você tivesse me contado sobre ela desde o início, Erin não teria armas para me fazer acreditar em tudo o que disse. Descobrir daquela forma não me ajudou em nada. Senti-me duplamente traída, porque você, além de ter reagido muito mal à gravidez, ainda estava trabalhando com a ex-namorada apaixonada. Foi demais para mim!

Uma expressão de desespero tomou conta do seu rosto, que ficou visível quando Brandon voltou a me encarar.

— Assumo que errei em muita coisa, Catriona! – passou as mãos nos cabelos, no seu gesto habitual de nervosismo – Merda!! A grande verdade é que a minha vida sempre foi uma sucessão de erros terríveis.

Aquela declaração me pegou de surpresa, fazendo-me olhá-lo com atenção. Brandon tinha o rosto enrijecido quando se virou para mim.

— Esqueça Erin, por favor, porque nem me lembro mais dela. Assim que saí daquele hospital, paguei-lhe o que combinamos pelos serviços de mediação com a Global Corporation e encerrei nossos negócios em comum. Não a vi mais desde então, e nem pretendo ver.

Apesar da sensação de paz que me dominou diante da sinceridade indiscutível em seu olhar, restava esclarecer o outro motivo que me fez deixá-lo.

— Eu nunca entendi porque você rejeitou a gravidez, Brandon. Nós nos amávamos, tínhamos uma vida confortável e tudo que precisávamos para sermos felizes com Brodie.

Ele apertou os lábios com força e as narinas se dilataram, num esforço evidente de autocontrole. Fiquei aguardando com ansiedade que superasse os bloqueios que parecia ter para falar sobre o assunto, mas as revelações não vieram.

— Eu aceitei meu filho há muito tempo, mesmo sem saber se ele tinha nascido ou não. Você me deu um tempo longo demais para pensar e passei dois

anos me recriminando pelo que perdi. Não faço ideia se serei um bom pai, mas não quero que Brodie tenha outro pai que não seja eu. Assim como também não quero que você tenha outro homem que não seja eu. Me dê uma oportunidade para provar que nunca deixei de amar você.

O que dizer depois de ouvir uma declaração daquelas, ainda mais vindo do homem que eu amava?

— Você me aceita de volta em sua vida? – ele completou, desarmando-me completamente com a ansiedade estampada em seus olhos.

Não hesitei na minha resposta.

— Aceito, desde que eu veja que você também aceitou Brodie e que está disposto a ter outros filhos. Preciso saber o que tem guardado aí dentro de você que causa esta resistência tão forte quanto a ser pai, porque ficar só acumulando bens materiais não é o meu principal objetivo de vida. Quero construir uma família.

Percebi o quanto ele ficou perturbado com o que eu disse, e me perguntei se Brandon estava mesmo preparado para assumir seu papel de pai.

— Se você estiver ao meu lado e me ajudar, sei que posso conseguir, Catriona.

Apesar de ser um homem autoconfiante e determinado, que se tornou um empresário de sucesso em um curto espaço de tempo, Brandon pareceu-me perdido e vulnerável quando fez aquele pedido.

— Só poderei ajudá-lo se souber o que está acontecendo – insisti suavemente, tentando persuadi-lo a desabafar comigo.

— Prometo que vou me esforçar para contar, só peço que não me pressione demais antes do tempo.

Encaramo-nos profundamente, porque ali estava mais um pedido de tempo que só me trouxe lembranças do passado. Sob a força do seu olhar, tomei minha decisão.

— Não vou pressionar, nem forçar nada. Foi você quem veio me pedir uma oportunidade para provar que sempre me amou, apesar de Erin, e que já aceitou nosso filho, ainda que em um primeiro momento tenha reagido mal à gravidez. Diz que precisa de ajuda e estou disposta a ajudar, mas espero que

entenda que agora tudo depende de você, e não de mim ou dele. Eu vou ficar em Dublin o mês inteiro, enquanto decido se volto a morar aqui e reabrir minha clínica. Poderá nos ver quantas vezes quiser, aproximando-se mais de Brodie.

Senti que ele percebeu bem o que estava por trás das minhas palavras, porque eu não estava disposta a sofrer outra vez e muito menos ver meu filho sofrendo. Brandon teria que primeiro mostrar que mudou, para depois nos ter definitivamente em sua vida.

— Agora sou eu quem pergunto: você aceita que seja assim?

Ele nem me deu tempo de respirar e já estava assumindo aquele compromisso comigo.

— Aceito.

A voz era segura, o olhar determinado e a postura autoconfiante. Estendeu a mão para mim, a palma aberta. Coloquei a minha, que foi envolvida totalmente pela dele, em um aperto quente e firme. Era o primeiro toque depois de dois anos de separação e despertou tudo o que vivemos no passado.

— Cat! – foi mais um gemido de paixão do que qualquer outra coisa.

Antes que me atirasse em seus braços e terminássemos fazendo amor no meio da sala da minha mãe, quebrando minha decisão de resguardar meu coração naquele mês de “teste”, retirei a mão e levantei do sofá, sendo seguida por ele.

— Gostaria de ficar para o jantar?

Estava oferecendo-lhe uma oportunidade para começar a participar mais da vida do filho e estar mais próximo de nós dois. Cabia a ele aproveitar a ocasião ou não.

— Sim. Gostaria muito.

Não consegui prender um sorriso de aprovação e alívio.

— Fique à vontade, então. Vou avisar minha mãe.

Saí da sala e fui para a cozinha, onde ela estava com Brodie, sentadinho na sua cadeira, com papéis e lápis coloridos por todos os lados.

— Terminaram? – perguntou-me assim que entrei, tirando uma travessa do forno, que cheirava deliciosamente.

— Ele vai ficar para o jantar.

Ela sorriu, satisfeita.

— Isso é bom. Não vai demorar muito, porque esta beleza aqui está quase pronta.

— Vou levá-lo – avisei, pegando Brodie no colo.

— Faz bem. Eles precisam de tempo juntos.

Voltei para a sala, onde Brandon permanecia olhando a árvore de natal, com as luzes brilhantes piscando. Assim que as viu, Brodie soltou um gritinho de alegria, esperneando para descer.

Eu já esperava sua reação e coloquei-o no chão, segurando sua mãozinha para levá-lo até lá.

— Não pode tocar nas luzes – lembrei-lhe, piscando o olho para Brandon, que havia se levantado à nossa entrada e nos observava.

Brodie notou sua presença alta no meio da sala e sorriu para o pai, apontando para a árvore de natal, que tinha ao lado uma manjedoura de tamanho médio, que montamos no mesmo dia.

Quando já estávamos perto, soltei-lhe a mão e deixei-o livre para se divertir.

— Não tem perigo? – Brandon perguntou, com a testa franzida de preocupação e os punhos fechados, como se estivesse se controlando para não afastar o filho de uma ameaça.

Entendi sua apreensão e cuidado, por isso tranquilizei-o.

— Não há perigo, se ele ficar sob vigilância. Já lhe ensinei que não pode pegar nas luzes, mas que pode brincar ao lado da árvore, onde estão seus brinquedos. Nunca o deixo sozinho nestas ocasiões. Geralmente brinco com ele ou faço outra coisa aqui perto.

Minha explicação não pareceu acalmá-lo e sua pergunta seguinte mostrou exatamente isso.

— Posso ficar perto dele, então?

Escondi o riso e concordei.

— Claro que sim – confirmei, resolvendo fazer o primeiro teste. – Acha que consegue olhá-lo para mim só um minutinho, enquanto ajudo minha mãe a terminar o jantar?

— Pode ir.

Senti firmeza em sua voz e me afastei, vendo-o sentar no tapete ao lado do filho, que já estava entretido com os brinquedos.

Saí da sala, mas não fui ajudar minha mãe na cozinha. Fiquei do lado de fora, observando tudo discretamente.

— Carro – Brodie disse, mostrando-lhe o azul que mais gostava.

Achei que Brandon não fosse conseguir comunicar-se com o filho, mas ele pegou uma motocicleta e mostrou-lhe.

— E este, o que é?

— Moto.

Novo silêncio, até que escutei a risada alegre de Brodie. De onde estava, eu não conseguia ver o que Brandon fazia, mas pareceu-me que estava separando alguns brinquedos sobre o tapete.

— Vermelho. Preto. Azul – ele disse para o filho. – Qual dos carros gosta mais?

Não contive um sorriso, porque eu já sabia a resposta.

— Azul!

Brandon riu também com o entusiasmo do filho ao escolher o seu preferido.

— Então vou ficar com este para mim. – Pegou o carrinho vermelho e encostou no peito. – Posso brincar com ele?

Brodie confirmou e os dois continuaram a conversar enquanto brincavam. Fechei os olhos e me encostei na parede do corredor, ouvindo o timbre grave de Brandon, junto com a voz infantil do meu filho. Senti as lágrimas querendo sair e fui para a cozinha.

Minha mãe me olhou com compreensão, vindo me abraçar.

— Eles estão se entendendo? – Era uma pergunta dispensável, mas ainda assim ela a fez.

— Estão – respondi com a voz embargada pelo choro.

Percebi seu suspiro de alívio.

— Acho que Papai Noel vai nos trazer um grande presente de Natal este ano – previu, dando-me um beijo. – Agora vá limpar o rosto, antes que Brandon perceba que estive chorando.



*“Era o primeiro toque depois
de dois anos de separação
e despertou tudo o que
vivemos no passado.”*





____CAPÍTULO 13

O jantar transcorreu bem melhor do que eu esperava. Assim que me recompus, fui ajudar minha mãe com os detalhes finais, para só então ir chamá-los à mesa quando tudo já estava pronto.

À medida que eu me aproximava da sala, o silêncio me deixou alerta e diminuí os passos, chegando sorrateiramente à porta.

Lá dentro, Brodie parecia entretido com algum brinquedo, enquanto Brandon o observava em silêncio, com uma emoção inegável no rosto. Sustive a respiração, quando o vi erguer a mão e passá-la suavemente sobre os cabelos ruivos do filho, acariciando-o. Brodie olhou-o, totalmente à vontade com o homem que brincava com ele, sem saber que era o seu pai.

Ainda era muito cedo para garantir que pai e filho seriam felizes juntos, mas fiz uma oração a Deus para que assim fosse.

Entrei na sala como se não tivesse visto nada. Sobre o tapete, havia uma espécie de autódromo que Brandon tinha construído com Brodie, onde parecia que em breve aconteceria uma corrida de carros.

— Já podemos passar para a sala de jantar – avisei, interrompendo-os.

Brandon levantou-se de imediato, passando uma mão nervosamente sobre os cabelos.

— Pode trazê-lo, Brandon? – pedi de forma bem natural.

Ele me encarou, espantado.

— Eu?

Lancei-lhe um olhar encorajador, mas não forcei.

— Sim. Mas se não quiser, eu o levo.

Ele parou, pensativo, mas segundos depois estava confirmando.

— Eu o levarei.

Agachou-se ao lado do filho, tirando-lhe o carrinho das mãos.

— Vamos comer, garotão. Depois continuamos a brincadeira. – Brodie já ia reclamar, mas Brandon falou as palavras mágicas, mesmo sem saber. – Sua avó cozinha muito bem e preparou um prato delicioso para você.

— Vó. – Ele olhou para mim. – Fome, mamã.

Comecei a rir, impressionada com o poder culinário da minha mãe.

— Eu devo cozinhar muito mal mesmo – resmunguei de brincadeira.

Com um cuidado tocante, Brandon pegou o filho no colo e ergueu-se com o seu um metro e noventa, fazendo-o rir, deliciado. Fiquei emocionada em vê-los juntos daquela forma. Pelo brilho no olhar de Brandon, notei que ele estava igualmente emocionado. O pigarrear de sua garganta antes de conseguir falar, comprovou aquilo.

— Você cozinha bem, mas não tem comparação com ela.

— Ah, muito obrigada.

E foi naquele clima de entendimento que se iniciou o nosso primeiro

jantar em família.



Quando terminamos, Brodie já estava praticamente dormindo e não houve mais brincadeira de carrinhos com o pai. Eu o levei para o quarto e aproveitei para pegar algo que precisava entregar para Brandon.

Encontrei-o conversando com minha mãe na sala, mas, assim que entrei, ela arranhou uma desculpa e pediu licença para sair. Ele levantou-se do sofá e parou à minha frente.

— Nem percebi o quanto já era tarde. É melhor ir embora, antes que ela me proíba de vê-la, como se fôssemos dois adolescentes – brincou, mas o olhar sobre mim era intenso.

— Tudo bem. Não vamos abusar da sorte – concordei, sentindo saudades do tempo em que morávamos juntos e não precisávamos nos separar no final da noite.

Seu olhar dizia a mesma coisa, mas acabamos indo para o hall, onde o ambiente à meia-luz deixava o clima mais propício ainda para o que aconteceu depois.

Brandon passou o braço por minha cintura e me atraiu para ele, colando nossos corpos com intimidade. Sua mão desceu pelas minhas costas e pressionou meus quadris contra sua virilha, deixando-me sentir sua ereção. A outra mão segurou meus cabelos na altura da nuca, fazendo-me inclinar a cabeça para receber o seu beijo sedento.

Àquela altura, meu coração já disparava feito louco no peito e a ansiedade de senti-lo por inteiro só aumentava. Provar dos seus lábios depois de dois anos de separação causou em mim um prazer misturado com dor. O prazer era por estar novamente com ele, a dor era pela falta que me fez.

Tive minha boca invadida por sua língua e respondi igualmente,

arrancando um gemido de Brandon, que estreitou o abraço, apertando-me mais contra ele.

O hall encheu-se com o som de suspiros e arquejos de prazer, enquanto matávamos parte da saudade que sentimos um do outro.

Era estranho beijá-lo com a barba. Parecia algo mais primitivo do que quando ele usava o rosto barbeado.

— Você está diferente com esta barba – sussurrei, apalpando-a com os dedos e deixando os pelos roçarem na palma da minha mão.

Ele afastou o rosto para olhar bem minha expressão.

— Não gostou? Se quiser, eu tiro.

— Não!! – neguei com veemência, para logo depois falar em tom mais controlado. – Pode deixar assim. Eu gostei.

Brandon me suspendeu em seus braços até eu ficar na ponta dos pés, e esfregou a barba em meu pescoço, fazendo um arrepio me percorrer por inteiro. Sem resistir, gemi de prazer.

— Bran! – Se ele insistisse mais um pouco, eu ia me esquecer da decisão de esperar e me entregaria de vez.

Apesar da sua excitação estar mais do que evidente, foi ele quem se afastou, pedindo desculpas pela falta de controle.

— Precisava de um beijo seu, mas acabei me excedendo e peço desculpas.

Suas palavras me fizeram lembrar de Brodie e recuei, ajeitando os cabelos.

— Estão maiores – ele disse de repente, pegando uma mecha e deslizando-a entre os dedos. – Assim, você ficou mais linda do que antes.

Então ele tinha notado as diferenças em mim! Apesar de ter gostado de saber daquilo, nem quis imaginar o que ele estaria achando das curvas a mais que ganhei com a maternidade.

— Eu... eu queria lhe entregar uma coisa. Na verdade, é quase como devolver, porque não é meu. – Tirei o álbum de fotos do bolso do vestido e o estendi para ele. – Levei sem querer junto com a minha bagagem, mas só tive

consciência de que estava comigo quando arrumei a mala para esta viagem.

Ele franziu o cenho quando percebeu o que era. A fisionomia ficou carregada, coisa que ele nem tentou disfarçar. Rapidamente pegou o álbum e enfiou no bolso do casaco.

O clima de amor e entrega perdeu-se, sendo substituído pela tensão. Certamente Brandon devia lembrar do suposto cachorro de rua que levou para eu tratar, quando, no fundo, era um animal de estimação da família dele. Em três anos juntos, ele nunca voltou a falar de Otto e dos motivos que o fizeram esconder a verdade.

— Você o viu?

— Quando não o reconheci como meu, acabei por folheá-lo.

Um silêncio tenso e constrangedor abateu-se no hall, até ele passar a mão no rosto, nervoso.

— Merda!! – xingou baixo, entredentes, visivelmente perturbado.

Não deixei de notar a dor que aquela única palavra deixou evidente.

— Não vou pressioná-lo, porque talvez ainda não esteja pronto para me contar nada, mas, ainda assim, preciso dizer que não vou esperar muito tempo para isso acontecer. Um relacionamento não pode sobreviver com tantos segredos de uma das partes, Brandon. Sem falar que toda esta raiva que sinto estar guardada dentro de você só lhe faz mal. Não sei o que se passou, mas talvez esteja na hora de você perdoar alguém ou a si mesmo. – Naquele instante, lembrei das palavras da minha mãe e as repeti. – O Natal é o momento ideal para trabalharmos o perdão.

Subitamente, fui atraída para os seus braços e apertada com força junto ao peito. Brandon mergulhou o rosto nos meus cabelos e ficou lá, quieto, durante longos segundos. Abracei-o pela cintura, acariciando as costas largas, cujos músculos rígidos mostravam a tensão que o dominava.

Não fazia ideia do tempo que isso durou, até ele afastar-se e pousar um beijo suave em minha testa.

— Obrigado. – A voz estava mais grossa do que o normal e entendi que a emoção devia estar vencendo seu autocontrole. – Amanhã eu ligo para nos vermos. Quero estar com minha mulher e meu filho.

Expeli o ar dos pulmões com força e só então notei que estive retendo o fôlego em expectativa. O alívio foi grande e me ergui na ponta dos pés para beijá-lo rapidamente nos lábios.

— Estaremos aguardando você.

Quando Brandon saiu, rezei para que aquele álbum, que guardava tantas lembranças aparentemente dolorosas para ele, fosse o responsável por libertá-lo de vez, trazendo paz para o seu coração angustiado.



*“Não sei o que se passou,
mas talvez esteja na hora
de você perdoar alguém
ou a si mesmo.”*



PARTE 2 – OS SEGREDOS DE BRANDON

Parte 2





____CAPÍTULO 14

Eu ainda estava rígido de tensão quando entrei no carro e o manobrei pela rua, sem conseguir esquecer do álbum de fotos que joguei no banco ao meu lado. Ele me trazia uma dor tão grande ao peito, quanto a que senti ao acordar naquele hospital e ficar sabendo, dias depois, que Catriona havia me abandonado.

De início, Fergus e Nora não me disseram nada, por conta do péssimo estado em que eu me encontrava quando abri os olhos, depois do que pareceu-me ser dias adormecido. Meu corpo estava moído, com dores em toda parte, e eu ainda me sentia meio desnorreado com tudo. Demorei a perceber onde estava e o que tinha acontecido, até me lembrar do caminhão vindo em alta velocidade logo após uma curva acentuada da estrada.

Ao contrário do que Catriona acreditou naqueles dois anos, eu estava

muito atento e concentrado no momento do acidente, porque se estivesse distraído, sem dúvida não teria conseguido desviar a tempo de evitar a morte certa. Em uma manobra defensiva e movido puramente pelo instinto, virei a direção e joguei o carro para fora da estrada, mas ainda ouvi o som aterrador da lateral do veículo raspando a carroceria do caminhão, junto com o grito de Erin. Logo depois, caímos em uma vala no terreno acidentado e foi quando apaguei completamente.

Abrir de novo os olhos foi, para mim, quase um milagre.

Não morri naquele dia, apesar de já ter me encontrado com a morte tantas vezes antes... e também depois, porque saber que Catriona tinha ido embora, abandonando-me, foi um golpe devastador para mim. Difícil de aguentar. Doloroso demais de aceitar.

Fergus e Nora foram os primeiros que autorizei a me visitarem no quarto, quando a enfermeira me informou que eles e Erin aguardavam para me ver. Se Erin estava bem, não era ela quem eu queria ver de imediato, por isso pedi que meus amigos entrassem.

— Vocês a avisaram? – perguntei-lhes assim que os vi, preocupado que tivessem assustado Catriona com a notícia do meu acidente, estando ela grávida.

Eles se entreolharam antes de Fergus responder pelos dois.

— Não. Decidimos que só contaríamos se o seu quadro se agravasse, por isso é melhor que fique bom logo.

Na ocasião, fiquei aliviado, porque não pretendia que ela soubesse até que eu mesmo estivesse ao seu lado e pudesse contar-lhe tudo. Como já tinha lhe dito que passaria a semana em Londres, sabia que Catriona não desconfiaria de nada. Provavelmente ficaria magoada porque não liguei como havia prometido, mas isso não se comparava a receber a notícia de um acidente.

E foi assim que Fergus e Nora me enganaram até que eu estivesse melhor para saber que minha mulher havia me abandonado. Nem Erin comentou nada sobre tê-la encontrado no hospital.

Erin!

— Filha da puta! – gritei dentro do carro, enfurecido, entrando pelos portões da minha casa – Amanhã você vai ouvir umas verdades!

Ela nunca engravidou de um filho meu, muito menos houve envolvimento amoroso na época do acidente. Eu pensei que Erin já tivesse percebido que não havia mais interesse da minha parte desde a época da universidade, mas agora percebia que aquele foi mais um erro crasso que cometi.

A mulher da minha vida era Catriona e saber que ela esteve no hospital o tempo todo em que fiquei inconsciente, indo embora logo depois, acabou comigo.

— O que você está me dizendo? – Mesmo enfraquecido pelo acidente, segurei o braço de Fergus com força quando ele, enfim, me contou a verdade – Por que você escondeu isso de mim, porra?

— Porque você quase morreu e eu não ia terminar de matá-lo dando uma notícia dessas assim que abriu os olhos de novo!

— E como acha que estou me sentindo agora, caralho? – Empurrei-o para longe, tentando me levantar, apesar da luxação no ombro esquerdo doer como o inferno e me derrubar de volta à cama. – Merda!!

Caí sobre o travesseiro, trincando os dentes com força quando a dor atravessou meu ombro e espalhou-se pelas costas, parecendo uma estaca perfurando meu corpo.

— Calma, Brandon! Você não pode fazer movimentos bruscos ou ainda morre de vez!

— Já me sinto morto!

Frustrado, impotente e com uma raiva atroz me rasgando por dentro, cobri o rosto com a mão direita, soltando um urro de dor que era muito mais pelo sofrimento emocional que eu sentia, do que pela dor física.

Catriona! Não posso perder você também.

Travei as lágrimas que quiseram sair e tentei desfazer o nó que se formou na minha garganta, sufocando meu desespero, apesar de sentir uma dor lancinante no peito. Naquele momento, eu me perguntei até quando Deus ainda me faria sofrer com tantas perdas na vida. Até quando eu continuaria pagando tão caro pelos meus erros.

A enfermeira foi chamada às pressas e recebi uma dose extra de analgésicos, que me apagaram completamente. Nos dias seguintes, preso àquela

cama, eu morri e renasci vezes sem conta, perseguido pelo meu passado. Minha mente sempre voltava para trás, fazendo-me lembrar de tudo o que já tinha perdido antes, e que, junto com a perda de Catriona, transformavam-me em um fracassado.

Todas as ligações que fiz para ela deram em nada, e Nora, que já havia voltado para Dublin, confirmou que o apartamento estava vazio.

Até hoje eu não sabia como consegui resistir à ausência de Catriona, assim como nunca soube como sobrevivi desde a infância a tudo o que passei. Uma semana depois, quando recebi alta, peguei um avião de volta para casa com a ajuda de Fergus, apenas para encontrar um apartamento frio à minha espera.

Fiquei sem opção além de procurar a mãe de Catriona, mesmo sabendo que não seria fácil conversar com Chiara. Eu sabia que ela falaria sobre a gravidez da filha e que me atiraria na cara o fato de ter rejeitado o seu neto.

Mas eu não queria ser pai. Havia renunciado à paternidade há muito tempo, por isso calei diante de tudo o que ela disse.

“Um homem que ama sua mulher, também ama os filhos que tem com ela.”

Não era falta de amor pelo meu filho, mas também não podia lhe dizer o que era, por isso fui embora.

Meu filho!

Ele era uma cópia em miniatura de mim, com aqueles cabelos ruivos, os olhos da mesma cor dos meus e a pele muito branca, com sardas bem visíveis no rosto. A emoção que senti ao vê-lo no colo de Catriona em frente à clínica, foi algo indescritível, que me abalou profundamente. Depois de perder contato com ela, fiquei sem saber se o bebê tinha nascido mesmo. Mas ali estava ele.

Brodie.

Respirando fundo para aguentar a pressão no peito, entrei em casa e fui direto para o meu quarto, sem olhar os ambientes à meia-luz. Tudo ali era frio, em um contraste absurdo com o calor humano que havia na casa de onde vim.

Anos atrás, Catriona foi embora e sofri como um condenado às portas do inferno. Mas agora eu a tinha de volta em minha vida e não estava disposto a

perdê-la nunca mais.



*“Saber que Catriona
tinha ido embora,
abandonando-me,
foi um golpe devastador
para mim.
Difícil de aguentar.
Doloroso demais de aceitar.”*





____CAPÍTULO 15

“— Filho! Ajuda, por favor!

Ela parecia sussurrar no meu ouvido, de tão perto que sua voz estava, mas a escuridão ao meu redor não me deixava vê-la.

— Mãe? Onde você está?

Minha pergunta ecoou pelas paredes escuras, assustando-me. Girei em torno de mim mesmo, sem enxergar quase nada na penumbra daquele lugar sombrio.

— Aqui. Vem rápido filho!

Dei vários passos em um chão que eu não conseguia enxergar, mas que era úmido e pegajoso, à medida que tentava seguir o som de sua voz.

— Onde, mãe? Fala comigo!

— Aqui. Corre, Brandon!

Comecei a correr às cegas, por corredores cada vez mais longos e cheios de portas trancadas, que eu tentava abrir sem sucesso.

— Mãe? Mãe, fala comigo! – gritei, esmurrando uma delas – Onde você está?

— Aqui.

Sua voz estava distante e continuei a correr, sentindo o coração disparado no peito pela urgência desesperadora de encontrá-la.

— Aqui.

Corri mais.

— Aqui.

Continuei correndo.

— Aqui.”

(...)

— Mãe!!!

Meu grito espalhou-se pelo quarto e abri os olhos subitamente, a angústia me sufocando enquanto observava o teto branco na meia-luz do amanhecer. Com a respiração ofegante e ainda tremendo ao lembrar de como tudo pareceu tão real naquele pesadelo, esfreguei o rosto com as mãos, querendo apagar a sensação ruim da minha mente.

— Oh, mãe! – gemi em desespero, a saudade apertando o meu peito de uma forma dolorosa, junto com a culpa e a sensação de fracasso.

Aquele álbum de fotos que Catriona me entregou na noite anterior abriu uma porta proibida dentro de mim, onde todos os meus demônios se escondiam. Livres, eles devassaram-me durante o sono e agora eu me sentia destruído por tudo o que perdi ao longo da vida.

Desde a minha infância, morrer por conta de dores físicas ou emocionais nunca foi uma opção para mim, e acho que só por isso sobrevivi a tantas perdas.

A minha vida sempre foi uma merda desde criança. Eu, inclusive, cresci acostumado com aquilo, achando que felicidade era algo que existia apenas para os outros. Mas isso durou só até conhecer Catriona, que entrou no meu mundo para mostrar que eu estava enganado. Muito enganado.

Eu nunca imaginei que ia encontrar a mulher perfeita para mim em um dos piores momentos da minha vida. Só parei na clínica dela porque não havia outra mais perto de casa e estava precisando socorrer Otto com urgência. Nem sabia que a *Animal World* existia, muito menos que a veterinária que trabalhava lá ia conquistar meu coração.

Apesar de estar de luto pela morte recente da minha mãe, e desesperado com o estado em que encontrei Otto, um lado meu ainda conseguiu admirar a beleza natural dela, à medida que tratava dos ferimentos com rapidez e eficiência.

Tive que lhe mentir, negando que Otto era meu, porque não tinha como dizer que o meu próprio pai havia espancado covardemente um cachorro indefeso.

Pai!

Niall podia ser rotulado como qualquer coisa, mas nunca como um pai.

Meu avô foi um militar “linha dura”, que criou o filho como se estivesse treinando um soldado para a guerra. Assim que pôde, Niall se alistou no exército com a intenção de seguir os passos do pai e eu tinha certeza que voltou de lá pior do que já era. Ele não seguiu a carreira militar e sempre desconfiei que alguém percebeu seus desvios de conduta e o reprovou. Com o fracasso às costas, ele transformou a própria casa em um campo de treinamento, cujo primeiro recruta fui eu. Recebi uma educação severa e desumana. Uma educação tão doentia quanto a cabeça deles dois.

Com o decorrer dos anos, Niall me odiava tanto quanto eu mesmo passei a odiá-lo. Para aumentar ainda mais a raiva que eu sentia dele, nós dois éramos muito parecidos, tanto fisicamente, quanto em personalidade. Eu só agradecia ser parecido fisicamente, porque ganhei força e altura suficientes para travar seus golpes e desencorajá-lo de continuar com as surras que me dava. Por

outro lado, ser tão duro, frio e controlador quanto ele, era algo que sempre me assustava muito, porque eu o desprezava e não queria ser igual. Ficava furioso quando Niall envenenava minhas certezas com sua maldade.

— Está se achando muita coisa, seu merda? Pensa que é melhor do que eu? — Havia me acusado certa vez, com o rosto contorcido de raiva. — Você fica me julgando como se fosse o dono da razão, quando, na verdade, é igual a mim e vai agir da mesma forma com seus filhos.

— Nunca serei como você! — gritei-lhe na ocasião, enfurecido, mesmo sabendo que a semente do mal já estava plantada dentro da minha cabeça, depois de passar anos ouvindo-o repetir a mesma coisa.

Niall gargalhava sempre que eu negava suas palavras, como se para ele aquilo fosse uma verdade incontestável. Era uma gargalhada cruel, que, desde criança, representava para mim tudo que era odioso e desumano.

— Vai ser um pai igual a mim sim, porque vejo em você tudo o que eu sou. — Ele ria-se, satisfeito. — Está no sangue, Brandon. Seu avô era assim, eu sou assim, você também será assim. Eu recebi uma educação rígida e me transformei no homem que sou, e estou transformando você em um homem também. Pensava que seria educado pela sua mãe e se tornar um fraco? Sangue do meu sangue tem que ser igual a mim!

Inferno! Anos e anos ouvindo as mesmas merdas causaram um estrago enorme na minha certeza de ser diferente. Minha mãe pouco ajudava, por não ter voz alguma dentro de casa e ser uma sombra da personalidade dominante dele.

Minha entrada na universidade de Dublin acabou por ser um alívio para mim, por me libertar um pouco daquele ambiente doentio. Mas mesmo estudando perto de casa, ficava a eterna angústia de saber que deixava minha mãe, meu irmão Gael e Otto muito mais tempo sozinhos com ele do que antes. Nem adiantava pedir que ela abandonasse Niall, porque era muito religiosa e acreditava na redenção dele. Para piorar, onde estava o dinheiro para vivermos sozinhos?

Puta que pariu!!!! Como eu sentia raiva da dependência financeira que nós tínhamos dele! Niall possuía uma empresa de contabilidade e alguns imóveis no centro de Dublin, herdados do meu avô, que alugava para turistas e estudantes estrangeiros que vinham estudar nas universidades da capital. Sua maior renda vinha dos aluguéis e ele controlava cada centavo com mão de ferro, para que nunca tivéssemos acesso ao seu dinheiro. Sempre frequentei os

melhores colégios antes de entrar na universidade, mas só eu sabia o quanto sofri por aqueles “privilégios”.

— Nem pense em virar um vagabundo, esperando herdar tudo o que eu construí. O meu dinheiro não é para sustentar fracassados! Mostre que é um homem e vá ganhar o seu sustento sozinho, seu merda!

Durante toda a minha infância e parte da adolescência, fiquei sem perceber a lógica que existia no caralho daquela filosofia de vida que ele incorporou do meu avô. Quando levei o primeiro bofetão na cara por um motivo mais do que banal, eu tinha apenas sete anos, e passei dias sem entender o que havia acontecido. Tudo bem que antes disso ele nunca foi um pai amoroso e cheio de atenção comigo, mas era melhor ser ignorado do que espancado com frequência.

Puxei as cobertas da cama que eu havia afastado durante o meu sono agitado e cobri meu corpo, sentindo-me fodido, porque já sabia que as lembranças do passado tão cedo iriam embora e que dificilmente eu conseguiria voltar a dormir depois daquele pesadelo. Niall era uma ferida que não cicatrizava dentro de mim e fechei o punho com força ao lembrar das inúmeras vezes em que estava estudando no quarto e fui interrompido pela sua entrada brusca, já com o cinto na mão. O som da porta batendo com violência sempre antecipava mais uma sessão de tortura física.

A única vez em que minha mãe ousou interferir, ele a obrigou a sair do quarto, trancando a porta. Duplamente enraivecido, a surra foi maior do que todas as outras. Vinte cintadas nas costas, braços e pernas, que deixavam meu corpo ardendo, assim como ardia a raiva dentro de mim.

Minha mãe vinha me ver depois, preocupada, mas a ladainha era sempre a mesma.

— Sei que para você ele parece ser um homem muito mal quando faz isso, mas seu pai foi educado assim e acredita que esta é a melhor forma de se educar um filho homem. Eu venho conversando com ele e acredito que aos poucos vou convencê-lo que está errado. Ele vai mudar.

Quando eu tinha apenas sete anos, até acreditei naquilo, mas a adolescência chegou e tudo continuou da mesma forma. Aos dezesseis, eu cheguei a um metro e oitenta de altura, só que ainda não tinha força física superior à dele para revidar nada. Naquela época, a única coisa que consegui fazer em uma das surras, foi segurar o cinto com força, enrolando-o em minha

mão, enquanto nos encarávamos com raiva. Ele ainda tentou puxá-lo de volta, mas eu sustentei, forçando-o a desistir de usá-lo. Na minha ingenuidade, achei que a partir daquele momento ele iria parar de me bater, mas Niall apenas deu um sorriso odioso e meteu um murro na minha cara com a mão livre. Se não podia açoitar, ele ia esmurrar.

Depois daquele dia, trabalhei bastante meu corpo para crescer forte e, aos dezoito, me igualei em peso e altura, mas faltava-me coragem para bater no meu próprio pai. Apesar de toda a raiva que eu sentia, não queria ser igual a ele.

Não existia qualquer tipo de afeto em nosso relacionamento, mas as surras foram diminuindo à medida que cheguei à idade adulta. Achei que fosse por ele ter percebido que eu não era mais tão indefeso quanto antes, porque já conseguia bloquear muitos dos seus golpes, apesar de nunca o bater.

Mas me enganei. Me enganei redondamente. Só vim descobrir que tudo era apenas mais um treinamento, no dia em que me tornei igual a ele. E nunca me senti tão mal na minha vida!

Isso aconteceu quando eu tinha vinte e quatro anos, depois da morte de Gael.

— Seu desgraçado!!! – gritei, dando-lhe um murro que o derrubou sobre o console da sala, fazendo cair os bibelôs e porta-retratos da minha mãe no chão.

Nem lhe dei tempo de levantar e já estava sobre ele, batendo-lhe novamente. Rolamos pelo tapete em uma luta da qual, até hoje, não me orgulhava de ter vencido, porque foi quando me transformei em um homem igual a ele, capaz de agredir alguém da própria família.

Mesmo com o rosto sangrando e quase sem se mexer no chão, Niall ainda repetiu as palavras que me perseguiram desde criança.

— Eu não disse que estava no sangue, Brandon? Agora você sabe que é igual a mim.

Passei as mãos no rosto, com o sangue ainda fervendo e a adrenalina inundando minhas veias.

— Não sou um doente como você! – neguei e logo depois ouvi sua gargalhada.

— Só os fortes sobrevivem, Brandon! Gael era um fraco e não resistiu.

— Cale a boca, seu canalha! Isto não é a merda de uma guerra!

Naquele dia, tive a certeza de que nunca havia sentido um ódio tão grande na minha vida. Odiei-o com todas as minhas forças e não foi nada fácil descobrir que eu seria capaz de matar meu próprio pai de tanta raiva, o que realmente me transformava em alguém como ele. Ou pior do que ele!

No fim de tudo, quem venceu foi Niall.

Hoje, vendo a árvore de natal na casa da mãe de Catriona, com os brinquedos de Brodie organizados sobre o tapete e o clima de amor que existia entre os três, me senti um fracassado, porque ali só faltava um pai amoroso e protetor, que eu não sabia se seria capaz de ser. Tudo ali era a imagem de um lar feliz, onde as pessoas se amavam e uma criança trazia alegria para a família. Coisas simples, mas que eu nunca tive no passado, nem tinha agora.

Restava descobrir se Catriona me aceitaria assim, cheio de demônios, quando soubesse de tudo.



*“Restava descobrir se
Catriona me aceitaria assim,
cheio de demônios,
quando soubesse de tudo.”*





____CAPÍTULO 16

■

No dia seguinte, logo após o almoço, minha primeira providência foi ligar para Erin. Como nós dois trabalhávamos no mesmo ramo de TI, eu sabia que ela tinha aceitado uma oportunidade de emprego no Canadá e que estava morando em Toronto há cerca de um ano. Eu ainda tinha o seu número, apesar de achar que nunca mais precisaria usá-lo. Foi uma sorte não o ter apagado de vez da minha agenda anos atrás, porque agora poderia dizer-lhe tudo o que ela merecia ouvir.

— Olá, Brandon! Mas que surpresa agradável, meu querido.

Devia ser uma surpresa mesmo, já que me despedi logo após o acidente dizendo que aquele era um adeus definitivo da minha parte. Mesmo sem termos nenhum envolvimento amoroso na época, tomei aquela decisão por

causa de Catriona, depois que Nora me deu o seu recado e comentou comigo o quanto ela havia se sentido traída ao descobrir que eu estava trabalhando com Erin.

— Liguei porque precisava esclarecer um assunto importante com você. Serei rápido e não tomarei muito do seu tempo.

— Eu sempre tenho todo o tempo do mundo para você, Brandon. Que assunto importante é esse? Confesso que estou ansiosa para saber e já digo de antemão que espero que tenha repensado este afastamento que impôs entre nós dois e me dê uma outra oportunidade de trabalharmos juntos. Somos muito bons como parceiros de negócios!

Pela primeira vez em todos aqueles anos em que eu a conhecia, senti desprezo ao ouvir sua voz. Mesmo quando acabei o namoro na época da universidade, nosso relacionamento manteve-se cordial e muito bom, porque eu admirava a mulher inteligente e excelente profissional que ela era. Mas agora, sabendo das mentiras que disse para Catriona com a intenção de nos separar, minha repulsa não tinha tamanho nem medida.

— É sobre minha mulher. – Fui tão frontal quanto o caminhão que causou o acidente de anos atrás. – Quero falar sobre Catriona e as mentiras que você contou para ela sobre nós dois, quando estive hospitalizado em Londres.

— Catriona?! – ela nem conseguiu disfarçar o assombro na voz. – Mas... mas ela não tinha ido embora? Pensei que estivessem separados.

— Pensou errado. Estamos juntos novamente e desta vez é para sempre. – Usei um tom firme e categórico, para ela perceber que não havia meio termos para mim no que dizia respeito à Catriona.

O silêncio que se fez do outro lado deu toda a indicação do seu estado de choque e aproveitei para falar logo tudo o que estava entalado na minha garganta desde que conversei com Catriona.

— Há mais de sete anos que acabamos nosso namoro, Erin. Sete anos! Você é uma mulher inteligente e sabe fazer contas, portanto, não deve ter dificuldades em perceber que se eu não a procurei de lá para cá, é porque não tenho interesse amoroso ou sexual em você. Entenda de uma vez por todas que CATRIONA É A MINHA MULHER! – Praticamente soletrei aquelas palavras para que entendesse bem. – É ela quem eu amo, é ela quem eu desejo, é ela quem me satisfaz completamente. Sou capaz de matar por ela e meu filho, então

é melhor que você mantenha distância e nunca mais se aproxime para falar merdas.

— Mas..., mas Brandon! Eu não fiz nada além de explicar para ela que só estávamos trabalhando juntos. Se Catriona ficou chateada com isso, não foi culpa minha. Tanto é, que eu fiz questão de esclarecer como era nossa relação profissional, para que ela não pensasse besteiras.

— Quanto mais você fala, mas desprezo eu sinto! – rosnei, enfurecido com sua tentativa de inocentar-se. – Chega, Erin! Chega de mentiras! Nunca pensei que você desceria tão baixo!

— Eu não sou mentirosa, Brandon!

— Não? E desde quando eu a engravidei? Que merda de história foi aquela que eu a induzi a abortar? Você só pode ter enlouquecido, porra!! – Bati o punho fechado sobre a madeira da minha mesa, com a raiva estourando por todos os poros. – E como teve a ousadia de inventar que eu estava desconcentrado na direção do carro por conta de problemas pessoais, só para fazer Catriona sentir-se culpada de tudo? Você tem noção da seriedade das mentiras que disse sobre os motivos do acidente, Erin? Eu poderia ser responsabilizado pelo desastre, em vez daquele motorista embriagado! Pode ter certeza que se isso tivesse acontecido, eu daria um jeito de meter-lhe um processo em cima, para que aprendesse na justiça a não brincar com a vida dos outros.

— Oh, não! Não, Brandon! – ela negou nervosamente, o tom de urgência mostrando bem seu medo de sofrer um processo e ser condenada em tribunal. – Eu nunca quis prejudicar você! Apenas quis ajudar. Juro!

Filha da puta!

— Catriona me contou tudo e estou aqui me controlando para ser minimamente educado, por isso não me obrigue a chamá-la do que você realmente merece ser chamada.

— Brandon! Você nunca me tratou assim! Sempre fiz parte do seu grupo de amigos e não quero perder sua amizade.

— Tivesse pensado nisso antes de se meter nos meus assuntos pessoais. Da minha parte, encerro qualquer contato a partir deste momento. Só voltaremos a nos ver em tribunal, caso você insista em falar alguma merda que

interfira na minha vida! Aviso logo: não se meta nunca mais com a minha família!

Desliguei, sem dar-lhe oportunidade de dizer mais nada. Com aquele assunto resolvido, agora estava na hora de trazer minha mulher de volta e conquistar o amor do meu filho comigo.

Eles eram a minha família!



*“É ela quem eu amo,
é ela quem eu desejo,
é ela quem me satisfaz
completamente.”*





____CAPÍTULO 17

Como prometido, Brandon ligou e acabamos por marcar um novo jantar em casa, para que ele pudesse se aproximar do filho em um ambiente familiar e íntimo. Daquela vez, quando a campainha tocou no final da tarde, fui abrir com Brodie. Em pé ao meu lado e segurando minha mão, ele escondeu-se atrás de mim assim que viu o pai, de onde ficou olhando-o com curiosidade.

— Olá, Catriona.

Recebi um rápido beijo quente nos lábios, pelo qual passei o dia inteiro à espera, mas a atenção de Brandon foi logo desviada para o filho. Fechei a porta, para evitar que o frio entrasse junto com ele, e fiquei observando-o agachar-se ao nível de Brodie.

— Como você está, garotão?

Parecendo subitamente tímido, Brodie agarrou-se às minhas pernas, mas sua reação não desmotivou Brandon, que tirou do bolso do sobretudo um pacote envolto em papel de presente e ofereceu-lhe.

— Trouxe isto para completar sua coleção.

Eu desconfiei logo o que era e aprovei silenciosamente a forma de aproximação que ele escolheu para conquistar o filho.

Brodie esticou as mãozinhas para pegar o presente e não opôs resistência quando o pai o pegou no colo, erguendo-se. Apesar da aparente calma e segurança de Brandon, seu olhar era um misto de alívio e preocupação quando cruzou com o meu.

— Pensei que não conseguiria fazê-lo lembrar de mim, apesar de termos brincado ontem à noite.

Dei-lhe um sorriso tranquilizador, enquanto o ajudava a tirar o sobretudo e caminhávamos para a sala.

— Ele puxou à mãe no quesito sociabilidade – provoquei-o, porque aquela era uma antiga brincadeira nossa, já que sempre fui mais sociável do que ele, que normalmente só relaxava na presença dos poucos amigos íntimos que tinha, como Fergus e Nora.

Ele não comentou nada, aparentemente concentrado em ver a reação do filho ao abrir o pacote e encontrar um carrinho parecido com os que tinha.

O gritinho de felicidade de Brodie trouxe um sorriso de satisfação ao rosto antes sério de Brandon, que o ajudou a livrar-se do papel de presente e correr para colocá-lo ao lado dos outros.

— Acho que este é um convite irrecusável – disse-lhe, mas ele já estava indo sentar ao lado do filho.

Sentei com eles também e passamos as horas seguintes juntos. Enquanto brincávamos, Brandon ia conversando comigo e fazendo perguntas sobre a gravidez, o nascimento do filho e como era nossa rotina no lugar onde morávamos. Fui respondendo tudo e acrescentando também outras informações, para fazê-lo sentir-se parte de nós dois.

O tempo passou de uma forma única, cheio da antiga cumplicidade que tínhamos no passado, acrescido da presença alegre de Brodie. Só quando

minha mãe chegou do trabalho foi que notamos o quanto a tarde tinha avançado para a noite.

Ela e Brandon sempre tiveram um relacionamento muito bom e, se não fosse a nossa separação de anos atrás, provavelmente os dois nunca estariam em lados opostos. Por isso, a reaproximação deles aconteceu de forma natural.

Igual à noite anterior, deixei pai e filho sozinhos e fui ajudá-la na cozinha. Agora, eu já não precisava me esconder para ver a reação de Brandon, porque sentia que seu coração já aceitava o filho.

Quando o jantar terminou e minha mãe levou Brodie para a cama, ficamos sozinhos na sala, onde o pisca-pisca da árvore de Natal iluminava o ambiente, junto com a lareira acesa.

— Precisava contar-lhe algumas coisas, Catriona – ele disse com o semblante tenso.

Pressenti que o assunto estivesse ligado ao álbum e rezei para não estar enganada.

— Pode falar, Brandon.

Apesar do pedido, ele ainda passou alguns segundos em silêncio, olhando para a árvore de Natal. Quando começou, foi com uma voz carregada de mágoa e dor, o que fez meu coração condoer-se por ele.

— Acho que para você entender um pouco as minhas atitudes de dois anos atrás, precisa conhecer parte do meu relacionamento com Niall.

Niall!

Era o que eu já desconfiava, por isso deixei-o à vontade para contar “parte” do que aconteceu. Mas fiquei pensando quando ele me contaria “tudo”.

— Mesmo com todo o esforço que minha mãe fez a vida inteira para que nos déssemos bem, nosso relacionamento era péssimo. Resultou que eu nunca tive um pai normal, desses que joga futebol com o filho, dá conselhos na adolescência e se torna um amigo. – Os olhos sérios afastaram-se da árvore e fixaram-se nos meus, e vi dor neles. – Se fosse só isso que me faltasse, tudo bem. Mas era muito pior, porque estas coisas foram substituídas por agressões constantes, que faziam parte de uma educação militar descabida que ele recebeu do meu avô.

— Agressões? – balbuciei, sem ter certeza se havia entendido direito.
– Ele batia em você?

Eu não conseguia imaginar um homem tão grande como ele, com aquela compleição física sólida, sendo agredido pelo pai.

Brandon deu um sorriso triste, como se o termo “bater” fosse leve demais para o que lhe aconteceu no passado, o que me deixou mais chocada ainda.

— Era muito mais do que simplesmente bater, Catriona. Eu tive uma infância abusiva e uma adolescência idêntica. Ele tentou me educar para ser igual a ele. Uma espécie de cópia que pensasse da mesma forma e agisse de maneira semelhante quando me tornasse pai. Dizia que estava no sangue e que eu tinha a mesma agressividade dentro de mim. – Afundou a cabeça nas mãos, enfiando os dedos por entre os cabelos ruivos, em um gesto que eu já conhecia tão bem, mas que nunca associei àquela parte da sua vida. – Eu sentia a raiva crescendo e sabia que um dia ia explodir, porque Niall me forçou durante anos para que acontecesse, enquanto eu fazia de tudo para me controlar e provar que era diferente dele.

O silêncio fez-se dentro na sala quando ele se calou, já que eu também não conseguia encontrar palavras para dizer nada. Eu conhecia o Sr. Niall e jamais pensei que, por trás daquela imagem de homem sério e respeitável, houvesse um pai agressivo. Fiquei indignada, porque só agora entendia que Brandon foi vítima de violência doméstica, sofrendo abusos físicos na infância. Era chocante demais ter que usar termos tão repugnantes para definir o Sr. Niall, mas, infelizmente, não havia outra forma de denominar o que ele fez com o filho.

— Mas o pior de tudo foi que eu não consegui provar a mim mesmo que era diferente dele, Catriona! Passei a odiar o meu próprio pai e quase o matei anos atrás – ele admitiu, deixando-me perplexa, porque quem visse os dois juntos até perceberia o relacionamento frio que tinham, mas nunca imaginaria que se odiassem tanto assim.

Uma suspeita começou a se formar na minha cabeça e não deu para ficar calada.

— Brandon, o que aconteceu com Otto naquele dia? – Não precisei justificar minha pergunta, dizendo que me referia ao Kerry Beagle que levou para a minha clínica, porque ele já sabia que eu tinha visto o álbum de fotos.

Brandon recostou-se no sofá com uma expressão derrotada.

— Otto foi um presente que dei para minha mãe, e ele só não sofreu mais porque era dela. Se fosse meu, acho que teria morrido bem antes – esclareceu, confirmando minhas suspeitas de que o Sr. Niall foi o responsável por aquele ato covarde de bater no cachorro.

Quando começamos a namorar, perguntei apenas uma vez sobre Otto, querendo saber o que tinha acontecido com o cachorro machucado. Em poucas palavras e sem se estender muito no assunto, Brandon havia dito que conseguiu descobrir o dono dele e que o tinha devolvido, por isso não sabia como estava.

— Sei que menti sobre ele, mas não podia dizer a verdade naquela época. Otto morreu uns dois meses depois que o levei à sua clínica. Apesar do excelente trabalho que você fez, acho que a idade e o sofrimento físico que passou, junto com a tristeza pela falta da minha mãe, acabaram por ser demais para ele.

Foi impossível não me emocionar com aquilo e senti que Otto era um assunto delicado para Brandon, que estava fazendo um esforço visível para me contar coisas que aconteceram no passado.

— Niall conseguiu fazer com que eu ficasse parecido com ele em muita coisa, porque a mesma frieza com que ele me agredia, eu senti quando o agredi. Eu o teria matado facilmente naquele dia, mas algo me fez parar. Foi por isso que decidi não ser pai. Se o mal estava no meu sangue, eu ia acabar com a descendência da família Campbell.

Meu Deus!!!

Eu nunca ia imaginar que os motivos de Brandon rejeitar a paternidade fossem tão graves assim, muito menos que tinham a ver com o próprio pai.

— Mas você é diferente, Brandon! – disse-lhe com firmeza quando consegui falar, porque nem em sonho ele era parecido com o pai. – Pode até existir algumas semelhanças, mas certamente que sua essência interior é diferente e bem melhor do que a dele. Em Niall há uma frieza estranha, que, para mim, não inspira confiança. Ao contrário de você, que, apesar de reservado, é atencioso com as pessoas e nos transmite confiabilidade e segurança. Considero você um cavalheiro.

Ele me olhou com profundidade, a voz enrouquecendo de emoção.

— Diz isso porque me ama.

Não havia como negar que eu o amava, por isso sorri, assumindo com tranquilidade.

— Sim, amo. E garanto que não amaria se tivesse visto qualquer indício de uma personalidade doentia ou abusadora em você, durante os três anos que passamos juntos. E quer saber como eu tenho certeza disso? – Quando fiz aquela pergunta, ele aprumou o corpo contra o sofá, em tensa expectativa. – Você entrou em minha clínica desesperado, trazendo com o maior cuidado do mundo um cachorro machucado. Senti o seu amor por ele durante todo o tempo em que o tratei. Eu nem sabia que Otto era seu, mas observei a forma como conversava com ele para acalmá-lo, sua preocupação e amor. Estas não são atitudes de um homem abusador e mostram um coração enorme, Brandon. Não acredito que uma pessoa que fica visivelmente abalada com o sofrimento de um animal, que ama um animal, seria desumana a ponto de maltratar o próprio filho. Posso dizer que me apaixonei um pouco por você naquele momento.

Suas narinas se dilataram, quando ele inspirou fundo assim que terminei de falar. Brandon me abraçou, ficando quieto naquela posição por um bom tempo. Senti que ele estava emocionado demais e tentava esconder aquele excesso de emoção de mim. Deixei-o à vontade, simplesmente abraçando-o da mesma forma.

Instantes depois, ele passou a mão no rosto e afastou-se.

— Tenho receio de não ser um bom pai, Catriona! Estou me esforçando para não deixar as paranoias que Niall meteu na minha cabeça me afastarem do meu filho, porque Brodie me conquistou assim que o vi nos seus braços em frente à clínica. Não quero perder nem mais um dia de convivência com ele. Quero que me reconheça como sendo o pai dele sempre que me ver. Quero brincar de carrinho com ele, levá-lo à escola, vê-lo crescer. – Me encarou com um pedido angustiado na expressão, que verbalizou logo depois. – Ajude-me a ser um bom pai, Cat!

Acaricieei seus cabelos, descendo a mão pelo rosto que eu tanto amava, até chegar na barba que vinha me encantando desde que nos reencontramos. Por fim, beijei seus lábios e, junto a eles, falei a verdade do que vi naqueles dois dias.

— Para um homem que se achava incapaz de ser um bom pai, você está se saindo muito bem, Bran!

Ele fechou os olhos e engoliu em seco, me deixando ver o pomo de adão subindo e descendo para tirar o travo de emoção da garganta.

— Cat.

Aquilo era mais um gemido do que um chamado, mas serviu para os dois casos, porque logo depois recebi um beijo profundo e, ao mesmo tempo, desesperado.

Os sentimentos explodiram todos de uma única vez. A carência e a saudade causada pelo afastamento de dois anos, agora exigiam uma rendição completa de nós dois, e foi exatamente aquilo que fizemos.

Nos rendemos ao nosso amor.



*“Ajude-me
a ser um bom pai,
Cat!”*





____CAPÍTULO 18

Dois anos de saudades, sem sentir o toque da pele um do outro, fez com que dedicássemos pouco tempo às preliminares. Tudo foi feito com sofreguidão e um anseio incontrolável. A necessidade que imperava naquele momento era a de satisfazer de forma imediata o desejo acumulado, por isso as roupas acabaram por ser tiradas às pressas e largadas sobre o tapete, enquanto deitávamos no sofá.

Sentir novamente o corpo nu de Brandon foi uma das melhores sensações que tive nos últimos tempos. Quente, grande e firme. Foi com avidez que suas mãos deslizaram por toda parte, alisando, acariciando e estimulando minhas terminações nervosas de uma maneira um tanto bruta, mas irresistivelmente excitante para mim. A boca sedenta também não parava, terminando de me enlouquecer de paixão.

Do mesmo jeito, eu também não conseguia deixar de tocar tudo o que encontrava à minha frente. Refém de uma ansiedade incontrolável, apalpei sua carne como uma mulher faminta. Achei que ele estava mais forte do que antes e me deleitei ao sentir o tórax amplo roçando os meus seios. Brandon tinha sardas que se espalhavam pelo rosto, ombros, peito e costas, e beijei todas que estavam ao alcance dos meus lábios.

Ele encaixou-se entre minhas pernas e arfamos juntos com aquele reencontro de corpos. A novidade daquela barba abundante sobre minha pele fez uma diferença enorme para mim. Eu não esperava mesmo sentir aquela estimulação toda, à medida que seus beijos sequiosos voltavam a marcar o meu corpo como uma tatuagem. Brandon era voraz na sua forma de beijar. A sensação que eu sempre tive nos seus braços era que ele não beijava, mas devorava e comia.

— Ai, Brandon! – gemi, quando sua boca cobriu um de meus mamilos, sugando-o com uma ânsia renovada pelos anos de separação.

— Estão maiores e mais cheios, Cat! Deliciosos – grunhiu, indo em busca do outro.

Fui beijada, acariciada e enlouquecida até não aguentar mais.

Com mãos frenéticas, saí redescobrimdo o seu corpo, tocando cada pedaço de pele como se fosse a primeira vez. Alisei suas costas, encontrando as pequenas cicatrizes que eu já conhecia e que marcavam sua pele branca. Só agora eu entendia o verdadeiro significado delas, porque anos atrás a explicação dele foi outra.

— Eu as consegui durante as minhas brincadeiras de criança. Subi no muro de casa e acabei caindo do outro lado, onde o vizinho entulhava o material de construção de uma reforma que fazia. Caí de costas e fiquei todo marcado.

Lembrar daquilo só aumentou o meu amor por ele e a vontade de recompensá-lo por toda a dor que sofreu. E foi assim que alcancei o membro duro, que envolvi com a mão. Brandon inspirou fundo por entre os dentes cerrados, engolindo o gemido alto que normalmente soltava naqueles momentos, mas que reprimiu por estarmos na casa da minha mãe.

Não fiz comentários quando ele pegou o preservativo no bolso da calça e o colocou rapidamente, voltando para os meus braços. Em deliciosa expectativa, preparei-me para o que vinha a seguir, acostumada com a forma de

Brandon fazer amor.

Tive meus cabelos agarrados com força na altura da nuca e fui imobilizada sobre o sofá, para que sua boca pudesse devorar, morder e sugar a minha com paixão redobrada. Com a outra mão, ele segurou minha coxa e separou minhas pernas, os dedos ágeis acariciando e estimulando meu sexo daquela forma única que me tirava a razão, deixando-me pronta para ele. Quando eu menos esperava, o membro enrijecido já estava invadindo o meu corpo, a penetração potente elevando o meu prazer a um nível muito próximo do clímax.

Mordi seus lábios da mesma maneira que ele fazia com os meus, enterrando as unhas com força nas costas largas assim que começaram os movimentos vigorosos dentro de mim.

De bocas unidas, engolimos os gemidos e exclamações de prazer um do outro, para que não ultrapassassem as paredes da sala. Mas, mesmo assim, ainda dava para ouvir muito da respiração ofegante e dos grunhidos de prazer dele, que só aumentavam a minha própria excitação. Era impossível não me sentir muito mulher vendo Brandon entregue daquele jeito em meus braços e aquela sensação incomparável foi suficiente para fazer o meu orgasmo explodir segundos depois.

— Bran!!!

Nosso sexo sempre foi dinâmico, intenso e até meio bruto, mas ele se encaixava direitinho em todas as minhas fantasias sexuais. Fantasias que Brandon também tinha, em igual ou maior proporção do que as minhas. Daquela vez não foi diferente, e, mesmo sem podermos fazer com liberdade tudo o que estávamos acostumados, encontramos um prazer fenomenal naquela nossa primeira vez depois de dois anos separados.

— Porra, Cat!! – ele rosnou, intensificando o ritmo para gozar logo a seguir.

Ficamos largados sobre o sofá, sem forças para nos mexermos, enquanto a respiração voltava ao normal. Ainda com o olhar cheio de tesão, Brandon soltou meu cabelo, mas prendeu meu queixo para que nos olhássemos de frente.

Haviam tantas emoções expostas naquele olhar que até perdi o fôlego.

— Não me abandone novamente. Por favor!

Oh meu Deus!

Depois de conhecer parte da sua história de vida, eu entendia perfeitamente a seriedade daquele pedido.

— Não abandonarei, Bran.



*“Não me abandone
novamente.
Por favor!”*





____CAPÍTULO 19

Quando terminamos de vestir nossas roupas, joguei fora o preservativo e voltei para a sala, onde ficamos deitados sobre o sofá. Acariciando meus cabelos, Brandon olhou pensativamente para a árvore de natal, até me fazer um outro pedido.

— Eu sei que vocês se programaram para fazer a ceia de Natal aqui, mas queria muito que isso acontecesse na “nossa” casa. Ainda não coloquei nenhuma decoração nela, por total falta de motivação, mas se você estiver disposta a me ajudar, podemos comprar tudo o que for preciso para Brodie gostar de estar perto da árvore de natal de lá, tanto quanto gosta desta aqui.

Seu olhar me fez pensar no menino que ele foi no passado, que nunca teve um Natal em família de verdade. Agora que era um homem adulto e tinha um filho, eu entendia que ele sentisse necessidade de dar-lhe o que não teve.

Desde que Brandon voltou à minha vida, aquela era a primeira vez que a “nossa” casa era citada. As coisas aconteceram em uma velocidade tão grande, e foram tão intensas, que nem perguntei onde ele estava morando atualmente. Mas, pelo visto, ele se mudou para a casa que havia comprado para nós dois.

— Você está na casa?

Ainda não me sentia segura o suficiente para chamá-la de “nossa”, mas minha insegurança o fez lançar-me um olhar penetrante.

— Estou em nossa casa desde que voltei do hospital. Eu ainda aguentava morar naquele apartamento de Niall com você, mas sozinho já não dava mais – esclareceu, trazendo-me para mais perto dele. – A casa é nossa! Eu contratei uma empresa de decoração e espero que goste dela como ficou, mas se quiser trocar tudo, troque.

Fiquei pensando como foi que ele conseguiu morar sozinho durante dois anos em uma casa tão grande quanto aquela.

Mas será que morou mesmo sozinho?

— Sei que passado é passado e você tinha todo o direito de estar com outra mulher neste tempo em que nos separamos, mas não gostaria de ser pega de surpresa com outra situação inesperada, em que uma ex-namorada venha me atacar por sua causa. Se é para voltarmos, que seja sem segredos.

Sua expressão tornou-se séria, mas eu tinha que tocar no assunto.

— Então deixe-me esclarecer tudo de uma vez, para que não fiquem lacunas que a façam me deixar novamente, Catriona. Estou morando sozinho em nossa casa desde que você foi embora – declarou em tom firme e sem desviar os olhos dos meus nem por um segundo. – Com exceção de Nora e da minha empregada, nenhuma outra mulher entrou nela desde então. Quer saber se fiquei sozinho durante estes dois anos? Sim, fiquei, porque ainda amava você e não me interessei por nenhuma outra mulher a ponto de assumi-la ou de querer que fizesse parte da minha vida. Se tive sexo? Sim, tive, mas sexo ocasional, sem compromisso, e nenhuma das vezes foi com Erin.

Comprimi os lábios para aguentar ouvir aquilo, mesmo sabendo que dificilmente um homem sexualmente saudável passaria dois anos sem sexo. Ainda mais um homem como Brandon, que era bonito, atraente e bem-sucedido. Sempre haveriam mulheres disponíveis para ele.

— Sei que não é fácil ouvir isso e até vejo pelos seus olhos que se sente magoada. Mas, por favor, não pense muito neste assunto, porque é o que eu tentaria fazer, se estivesse no seu lugar. — Fitou-me com intensidade, o rosto barbado deixando-o muito mais sério do que eu estava acostumada a ver naqueles momentos. — Não sei se eu conseguiria, mas certamente tentaria não pensar.

Mal terminou de falar, já estava segurando-me pelos cabelos e tomando minha boca em um beijo cheio de posse, como se precisasse assegurar a si mesmo que me tinha como só dele. Eu até entendia aquele sentimento, porque era algo que, igualmente, também sentia.

O beijo prolongou-se pelo tempo que precisávamos para afastar as inseguranças que a conversa trouxe. Depois, mais calmos, nos abraçamos sob o pisca-pisca da árvore de natal.

— Vou falar com a minha mãe e tenho certeza que ela vai gostar muito de conhecer nossa casa e passar o Natal lá. — Inspirei fundo para encontrar coragem, porque precisava aproveitar aquela oportunidade para ajudá-lo a libertar-se do passado e ser um bom pai para o nosso filho. — Mas tem apenas uma condição para que isso aconteça, Brandon.

— Qual?

Ele não parecia preocupado, apenas curioso em saber qual era a condição que eu colocaria para que o nosso Natal não acontecesse ali, na casa da minha mãe.

— Esta é uma época especial do ano, em que celebramos a união familiar. — Indiquei a manjedoura ao lado da árvore de natal, onde o menino Jesus, Maria e José formavam uma família cheia de amor. — Minha mãe gosta muito de repetir que as desavenças devem ser esquecidas no Natal e que também precisamos trabalhar o perdão.

Ele ficou tenso e já se antecipou em uma negativa, antes mesmo que eu acabasse de falar.

— Não me peça para perdoar Niall, porque não farei isso! — disse entredentes, soltando um xingamento logo depois. — Aquele desgraçado não merece perdão, Cat. Não fui eu quem errei, mas ele!

— Calma, Brandon! Não é isto que estou pedindo! — Segurei seu braço

com força, para fazê-lo me olhar de novo. – Jamais pediria isto, quando sei que você foi uma vítima dele. Eu mesma talvez nem conseguisse perdoá-lo se fosse meu pai. O que peço é que perdoe a si mesmo por achar que se tornou igual a ele, quando quase o matou. Você foi pressionado e forçado durante anos até não aguentar mais e reagir, tendo uma atitude violenta, mas que ele mesmo semeou. Não sei tudo o que se passou entre vocês dois, mas acredito que o que Niall queria era exatamente o que aconteceu: você agredi-lo. Ele ultrapassou os seus limites de aguentar abusos e agressões. Ao vê-lo agir como ele mesmo agia, sentiu-se “normal”, e não psicologicamente doente como era na verdade.

Passei a mão nos seus cabelos, acariciando o rosto que eu tanto amava e onde as sardas eram bem visíveis.

— Às vezes nos condenamos por erros que cometemos, deixando o sentimento de culpa nos envenenar a vida inteira, como se tivéssemos que ser perfeitos e nunca errar. O que peço, é que se liberte deste sentimento de “*mea culpa*”. – Observei o maxilar enrijecido, coberto pela barba em tons acobreados que o deixavam muito mais atraente. – Perdoe a si mesmo, porque só o perdão traz a libertação. Comece a se perdoar por ter sentido o desejo de matar Niall, pelo ódio que ainda corrói o seu coração e envenena a sua alma, a ponto de se negar o prazer de ser pai. Você tem tanto amor aí dentro para dar ao nosso filho!

O pomo-de-adão movimentou-se quando ele engoliu em seco, dominado pela emoção. Afastou o rosto, olhando para o teto, e logo a seguir passou a mão no rosto para aliviar a tensão.

Fiquei em silêncio, deixando-o assimilar tudo no seu tempo. Esperava apenas que algumas coisas que falei pudessem ajudá-lo realmente a se libertar do passado.

Instantes depois, ele me puxou para o peito, onde encostei a cabeça, ouvindo a batida firme do seu coração.

— Obrigado, Cat. Você sempre foi uma companheira por completo e eu te amo cada vez mais por ser assim. – Apertou mais o meu corpo em seus braços, virando-se de frente para mim outra vez. – Prometo que vou tentar. Pelo meu filho, quero ser um homem melhor. E concordo que devo começar a partir de agora, neste nosso primeiro Natal em família. Quero que seja o primeiro de muitos que teremos juntos.

Selou aquelas palavras com um beijo profundo, onde a paixão e o desejo foram colocados de lado, em favor de um sentimento muito maior: o

amor.



*“Pelo meu filho,
quero ser um
homem melhor.”*





____CAPÍTULO 20

No dia seguinte, aproveitei o café da manhã para contar tudo à minha mãe. Brandon tinha ido embora na noite anterior com a minha promessa de voltarmos a morar juntos como uma família.

— Brandon não impôs um prazo, mãe. Mas percebi que se fosse por ele, ontem mesmo já teria nos levado.

— E é isso mesmo o que você quer, filha?

Fazer perguntas, em vez de dar uma opinião direta, era sua forma de me obrigar a pensar sobre o assunto, caso eu ainda não tivesse pensado bastante sozinha.

— Sim, é o que eu quero – afirmei, porque meu coração não tinha dúvidas quanto ao amor que sentia. – Acredito que ele vai conseguir superar

tudo e ser um bom pai, mesmo com a vida familiar difícil que teve.

Ela concordou com um gesto de cabeça, limpando a boca de Brodie, que se refestelava com o prato de papinha.

— Fico feliz que tenha tomado esta decisão, porque também acredito na capacidade de superação de Brandon. Se ele conseguiu se tornar um homem honrado, apesar do comportamento hediondo de Niall, é porque tem muito caráter e força de vontade. Sua dignidade diz tudo do homem que é, e concordo que você dê uma oportunidade para ele.

Levantei da mesa e fui dar-lhe um abraço, emocionada por ela ver em Brandon o homem que eu também via.

— Vai dar tudo certo, com a graça de Deus – previu, dando-me força. – Não me importo de passar o Natal em sua casa. Acho que será o melhor momento para o meu neto se ambientar com a nova vida que terá ao lado dos pais.

E foi assim que decidimos comprar os enfeites natalinos após o almoço, logo depois de Brandon ligar dizendo que a árvore de Natal que havia encomendado já tinha sido entregue na casa.

— Você já comprou uma árvore?! – dizer que eu estava surpreendida era pouco.

— Já e se prepare, porque me entusiasmei e comprei a maior que tinha na loja. – Seu tom era uma mistura de riso e pedido de desculpas.

Quando ele me passou a metragem da árvore, não consegui conter uma risada.

— Teremos que repensar os enfeites para este pinheiro gigantesco! Precisarei de uma escada para colocar a estrela no alto.

Brandon riu, parecendo estar muito relaxado, como era na época em que estávamos noivos.

— Posso suspender você até que chegue lá. – Sua voz ganhou um timbre mais baixo e íntimo que me trouxe lembranças muito boas.

— Teremos plateia, por isso é melhor uma escada.

Ouvi um suspiro profundo de resignação, até ele falar novamente.

— Estou aqui cheio de saudades de você. Acho que vou tirar umas férias, porque nem consigo me concentrar no trabalho.

— Não vai ter problemas se fizer isso?

— Não, Cat. A empresa agora está sólida e continua crescendo rápido. Já não preciso passar noites em claro trabalhando.

Se era assim, não havia outra resposta a dar.

— Então vem ficar comigo, Bran – pedi, sem esconder o desejo que sentia.

— Caralho! – ele rosnou do outro lado da linha, dizendo cheio de determinação. – Pode contar com isso!



Quando ele tocou a campainha da casa da minha mãe, deixei Brodie com ela e fui abrir, ansiosa. Nem houve tempo para cumprimentos, porque fui arrebatada para os seus braços e beijada com uma paixão estonteante. Eu nem imaginava como íamos aguentar até à noite para estarmos sozinhos.

Fui pressionada contra sua virilha e nos esfregamos um no outro com desespero, o que só piorou a situação.

— Foi tempo demais sem você e agora já não consigo ficar longe.

Encheu a mão com os meus cabelos e puxou-os, fazendo-me deitar a cabeça para trás. Suspirei de prazer quando seus beijos molhados se espalharam pelo meu pescoço, aquela barba matadora fazendo loucuras com os meus sentidos.

— Bran!

Desci a mão até encontrar sua ereção, que envolvi por cima da calça.

— Merda! – ele desabafou com os dentes cerrados. – Estamos perdendo o controle no pior momento.

Tinha a respiração ofegante e os olhos ardiam de desejo, mas afastou-se, recompondo-se. Passou a mão nos meus cabelos, ajeitando-os, para disfarçar o que estivemos fazendo, mas acabou prendendo-os novamente ao redor do pulso.

— Hoje à noite quero foder você até cansar!

Aquelas palavras duras, junto com o olhar de desejo reprimido, fizeram um espasmo de prazer descer pelo meu corpo, deixando-me molhada de excitação. A vontade que eu tinha era de satisfazer aquele desejo ali mesmo, e acho que Brandon percebeu, porque me soltou logo a seguir. Virou-se de costas e esfregou o rosto várias vezes para recuperar o controle.

Sem reação, fiquei observando-o respirar fundo e depois esticar a calça em uma tentativa infrutífera de disfarçar a ereção.

— Não posso entrar assim! – rosnou, frustrado. – Vou lá fora e volto já.

Nem me deixou dizer nada, abrindo a porta e saindo para o frio da tarde invernal. Virei para o espelho do hall e dei com o meu rosto afogueado.

Jesus! Eu não podia entrar na sala daquele jeito, porque o desejo estava estampado na minha cara. Decidida, arrumei os cabelos e abanei o rosto com as mãos, para voltar ao normal.

Estava quase conseguindo uma aparência decente, quando a porta da rua abriu e Brandon voltou. Meu olhar foi direto para sua calça, querendo confirmar se a ereção deliciosamente potente de minutos atrás ainda continuava evidente.

— Eu não fiquei no frio à toa, por isso é melhor parar de me olhar desse jeito.

— Oh, desculpe! – falei, mordendo o lábio, constrangida com a minha falta de discrição. – Foi automático.

— É melhor entrarmos. – Segurou minha mão e caminhou a passos firmes para a sala.



*“Se ele conseguiu se tornar
um homem honrado,
apesar do comportamento
hediondo de Niall,
é porque tem muito caráter
e força de vontade.”*





____CAPÍTULO 21

Minha mãe estava sentada no chão com Brodie, ambos rodeados por brinquedos espalhados pelo tapete. Desde que entrou de férias, ela dedicava-se cem por cento ao neto.

Assim que nos viu entrar, nosso filho se levantou e estendeu os braços, pedindo colo. Ele sorria, feliz, e achei que estava na hora de apresentar Brandon como seu pai.

Peguei-o do chão e virei para Brandon, que estava parado logo atrás de mim.

— Olha quem chegou, Brodie! O papai.

Frisei bem o “papai”, como sempre fazia quando queria que ele aprendesse uma palavra nova. Ao meu lado, Brandon paralisou em tensa

expectativa, a expressão mostrando surpresa e alguma insegurança, enquanto aguardava a reação do filho.

— Não quer ir para o papai? – insisti, fazendo um gesto como se fosse passá-lo para os braços do pai.

— Papai – Brodie repetiu, olhando-o com inocência.

— Sim. “Papai” – reforcei a palavra, sentindo-me subitamente tão ansiosa quanto Brandon. – Quer ficar no colo do papai?

O tempo até Brodie estender os braços para ele foi pouco, mas tornou-se enorme diante da tensão dos adultos dentro daquela sala. Até minha mãe parecia rezar para tudo dar certo.

— Papai – meu bebê disse, rindo, com os bracinhos esticados para Brandon.

Assim que viu o filho aceitá-lo sem nenhum drama, ele o pegou firmemente ao colo, abraçando-o junto ao peito. Em silêncio, afastou-se para a árvore de natal, ficando de costas para nós duas.

Eu e minha mãe trocamos um olhar de entendimento, cientes que Brandon estava emocionado e que precisava de um tempo sozinho com o filho.

— Mãe, vamos pegar os enfeites que compramos.

Ela levantou-se e saímos da sala com aquela desculpa. Já estávamos com tudo organizado, mas sabíamos que aquele momento era importante para pai e filho.

— Meu neto quase fez meu coração parar agora – ela desabafou quando íamos para o quarto. – Mesmo tão pequenino e sem saber da grande responsabilidade que tinha sobre os ombros, ele portou-se como um homenzinho.

Seu tom de orgulho era evidente, mas eu me sentia igualmente orgulhosa de Brodie.

— Estou muito feliz porque está dando tudo certo, mãe. E venho rezando para Deus continuar abençoando nossa família.

— Amém!



E as bênçãos continuaram, porque tudo correu muito bem com a decoração da “nossa” casa. Entrar novamente nela causou-me um sentimento de tristeza e saudades, pelo tempo perdido e pelo que deixamos de viver juntos dentro daquelas paredes.

A sala onde fizemos amor no dia em que Brandon me levou lá, agora estava muito diferente de antes, com a mobília luxuosa, mas também muito clássica, que simplesmente adorei. A enorme árvore de natal estava no canto da parede, exatamente no local onde eu a tinha imaginado, aguardando os enfeites que trouxemos.

Brandon nos levou para um *tour* pela casa, mostrando como os cômodos ficaram depois que foram decorados pela empresa de arquitetura que ele havia contratado. Era tudo de muito bom gosto e certamente nem eu mesma faria melhor, por isso só fiz concordar que estava perfeito, quando ele me perguntou o que achei.

— Sendo muito sincera, eu não trocaria nada, porque gostei da decoração. Precisamos apenas organizar um quarto para Brodie.

Escolhemos o mais próximo do nosso, e combinamos que eu e minha mãe providenciariamos que fosse transformado no quarto ideal para ele.

Partimos depois para a decoração natalina. Minha mãe se ocupou com os detalhes da casa, enquanto eu, Brandon e Brodie ficamos na sala, dando conta da árvore de natal.

Eu não conseguia parar de rir, porque ele cumpriu a promessa que fez de me suspender até que alcançasse o topo da árvore. Só que aproveitava sua força para me sustentar com um único braço por baixo das minhas nádegas, enquanto usava a mão livre para erguer minha blusa de lã e dar beijos molhados em minha barriga, cintura e, sempre que podia, nos seios também.

— Brandon! – eu reclamava, mas no fundo estava era arfando, excitada. – Vamos derrubar tudo.

— Não vamos, não – ele garantia, apertando-me mais contra o próprio corpo. – Concentre-se no seu trabalho, que eu me concentro no meu.

Voltei a rir, dando-lhe uma tapinha no ombro.

— Seu trabalho está sendo me desconcentrar – acusei, colocando mais uma bola colorida em um dos galhos da árvore.

— É porque você está fazendo o mesmo comigo.

Deu uma mordida suave em minha cintura, roçando aquela maldita barba sensual em minha pele.

— Ai, Brandon!

Ele não parou, arrastando os lábios para o meu umbigo e enfiando a língua quente nele, depois subiu em busca dos meus seios. Eu tinha acabado de envolver sua cintura com as pernas quando fomos interrompidos.

— Papai. Colo.

No chão, Brodie erguia os bracinhos, querendo estar no meu lugar. Estávamos tão envolvidos naquela troca de carícias que nem notamos nosso filho se desinteressar dos brinquedos e se aproximar.

— Acho que tem espaço aqui para os dois – ele brincou, mas a voz rouca dava indícios do nível de excitação em que esteve.

Brandon voltou a me sustentar com um único braço e inclinou-se para rodear a cintura do filho com o outro, erguendo-o. Assim que percebi sua intenção, eu o ajudei, pegando-o e colocando à minha frente.

Brodie soltou uma risada de prazer quando se viu no alto e meu coração encheu-se de felicidade. Aproveitei para colocar uma das bolas em sua mão, guiando-o até que a encaixasse em um dos galhos da árvore.

— Prontinho! Agora ela ficou perfeita.

Meu olhar cruzou com o de Brandon, intenso. Ele deu um beijo nos cachinhos ruivos do filho e, a seguir, recebi um beijo forte nos lábios, antes que nos colocasse no chão com cuidado.

— Hoje à noite! – ele lembrou em tom grave. – E vai ser como você quer, sem preservativo, porque o seu próximo filho também será meu!

O tom de voz firme e seguro não deixava dúvida nenhuma quanto à aceitação da paternidade presente e futura. Fiquei tão emocionada que precisei tomar fôlego para voltar a falar.

— Tem certeza?

— Tanto quanto te amo! Quero aquela família que você me prometeu.

Outro beijo profundo selou aquela declaração, que abria todas as possibilidades de criarmos a família que eu sempre quis: grande, unida e cheia de amor.



*Assim que viu o filho
aceitá-lo sem nenhum drama,
ele o pegou firmemente no colo,
abraçando-o junto ao peito.”*





____CAPÍTULO 22

No final da tarde, fiz uma proposta à mãe de Catriona.

— Chiara, você poderia levar Brodie para dormir em sua casa e deixar Catriona comigo? Eu a levo amanhã.

Eu não podia ser mais óbvio em minhas intenções, mas também não dava para fingir que não queria ficar sozinho com minha mulher e amá-la até cansar.

Catriona ficou vermelha como um camarão, mas, infelizmente, eu não sabia nenhuma outra forma mais sutil de abordar o assunto.

— Claro que posso, Brandon – a mãe dela respondeu com tranquilidade, sem dar indícios de estar constrangida como a filha. – Vou adorar ter meu netinho só para mim.

Observei Brodie brincando ao lado da árvore, que já estava totalmente decorada, e veio-me de repente uma preocupação. Virei-me para Catriona.

— Ele não vai sentir muito sua falta e chorar?

Ela trocou um olhar com Chiara e as duas riram com cumplicidade.

— Não, não vai. Minha mãe é talentosa não apenas na cozinha, mas também na hora de conquistar Brodie. Eles dois se entendem muito bem.

Mais aliviado, esperei com ansiedade crescente o momento em que teria Catriona só para mim.

Putá que pariu! Enfim eu tenho minha mulher de volta!

Ela agora estava onde sempre deveria ter estado: em nossa casa. E, em breve, também estaria em nossa cama.



Ultrapassei a porta do quarto com Catriona no colo, como faria se estivéssemos em nossa lua-de-mel. Senti seu corpo macio pressionar mais o meu, em um gesto inconsciente de excitação da parte dela.

— Confesso que estou ansiosa.

— Ansiosa ou excitada? – provoquei.

Ela deu uma risada quente e sedutora, cujo efeito foi devastador para o meu pouco autocontrole. Fiquei horas em uma tensa expectativa sexual, desde que nos beijamos no hall da casa de Chiara, e agora já não dava para controlar mais nada. Catriona teria que dar conta do meu desejo louco por ela.

Soltei-lhe as pernas, mas continuei prendendo-a pela cintura, para que seu corpo deslizasse pelo meu até os pés tocarem o chão. Foi quando ela viu a echarpe sobre a cama e paralisou, até girar rapidamente em minha direção, o

olhar interrogativo.

Eu entendia sua surpresa, afinal Catriona agora sabia das surras que levei de Niall e do ódio que me fez querer matá-lo. Ela devia imaginar que eu igualmente odiava me sentir preso, por isso compreendi seu espanto por eu ter permitido que ela fizesse aquele jogo comigo no passado, mesmo sendo algo totalmente diferente, onde não havia agressões.

Ela ficou vermelha de vergonha e segurei seu rosto com as duas mãos.

— Só permito a você.

— Nem lembrei disso quando você me contou, Bran! Eu nunca teria pedido isso se soubesse das agressões que sofreu e...

Interrompi suas palavras, colocando um dedo sobre os seus lábios.

— O que fazemos juntos não tem nada a ver com o que sofri, Cat. São coisas totalmente diferentes. Quero e gosto do que você faz comigo. – Prendi seu olhar, repetindo a minha verdade. – Sei que sou meio bruto, mas me esforço para ser o homem que você quer e precisa na cama. Este jogo eu só jogo com você, porque te amo e sei que sou amado.

Totalmente grudada em mim, ela envolveu meu pescoço e ergueu o rosto para um beijo. Um beijo que libertou o monstro esfomeado que tinha dentro de mim. Segurei-a pelas nádegas cheias, que estavam muito mais encorpadas do que antes, e pressionei o sexo macio contra a dureza do meu. Seu corpo estava com curvas excitantes que ela ganhou depois da gravidez, o que a deixava duas vezes mais sedutora. Para mim, que sempre fui apaixonado por ela, Catriona agora estava irresistível.

Os cabelos louros, que antes tinham um corte simples e reto, atualmente estavam com uma franja longa e várias camadas leves nos fios sedosos, que desciam pelo rosto delicado, emoldurando-o como uma grande juba. Os seios mais cheios e altos, os quadris redondos e as nádegas tentadoras, completavam um conjunto que era muito sexy e mexia com todas as minhas fantasias.

E foi aquela juba loura que segurei com força, enrolando no meu pulso e fazendo uma leve pressão para curvar sua cabeça. Catriona era baixinha, por isso mantive o outro braço na cintura fina, erguendo-a até que ficasse na altura exata do meu pau.

Ela começou a me provocar, rebolando os quadris como uma serpente pecadora, fazendo minha excitação crescer, entre beijos cada vez mais profundos, ardentes e molhados. Eu a queria com urgência e não perdi tempo em retirar a blusa de lã rosa que ela usava. Os cabelos assanharam-se no processo, caindo depois sobre o rosto, ombros e seios de uma forma tão sensual que perdi o fôlego.

— Porra! — rosnei sem controle, espalmando as mãos sobre a pele branca do busto volumoso, que libertei do sutiã logo a seguir. Os mamilos apontaram para mim de uma maneira quase obscena, exigindo beijos.

O pulsar do desejo no meu pau foi imediato com aquela visão e fui saciar a minha vontade, sugando-os com paixão, sem controlar o gemido de prazer que escapou pela minha garganta.

Catriona agarrou-se aos meus cabelos, prendendo-me no círculo macio dos seus braços, em um pedido mudo para que continuasse a chupá-los. E foi o que fiz, imprimindo uma força maior do que antes, o que aumentou os seus arquejos e minha excitação.

Terminei de despi-la e tirei minha camisa, enquanto ela desabotoava minha calça com mãos impacientes, até baixá-la por minhas pernas. Antes mesmo que eu tirasse os sapatos para arrancá-la de vez, Catriona já tinha envolvido o meu pau e o manipulava com habilidade.

Até vacilei nas pernas com a sensação.

Porraaa!!!

Eu a queria urgentemente!

Livre-me das roupas e de tudo o mais que me impedia de concretizar aquele meu desejo e agarrei-a pela cintura, levando para a cama. O impacto do corpo nu contra o meu já foi suficiente para me fazer pulsar, tirando minha razão.

Senti sua respiração tornar-se mais ofegante, acelerando a minha também. Nos encaramos assim que deitamos na cama, cientes que aquela química entre nós era perfeita.

E foi ali, na nossa cama e em nossa casa, que amei Catriona da forma como necessitava voltar a amá-la naqueles fodidos dois anos de separação. Eu precisava amá-la completamente. Sem sufocar gemidos ou exclamações de

prazer para não sermos ouvidos, sem ser obrigado a reprimir o meu desejo por estar em outro lugar que não a privacidade total da nossa casa. Ali, tínhamos liberdade para fazer o que queríamos e da forma como gostávamos.



*“Sei que sou meio bruto,
mas me esforço para ser
o homem que você quer
e precisa na cama.”*





____CAPÍTULO 23

Catriona também estava ciente que agora tínhamos privacidade para liberar nossa sexualidade totalmente, porque seu olhar era expectante, mas também ousado e lascivo. Diria, até, desafiador.

Meu tesão cresceu, fazendo-me mais duro ainda.

— Quem começa? Você ou eu? – perguntei roucamente.

— Você.

Caralho!

Não aguentei e caí em cima dela como um desvairado, em um gozo antecipado pelo significado da sua escolha. Considerando que seu corpo estava muito mais voluptuoso do que antes, com curvas mais arredondadas, eu não sabia quanto tempo ia aguentar sem fodê-la de vez.

Mas tinha que aguentar!

Olhamos automaticamente para o relógio digital sobre a mesa de cabeceira, que contava até os milésimos de segundos.

— Dou-lhe um minuto – ela disse em tom de desafio.

Aquele jogo erótico de Catriona era enlouquecedor e algo que achei surpreendente demais quando aconteceu pela primeira vez. Nunca imaginei que a veterinária recatada escondesse aquele vulcão ardente na cama, mas ela era criativa e sabia desafiar a minha masculinidade de uma forma viciante. Catriona soltava a fera esfomeada dentro de mim, mas fazia aquilo sem medo, porque sabia que conseguia dominá-la com facilidade.

Eu tinha um minuto para enlouquecê-la de prazer e excitá-la até atingir o orgasmo. Se não conseguisse fazê-la gozar naquele tempo, porque ela resistiria o quanto pudesse, Catriona ganhava a vez e eu seria amarrado e torturado pelo dobro do tempo, até não aguentar mais e desistir, ou até me libertar e fodê-la do meu jeito.

Era um jogo de limites, em que já perdi muitas vezes, mas também ganhei outras tantas. Daquela vez seria mais difícil, porque estávamos sedentos demais um do outro. Restava saber se aguentaríamos resistir à tanta pressão.

Um minuto!

Não perdi meu escasso tempo e caí de boca sobre a mulher que mandava e desmandava em mim, devorando cada pedaço de Catriona, principalmente o sexo úmido, que provei, lambi e suguei, estimulando o clitóris cada vez mais inchado. Roci a barba na parte interna das coxas roliças, para depois voltar a devorá-la, ouvindo seus gemidos cada vez mais altos.

— Ai, Bran! – ela abria-se mais ainda, agarrada aos meus cabelos.

Tive a certeza que daquela vez eu ia ganhar logo de partida, porque Catriona começou a movimentar o quadril de forma instintiva, no mesmo ritmo da minha língua. Ela arquejava de olhos fechados, prendendo-me naquela posição, enquanto eu usava uma das mãos para aumentar seu prazer, estimulando também um dos mamilos enrijecidos.

Controlei a vontade de possuí-la, fodendo-a em uma estocada dura e forte, porque a penetração estava fora das regras do jogo naquela primeira rodada. Meu pau estava duro e teso, e eu não sabia quanto tempo mais

aguentaria.

Duplamente desafiado a vê-la se render, intensifiquei as investidas, mas tentei me manter controlado diante do apelo sexual imperioso que invadia todos os meus sentidos, provocados pelo seu sabor em minha boca, pelo cheiro afrodisíaco que se apossava dos meus pulmões, os sons arfantes que entravam pelos meus ouvidos e a imagem erótica da mulher entregue às minhas carícias.

Isto vai acabar agora! Eu venci!

Mas toda minha autoconfiança foi abaixo quando a voz ofegante tirou a vitória das minhas mãos.

— Passou o seu tempo.

Olhei o relógio.

Merda!

Vinte segundos a mais. Trinquei os dentes, já sabendo que ia perder.

Abandonei a contragosto o sexo molhado e trocamos de posição. Deitei de costas na cama, meu pau apontando para cima, já a ponto de explodir. Ela o olhou e me lançou um meio sorriso cheio de malícia.

Pegando a echarpe azul, envolveu cada um dos meus pulsos, juntando-os com habilidade e, a seguir, me prendeu à cabeceira com dois nós, em vez de um, como sempre fazia antes.

Encarei-a, surpreendido.

— Ontem à noite reparei que você está bem mais forte do que antes.

Era verdade. Eu havia abusado da academia para me esquecer da dor de ser abandonado por ela, mas não imaginei que Catriona tivesse notado isso logo na primeira vez.

Ela envolveu meu pau com a mão quente e já forcei o tecido da echarpe, querendo agarrá-la com as mãos.

— Dois minutos e vinte segundos – ela sussurrou no meu ouvido, fazendo-me engolir um grunhido de prazer.

Porra! É muito tempo!

Para o grau de excitação em que eu já me encontrava, era demais. E ela sabia daquilo!

Até pensei que Catriona fosse trocar a mão pela boca, tal a forma como me olhou, mas ela estava disposta a me dar um banho de beijos antes de chegar ao ponto final. Nunca dois minutos foram tão longos e, ao mesmo tempo, tão curtos.

Eram beijos rápidos, por conta do tempo, mas ela não deixou nenhuma parte sem beijar, lambe e sugar, que ia intercalando com mordidas leves ou mais fortes, fazendo-me contorcer de tanto tesão. Quanto mais perto ela chegava do meu pau, mais a echarpe de seda sofria com a pressão que eu fazia para me libertar.

— Chupa logo, Cat!

Pedir aquilo era dar-lhe a vitória, porque certamente eu gozaria rápido. Mas joguei tudo à merda e urrei de prazer quando a boca quente e macia realizou o meu desejo. Arremeti o quadril para cima, em busca da satisfação, já totalmente cego pela luxúria.

Catriona usou poucos segundos para me excitar com a boca, mas logo percebi que ela pretendia gastar bem o tempo que ainda tinha, porque, antes que eu me desse conta, já tinha se afastado. Trinquei os dentes para não exigir que voltasse imediatamente, disposto a rasgar aquela echarpe em tiras e agarrá-la, se ela não me desse o que havia prometido.

Sem sequer imaginar o que me passava pela cabeça, Catriona deu-me as costas e montou em cima de mim, deixando-me ver as nádegas cheias enquanto seu sexo úmido engolia o meu pau. Nunca transei sem preservativo e me senti um adolescente inexperiente fodendo pela primeira vez na vida, de tanto que fiquei admirado com as novas sensações causadas pelo contato direto com o interior macio dela.

— Oh, porra!

Ela me olhou por sobre o ombro, um olhar obsceno de desejo que retorceu minhas entranhas. Se era possível ficar mais duro ainda do que já estava, eu não sabia, mas a sensação que tive foi de crescer dentro dela.

Catriona voltou-se novamente para a frente e concentrou-se em terminar de acabar com a minha sanidade, que, àquela altura, quase não existia.

— Ah, Cat! Assim é covardia, porra! – rosnei diante daquela visão enlouquecedoramente erótica.

Poderosa, ela movimentou o corpo sinuoso em cima de mim, enquanto eu só conseguia olhar e sentir, sem poder tocá-la. Quando o sangue já disparava todo para a junção dos nossos corpos e eu achava que ia explodir em um orgasmo possante, ela parou subitamente de se mexer.

— Não para agora! – exigi em tom autoritário.

Ela voltou a subir e descer cada vez mais rápido e parou novamente.

— Caralho!!! Não para!!

— Quem manda no meu tempo sou eu – foi a resposta arfante que recebi, enquanto ela se masturbava ousadamente bem à minha frente, deixando-me ouvir o som dos dedos no sexo úmido.

Arremeti o quadril para cima, tentando alcançá-la, mas ela ergueu-se mais, ficando longe do meu alcance.

— Não provoca, Cat! Juro que vou rasgar esta merda e fodê-la duro e forte, se não voltar aqui! – ameacei, agarrando a seda com as duas mãos.

Para me excitar mais ainda, Catriona inclinou-se para a frente, fazendo meu pau quase sair totalmente para fora dela, com a intenção de me dar uma visão completa do sexo úmido sobre mim.

Chegaa!!!

Urrei dentro do quarto, segurando o tecido da echarpe com os dedos e destruí tudo. O som da seda rasgando fez-se ouvir e ela olhou para trás com uma expressão de surpresa.

— Bran?

Soltei-me da cabeceira da cama e sentei, com os pulsos ainda presos pelo nó da echarpe. Nem perdi tempo em tentar desfazê-lo para ficar totalmente livre. Mesmo daquele jeito eu conseguiria fazer o que precisava, porque a urgência sexual falava mais alto.

Segurei-a pela cintura e mudei nossas posições, colocando Catriona de bruços na cama. Ajoelhado entre suas pernas, separei mais as coxas brancas e encostei meu pau no sexo inchado e úmido.

— Agora é a porra da minha vez! – rosnei com uma arrogância masculina que não consegui evitar.

Ela não retrucou, apenas me olhou com um leve sorriso satisfeito, que se transformou em um arquejo de prazer quando invadi seu corpo na primeira investida que lhe dei. Não demorei a alcançar o mesmo nível de excitação de antes, porque tudo contribuía para o meu prazer: seus gemidos sensuais, o corpo sexy exposto na cama, a forma como se arqueava para cima em busca do meu pau, os movimentos ritmados que fazia comigo. Tudo nela me enlouquecia.

— Cat! Cat! Você me enlouquece – exclamei, entredentes, quando o orgasmo começou a se avolumar tão rápido que me surpreendeu pela intensidade, chegando a um ponto sem retorno.

Eu só podia acreditar que a falta do preservativo era a causa daquela diferença, ou então eu estava carente demais de Catriona. Fechei os olhos e segurei seu quadril com força, mas era porque precisava me agarrar em algo palpável no momento em que o clímax estourou dentro de mim. Um orgasmo poderoso que me abalou até as bases.

Bati com força mais algumas vezes, ouvindo de muito longe sua voz dizendo que estava gozando, mas totalmente perdido em meu próprio prazer. Derramei cada gota do meu sêmen no interior do seu corpo, sentindo-me mais homem do que nunca me senti antes.

Quando tudo acabou, a única coisa que eu queria era desabar em cima dela, tão forte foi a experiência que tive. Caí ao seu lado na cama, ainda com os pulsos amarrados, mas consegui pelo menos envolvê-la, trazendo para o meu peito.

Ficamos abraçados e calados por um bom tempo, enquanto eu tentava assimilar o que tinha acontecido. Antes nunca tive dúvida nenhuma do quanto a amava, mas agora tinha a impressão de que a amava hoje muito mais do que no passado.

Sem perceber nada do que se passava comigo, Catriona começou a desfazer os nós da echarpe, cujos pedaços estavam pendurados nos meus pulsos amarrados.

— Você comprou uma echarpe fina de propósito.

Não parecia chateada. Ao contrário, seu olhar era malicioso quando

jogou os restos da peça no chão.

— Se você fizer isso comigo de novo, rasgo a mais grossa que tiver. Quase enlouqueço de tesão reprimido.

Ela enroscou as pernas nas minhas, aconchegando-se mais no meu peito.

— Isso não é justo, porque eu não consigo rasgar nem as mais finas e delicadas que você usa em mim. No fim, você sempre se liberta, enquanto eu permaneço presa.

— Então vamos parar com esse jogo – disse-lhe simplesmente, só para testá-la. – A ideia inicial foi sua.

— Não! Eu gosto! – falou com veemência, para depois ruborizar com a admissão. – Gosto de vê-lo perder o controle e me agarrar com esse seu jeito meio bruto.

Por um instante fiquei sem ação, porque ela nunca havia dito nada parecido antes. Se brincar, aqueles dois anos de separação serviram para nos mudar muito, dando coragem para abrimos mais o coração para o outro.

— Você é uma diabinha tentadora, Cat! – sussurrei no seu ouvido. – E eu te amo muito.

— Também te amo, Bran.

Naquele momento, percebi que nunca fui feliz antes de conhecê-la, porque jamais fui amado como ela me amava.



*“Naquele momento,
percebi que nunca fui feliz
antes de conhecê-la,
porque jamais fui amado
como ela me amava.”*





____CAPÍTULO 24

Três dias depois, eu e Brodie já estávamos instalados em nossa nova casa. Minha mãe veio junto, para ficarmos em família durante as festas de Natal e Ano Novo. Quando suas férias acabassem e tivesse que voltar ao trabalho, ela retornaria para a casa dela.

Aproveitamos uma manhã em que Brandon tinha negócios a tratar no centro da cidade para levarmos nosso filho ao parque. Decidimos que enquanto ele ia trabalhar, eu e minha mãe ficaríamos com Brodie no *St. Stephen's Green*, que ficava bem no coração de Dublin e sempre tinha gente para todo lado. Ela queria fazer algumas compras nas lojas da *Grafton Street*^[2] e aquele era o momento ideal.

— Acho que não vou demorar – Brandon disse, dando-me um beijo na

boca e outro na bochecha rosada do filho, para depois passar-me a chave do carro. – Você fica com ela para qualquer coisa que precisar.

Achei um cuidado desnecessário, mas não disse nada. Se no passado ele já era cheio de atenção comigo, tinha ficado duas vezes mais cuidadoso com a vinda de Brodie.

— Não vai ficar chateado se cansarmos logo daqui e formos direto às compras?

— De jeito nenhum. Podem se divertir como quiserem. Só não cansem muito este garotão aqui ou teremos que voltar mais cedo para casa – disse, assanhando os cachinhos ruivos do filho.

Quando ele se despediu e foi embora, não consegui deixar de admirar sua figura alta e atraente afastando-se pelo parque e atraindo olhares por onde passava.

— Acorda, filha!

A chamada de atenção da minha mãe me fez piscar rápido, fitando-a imediatamente. Dei com seu sorriso divertido ao me encarar.

— Estou mesmo nas nuvens, não é?

— Sim, está. Agora vamos passear com Brodie ou não teremos tempo para comprar tudo o que queremos.

Tive que concordar com ela, porque eu ainda tinha um presente especial para encomendar.

Quando nos demos por satisfeitas no parque, colocamos Brodie no carrinho e saímos de lá. Apesar de estarmos praticamente em cima da rua Grafton, acabamos por demorar um pouco mais do que o normal para percorrê-la, de tanto que paramos para ver a decoração natalina e as vitrines das lojas.

Fizemos compras rápidas, para não abusar muito da boa vontade de Brodie, que até que estava conformado em ficar quieto no carrinho. Provavelmente era por estar cansado das brincadeiras no parque, mas eu não duvidava que logo ia começar a ficar impaciente por comida. Ele tinha um apetite enorme, que só não era maior do que o do pai.

O meu celular começou a tocar na bolsa e atrapalhei-me toda para encontrá-lo no meio de tanta coisa. Eram objetos que eu achava serem básicos

para minha sobrevivência fora de casa, mas que agora pareciam um entulho de porcarias. A ligação caiu, fazendo-me engolir um xingamento. Quando voltou a tocar logo depois, fiz uma promessa de Ano Novo: jogar fora metade do que tinha na minha bolsa.

Peguei o celular e era Brandon.

— Tudo bem? – foi sua primeira pergunta, por conta da demora em atender.

— Sim, está tudo bem. Só a minha bolsa que é uma bagunça. Já terminou?

— Terminei. E vocês?

Olhei para minha mãe, que chegava do caixa naquele exato momento, encerrando nossa última compra na loja.

— Também terminamos. Nos encontramos no restaurante?

Tínhamos combinado almoçar ali perto, no *The Greenhouse*^[3], que era um dos restaurantes que frequentávamos muito quando ainda morávamos no apartamento do pai dele.

— Prefiro me encontrar com vocês antes, para ajudá-la a guardar o carrinho e trazer Brodie.

Apesar do restaurante ser maravilhoso, infelizmente não aceitava bebês em carrinhos, por conta do espaço. Brandon havia reservado uma mesa encostada à parede, para que pudéssemos colocar Brodie sentado na parte do sofá, onde ficaria seguro e bem acomodado.

— Não precisa. O carro está perto e nós duas damos conta disso. Apenas nos aguarde no restaurante, porque não demoraremos muito.

O breve silêncio a seguir mostrou que ele parecia hesitar, mas depois concordou.

— Certo. Estou indo para lá agora – confirmou, desligando.

Puxei o carrinho de Brodie e informei nossos planos para minha mãe.

— Por hoje nossas compras estão encerradas, porque Brandon já está livre e vai nos esperar no restaurante. Precisamos guardar o carrinho.

— Leve Brodie e vá encontrar-se com ele. Eu guardarei o carrinho e as compras no carro e depois me juntarei a vocês.

Era uma boa solução e fizemos exatamente daquele jeito. Peguei Brodie no colo e fui para o restaurante, em uma caminhada que durou pouco mais de quatro minutos. Com sua fachada castanha e os grandes janelões de vidro, ele era acolhedor e, ao mesmo tempo, requintado. O atendimento era primoroso e veio-me à lembrança os momentos maravilhosos que passei ali com Brandon.

Era cedo e o ambiente onde tínhamos nossa mesa reservada estava quase vazio. O que era bom, já que estávamos com Brodie e aquela seria a primeira experiência dele em um restaurante como o *The Greenhouse*.

Encontrei Brandon à minha espera na mesa, mas estava acompanhado. Ao seu lado, tão imponente e marcante quanto ele, encontrava-se Niall. Ambos em pé e com a expressão séria, pareciam adversários em campos opostos e não pai e filho.

Eu não esperava por aquilo e vacilei nos meus passos, mas depois segui em frente, porque não havia como evitar o encontro. Só então lembrei que o apartamento onde morei com Brandon durante três anos ficava naquelas imediações e, como proprietário do imóvel, Niall também poderia ser frequentador dos mesmos restaurantes que nós.

Foi ele quem primeiro me viu chegar e não conseguiu disfarçar a surpresa. E aquela surpresa não foi por me ver novamente com o filho dele, mas por causa de Brodie. Niall não sabia que tinha um neto.

Brandon virou-se de imediato para mim. Quando seu olhar cruzou com o meu, percebi o quanto estava preocupado. Ele não queria aquele encontro, assim como eu. Depois de tudo o que soube de Niall, a última coisa que eu queria era vê-lo perto do meu filho.

Assim que Brodie viu o pai, fez a festa de sempre.

— Papai!

Aproximei-me deles, mas deixei que fosse Brandon quem ficasse na linha de frente com Niall.

— Olá, Catriona – ele me cumprimentou educadamente, mas os olhos permaneciam grudados em Brodie.

— Bom dia, Sr. Niall.

— Não sabia que tinham tido um filho. Ninguém me disse que eu era avô. — Encarou Brandon sem nenhum sorriso de felicidade com a descoberta do neto, apenas um olhar cheio de cobranças e uma voz desprovida de emoções. — Qual o nome dele?

Estendeu a mão para tocar nos cabelos de Brodie no meu colo, e um instinto protetor absurdo me fez querer recuar para trás. Mas antes mesmo que eu reagisse, Brandon segurou seu pulso com força e o afastou de nós dois, encobrindo o gesto agressivo com o corpo alto para ninguém ver.

— Não toque no meu filho! Nunca!

Foi um rosnado baixo e falado entredentes, para não chamar atenção dentro do restaurante, mas nem por isso menos duro e ameaçador. Olhei-o, assustada com a ferocidade que vi nele, porque aquele era um lado da sua personalidade com o qual eu ainda não havia me deparado.

Inspirei o ar com força, prendendo o fôlego, diante daquela cena surreal que eu presenciava entre pai e filho. Quando o soltei, meu coração ainda disparava no peito, porque, para mim, que sempre tive um relacionamento excelente com meus pais, o que eu estava presenciando era aterrador.

Os dois se encararam durante longos segundos e estremeci com o ódio que vi entre eles. Era tão pesado que parecia algo palpável. Quando achei que aquilo nunca mais fosse acabar, Niall fez um aceno de concordância com a cabeça e afastou-se, fazendo Brandon soltar seu pulso.

Fiquei observando-o sair do restaurante e, subitamente, senti uma necessidade urgente de sentar, ou minhas pernas trêmulas não aguentariam sustentar a mim e à Brodie.

Não sei se Brandon percebeu o meu estado, mas tirou o filho dos meus braços e fez-me sentar no canto da parede, acomodando-se ao meu lado.

— Você está bem? — perguntou, olhando-me com o semblante preocupado.

— Sim, estou. E você?

— Não se preocupe comigo, porque já estou acostumado a lidar com ele. — Deu um beijo em minha testa, colocando Brodie sentado entre nós dois. —

Peço desculpas por você ter sido obrigada a presenciar nossas desavenças. Eu realmente não esperava encontrá-lo aqui.

Nem eu!

— Não precisa pedir desculpas, Brandon. Agora que eu já sei de tudo, entendo perfeitamente suas reações. – Acariciei sua coxa por baixo da mesa. – Poderíamos esquecer tudo isso e seguir em frente com o nosso dia? Não vamos deixar que ele tire o prazer de estarmos juntos em família.

Seu olhar foi profundo e a mão grande apertou a minha sob a mesa, em um gesto extremamente íntimo.

— É por isso que eu te amo tanto.

Não deu para responder, porque o garçon se aproximou, junto com minha mãe, que acabava de entrar. Fizemos os pedidos e seguimos com a refeição, aproveitando cada instante com muito amor e cumplicidade.

Apesar do que lhe pedi, no começo foi difícil esquecer o que tinha acontecido e agir naturalmente, mas eu estava decidida a substituir as lembranças ruins que Brandon guardava da sua antiga vida familiar, por momentos inesquecíveis com a família que estávamos construindo juntos.



*“Eu estava decidida a
substituir as lembranças ruins
que Brandon guardava,
por momentos inesquecíveis
com a família que estávamos
construindo juntos.”*





____CAPÍTULO 25

Aquele encontro com Niall quase estragou o meu dia. Quase, porque a presença de Catriona e Brodie eram suficientes para trazer de volta a minha paz interior. Se fosse em outra época, quando eles não existiam em minha vida, provavelmente meu psicológico teria afundado em um buraco negro, porque aquele era o efeito devastador que Niall tinha sobre mim.

Eu estava mais do que decidido a fazer de tudo para que ele nunca tivesse qualquer tipo de contato com o meu filho. Queria Brodie bem longe dele. Um avô como Niall não faria nenhuma falta. Sua ausência seria compensada pelo carinho e amor da avó materna, que era uma referência positiva não só para ele, como também para nós dois.

E por falar em Chiara, ela foi a responsável por evitar que um segundo drama acontecesse naquele mesmo dia.

Quando conheci Catriona e começamos a namorar, raramente falávamos sobre o nosso passado. Nem eu perguntei com quem ela namorou, nem ela se interessou em me perguntar o mesmo. Era um acordo tácito e não dito, mas que funcionava muito bem com a gente, porque vivíamos o presente e planejávamos o futuro. Eu a amava e pouco me importava com sua vida amorosa ou sexual antes de estar comigo. Apesar de Catriona saber sobre Erin, devido à convivência com Fergus e Nora, na época em que nos conhecemos, o passado sempre ficou onde deveria estar: lá atrás.

Mas, ultimamente, o passado teimava em voltar, como se quisesse testar minha capacidade de aguentar golpes e superar inseguranças.

Tínhamos terminado a refeição, quando ela me olhou, fazendo sinal para Brodie.

— Preciso ir no banheiro antes de sairmos.

— Eu cuido dele – peguei nosso filho e o coloquei em meu colo, para que ela se levantasse.

Quando a filha se afastou, Chiara olhou o neto com um sorriso de orgulho nos lábios.

— Ele se comportou como um pequeno lorde no restaurante. Sem fazer cenas ou dramas.

Não resisti à tentação de provocá-la e falei muito sério.

— Ele puxou a mim nesse quesito.

De início, ela arregalou os olhos, surpreendida com a seriedade com que falei, mas depois caiu na risada, fazendo-me rir também.

— Sim, provavelmente puxou ao pai – comentou, bem-humorada. – Eu é que não havia percebido isso antes.

Chiara era uma mulher espirituosa e divertida, algo que sempre admirei nela. Eu só tinha a agradecer por ela ser assim, porque sua postura diante da vida ajudou muito a que nós dois voltássemos a nos dar bem depois de tudo o que aconteceu no passado.

Em pé no meu colo, Brodie me abraçou pelo pescoço, apoiando a cabeça no meu ombro.

— Desconfio que o pequeno príncipe está com sono, depois de tanto passear e comer.

— Sono – ele repetiu a palavra, não deixando dúvida quanto ao que queria fazer.

— Passe-me ele, Brandon. Assim, se ele adormecer, não vai atrapalhá-lo na hora de fechar a conta.

Entreguei-lhe Brodie, que se ajeitou no colo da avó, pronto para dormir.

— Calma. Mamãe já vem – Chiara o consolou e olhei para a direção onde ficavam os banheiros, para ver se Catriona já vinha.

Ela apareceu e cruzamos o olhar, mas antes que se aproximasse, sua atenção foi desviada para um homem alto que a interceptou. Catriona abriu um sorriso de surpresa quando o viu e cumprimentaram-se com dois beijos no rosto.

Ficou óbvio para mim que já se conheciam, porque ela ficou muito à vontade com ele. Aquilo deveria ter sido suficiente para me deixar tranquilo, mas ocorreu exatamente o contrário, porque aquela era a primeira vez que eu estava com Catriona e um homem a abordava na minha frente.

Fiquei me questionando quem seria ele.

Um cliente da clínica? Um amigo? Um ex?

Estranhando a irritação que senti, desviei os olhos e tentei me concentrar na conversa com Chiara. Só que, a cada segundo que passava, mais agitado eu ficava, à medida que o bate-papo na entrada do salão se estendia.

Mas que droga!

Quando o homem colocou uma mão “casual” no braço dela, que, para mim, pareceu um gesto excessivamente íntimo para um cliente ou amigo, desisti de tentar fingir que não estava incomodado.

Segurei a vontade de ir interromper a conversa e decidi ver se Chiara o conhecia.

— Quem é aquele com Catriona? Você o conhece? – Usei o tom de voz mais calmo possível, disfarçando minhas verdadeiras emoções, que não eram nada tranquilas.

A mãe dela virou-se para trás, olhando-os.

— Oh! É Gavin! – exclamou em reconhecimento. – Foi o primeiro namorado dela, ainda na época da escola. Mas pensei que ele estivesse nos Estados Unidos! Sim, tenho certeza que ele se mudou para lá. Deve estar aqui para passar o Natal.

Saber daquilo não melhorou o meu estado de espírito, mesmo a lógica me dizendo que não havia nada de errado naquele encontro. Afinal, eram apenas ex-namorados trocando amenidades.

— Céus, mas como ele mudou! Está mesmo diferente. Ficou muito bonito.

Chiara comentou aquilo em um tom de confiança e apreciação, como se eu fosse uma de suas amigas e não o homem da filha dela.

Mas que porra é essa?

Fiquei sem saber se estava me provocando ou não, até confirmar que foi uma reação espontânea da parte dela. Mesmo admitindo para mim mesmo que o cara impressionava em aparência, não deixei de ficar irritado. Definitivamente, eu não estava gostando nada daquilo.

— Catriona nunca me falou dele.

Fiz uma careta de raiva quando terminei de falar, porque fiquei parecendo um homem controlador com aquele comentário.

Recebi um olhar sério de Chiara.

— E ela tinha que falar? Você também nunca falou detalhes dos seus namoros ou casos, isso sem citar Erin, e minha filha jamais o questionou sobre nada.

Ela tinha total razão, mas aquilo não me fez sentir melhor.

— Concordo com tudo o que você disse, mas isso não vai me impedir de ir lá! – decidi, quando o tal Gavin começou a alisar o braço de Catriona em um vaivém que achei sugestivamente obsceno.

— Não! Não vai – Chiara falou em tom firme.

Merda! Eu não queria entrar em conflito com ela, ainda mais agora que tudo estava tão bem entre nós, mas ficar ali sentado só olhando não

combinava comigo.

— Você está vendo o que eu estou vendo? – rosnei em tom baixo.

— Ele não vai se jogar sobre minha filha aqui dentro, nem ela permitiria que o fizesse. Você não confia nela?

— Claro que confio! – afirmei sem vacilar. – Não confio é nele!

— Estamos em público, Brandon. O que ele pode fazer?

— Desrespeitar minha mulher e assediá-la bem na minha frente – respondi em tom duro.

— Ele nem sabe que você existe.

Esse era o problema!

— Então está na hora de saber!

— Além do mais, você está aqui de olho, observando tudo muito atentamente, portanto, minha filha não corre perigo – ela continuou, como se eu não tivesse dito nada. – Agora relaxe e não faça uma cena por causa disso.

Forcei-me a relaxar, enquanto os segundos transformavam-se em minutos e aquela conversa não chegava ao fim. Estava difícil não olhar para eles, mas tentei o meu melhor.

O ciúme me corroía por dentro, tinha que admitir. Olhei para o outro lado, o sangue esquentando cada vez mais.

— Pare de abrir e fechar os punhos desse jeito, como se fosse bater em alguém, Brandon – Chiara chamou minha atenção calmamente, enquanto ninava Brodie.

Inferno!

Ela sabia ser linha dura quando queria, ainda que falasse docemente.

Inspirei fundo e os olhei novamente, a tempo de vê-lo aproximar o rosto do ouvido de Catriona, falando-lhe algo em segredo. O sorriso de Gavin era malicioso quando se afastou, encarando-a.

Enrijeci completamente, porque eu não tinha dúvida nenhuma que aquele filho da puta tinha acabado de propor alguma merda para ela!

Eu devia estar mesmo hipnotizado pela cena, porque Chiara virou-se para olhá-los também, testemunhando junto comigo a expressão surpresa de Catriona, seguido do seu sorriso amarelo ao recuar. Constrangida, ela olhou para nossa mesa.

Seu desconforto era evidente e a mãe percebeu tanto quanto eu.

— Acho que talvez seja melhor você ir ao banheiro também, Brandon – Chiara sugeriu.

É agora!

Levantei e fui ao encontro deles, parando ao lado de Catriona, que se virou para mim e fez logo as apresentações.

— Brandon, deixe-me apresentá-lo à Gavin, um amigo que está de férias em Dublin.

Cumprimentei-o com um aperto firme de mãos, enquanto o encarava muito diretamente. Não precisei dizer nada para ele entender que não devia mais meter-se com a minha mulher. Seu olhar desceu para meu braço em torno da cintura de Catriona e a postura insinuante de antes desvaneceu-se completamente.

— Gavin está morando em Nova York há uns dez anos e veio passar o Natal com os pais. Fazia mesmo muito tempo que não nos víamos e fiquei feliz em revê-lo – ela disse, tentando quebrar o clima tenso, mas eu não estava minimamente disposto a ser cordial. Ainda assim, forcei-me a ser educado.

— Espero que esteja gostando de visitar a cidade – disse-lhe, mas logo depois olhei para ela, decidido a eliminar de vez as esperanças de Gavin. – Nosso filho adormeceu e acho melhor levá-lo para casa.

Catriona olhou imediatamente para a mesa, preocupada com Brodie.

— Você tem um filho? – ele perguntou, falhando horivelmente em esconder o choque.

— Tenho. Ele está com minha mãe na mesa – Catriona confirmou, sorrindo amorosamente ao falar dele. – Não quer ir cumprimentá-la? Assim também o conhece.

Àquela altura, todo o entusiasmo de Gavin já tinha ido por água abaixo, mas a educação o fez aceitar.

— Claro que sim! Será um prazer rever sua mãe.

Em tempo recorde, ele falou com Chiara, olhou para Brodie, dizendo que era um bebê muito bonito, despediu-se e foi embora. Observei-o sair do restaurante com satisfação, pensando desde quando eu havia me transformado em um homem ciumento.

Quando já estávamos no carro e fui ajudar Chiara a acomodar-se no banco de trás com Brodie, ela não perdeu a oportunidade de fazer um de seus comentários provocativos para mim.

— Afinal, parece que não é só Brodie que sabe se controlar para não fazer cenas ou dramas em público.

— Eu lhe disse que ele puxou a mim – lembrei, piscando-lhe um olho.

Sua resposta foi uma risada divertida, que chamou a atenção de Catriona no banco da frente.

— Qual é a piada? Quero rir também.

— É um assunto entre eu e Brandon, por isso deixe de ser curiosa – ela respondeu à filha com tranquilidade. – Agora vamos levar este pequeno lorde para casa, porque ele precisa de um lugar confortável para dormir.



*“Não precisei dizer nada
para ele entender que
não devia mais meter-se
com a minha mulher.”*





____CAPÍTULO 26

Nosso primeiro Natal em família foi inesquecível. Eu e minha mãe preparamos a ceia e organizamos tudo.

Brandon aproximava-se cada vez mais do filho, que já não o largava quando estávamos juntos. Os dois criaram uma ligação que me surpreendeu verdadeiramente, porque pensei que demoraria muito mais para acontecer. Apesar de ter confessado para mim o seu medo e insegurança de não ser um bom pai, Brandon era tão amoroso e dedicado que não deixava dúvida nenhuma sobre possuir o dom da paternidade.

Como sabíamos que o nosso bebê não aguentaria ficar acordado muito tempo na noite de Natal, programamos tudo para acontecer bem cedo, de modo que ele participasse o máximo possível. Os presentes já estavam todos na

enorme árvore de natal e passamos horas agradáveis abrindo-os.

Ganhei várias echarpes de Brandon, que me deixaram com o rosto ardendo de vergonha. Só esperava que minha mãe não tivesse percebido nada, porque ele tinha um brilho tão maliciosamente divertido no olhar, que só um cego não veria que suas intenções não eram nada inocentes.

Ele deu para minha mãe com um colar de ouro, onde havia um pingente em formato de anjo pendurado. Disse-lhe que o presente era dele e de Brodie, por isso o anjinho. Ela ficou emocionada e eu também.

Em retribuição, ela o presenteou com um cardigan em tons de azul muito bonito, com botões largos na frente, para os dias mais frios do inverno.

Quando chegou a minha vez, entreguei-lhe um pacotinho onde dentro tinha um conjunto de abotoaduras da Bvlgari, que eu sabia que ele gostava.

— Estas só vou usar quando tiver que fechar negócios importantes, para me dar sorte – disse, roubando-me um beijo.

Brodie ganhou tantos brinquedos de nós três, que nem sabia com qual deles brincava. Eu havia preparado uma surpresa para o meu filho, comprando um presente especial para ele, que, na verdade, era também para Brandon. Mas eu só poderia pegá-lo no dia seguinte ao Natal, por isso fiquei calada, sem dizer que havia mais.

Quando já tínhamos aberto todos os presentes, Brandon me surpreendeu, ao tirar uma caixinha do bolso e me oferecer. Pelo tamanho, deduzi logo que fosse uma joia, só não adivinhei que seria minha antiga aliança de noivado, que deixei sobre a mesa de cabeceira do apartamento no dia em que desapareci de sua vida.

Junto com a minha, estava a aliança dele!

Só quando as vi repousando no veludo azul do suporte, foi que percebi as saudades que senti de ter a minha no dedo. Fui dominada por uma emoção sem limites, porque era quase como um resgate do nosso passado que estava agora à minha frente.

— Será que podemos voltar a usá-las? – ele perguntou, diante do meu silêncio.

— Duvido que ela recuse. – Minha mãe adiantou-se na resposta, um

sorriso de sabedoria no rosto.

— Mãe! – ralhei com ela, mas estava rindo como uma boba apaixonada. – Sim, Brandon. Claro que sim!

Era só o que ele precisava ouvir, para formalizar o ato.

E foi ali, em nossa noite de Natal e com as melhores testemunhas que podíamos desejar, que trocamos novamente nossas alianças de noivado.



Dois dias depois, recebi o telefonema que eu esperava com ansiedade. O presente especial havia chegado e marquei uma hora de entrega que fosse no meio da tarde, quando Brodie normalmente estava cheio de energia para brincar.

Escapei disfarçadamente e fui recebê-lo à porta. Voltei para dentro e pousei-o com cuidado no hall. Só então fui para a sala, dar a notícia a todos.

— Eu não falei nada antes, porque não sabia se ia conseguir, mas tenho um presente de Natal para vocês dois – informei, apontando para Brodie e Brandon, que não disfarçou a surpresa.

— Mais um presente? – ele perguntou, erguendo uma sobrancelha divertida. – O que você andou aprontando, Catriona? Comprou um autódromo inteiro para nós dois?

Apesar do tom provocador, havia curiosidade também. Até minha mãe olhou para mim, surpreendida. Eu só esperava não ter me precipitado com aquela decisão, ou fatalmente estaria colocando em risco um relacionamento que, talvez, ainda estivesse frágil demais.

— Esperem aqui que vou trazê-lo.

Voltei ao hall e o retirei da caixa de transporte. Quando entrei novamente na sala, foi carregando-o ao colo. Assim que o viu, Brodie veio em

minha direção.

— Cão, mamã!

— Sim, amorzinho. É seu e do papai.

Nosso filho era uma felicidade só, acariciando o filhotinho nas minhas mãos, que não parava de abanar o rabo.

— Ele é lindo, filha. – Minha mãe elogiou, fazendo festinhas na cabeça dele e feliz por ver a alegria do neto. – Que raça é esta?

— É um Kerry Beagle, mas ainda é muito filhotinho e precisa de muito amor.

— Quero, mamã! – Brodie pediu, lançando-me um olhar esperançoso.

Deixei que o colocasse nos braços com cuidado, mas sem parar de observar como Brandon permanecia estático, sem se mexer.

— Vamos mostrá-lo ao papai? – conduzi a situação, rezando para que tudo desse certo no final.

Brodie não esperou que eu falasse uma segunda vez, virando para o pai, todo feliz.

— Olha, papai!

Ajudei-o a sentar ao lado de Brandon, que encarei diretamente. Precisava saber o que estava achando de tudo aquilo e não me desapontei quando vi seu olhar intenso cruzar com o meu. Havia gratidão e amor neles, o que fez meu coração aquecer.

Afinal, eu havia acertado no presente de Natal para os dois homens da minha vida!

— Temos que escolher um nome para ele, que seja fácil para Brodie chamar – minha mãe lembrou.

Sentada na poltrona em frente ao sofá onde estávamos, ela nos olhava em expectativa depois daquele comentário delicado. Eu já tinha o nome perfeito, mas antes mesmo que dissesse algo, Brandon adiantou-se.

— Otto.

A voz grave soou emocionada aos meus ouvidos, talvez por conhecer o significado do nome para ele.

— Gosto muito – ela concordou com a escolha, sorrindo para o neto, que continuava concentrado em acariciar o cachorrinho que tinha no colo.

Brandon passou um braço por meus ombros, puxando-me para perto. Recebi um beijo nos cabelos e senti uma emoção enorme quando vi o amor refletido nos olhos dele. Tive a certeza de que, enfim, ele havia encontrado a paz.



“Brandon era tão amoroso e dedicado, que não deixava dúvida nenhuma sobre possuir o dom da paternidade.”





____CAPÍTULO 27

Duas semanas depois

Minha vida estava perfeita ao lado de Catriona, Brodie e Otto, mas o início do meu ano novo não foi nada como eu imaginava. Duas semanas depois, não fazia nem dez minutos que eu tinha chegado na empresa, quando o telefone tocou sobre a mesa.

— Sr. Campbell, tem um inspetor da polícia na linha 2 – minha secretária informou, deixando-me imediatamente preocupado.

Polícia?

Só consegui pensar em Catriona e Brodie!

— Passe a ligação!

Peguei meu celular sobre a mesa e olhei, para ver se havia alguma ligação dela que indicasse ter precisado de mim, mas não havia nenhum registro de contato.

— Sr. Brandon Campbell? – Uma voz masculina pediu confirmação do outro lado da linha.

— Sim, sou eu.

O homem começou a se identificar, mas eu estava tão preocupado com o motivo que o fez me ligar, que quase o interrompi, exigindo que dissesse logo o que havia acontecido.

— Houve um incêndio na residência do sr. Niall Campbell. Um vizinho nos passou o seu contato e estamos ligando para avisar que o seu pai está no hospital. Os bombeiros estão trabalhando no local, mas ainda não conseguiram apagar totalmente o fogo. Poderia nos dizer com quem ele morava? Assim saberemos se há mais vítimas dentro da casa.

Aquilo era algo tão inacreditável de acontecer, que demorei a assimilar a informação. Tive uma visão da casa ardendo em chamas, que me pareceu tão real como se ainda morasse lá e tivesse presenciado tudo. O fogo alastrando-se rapidamente e destruindo todas as lembranças terríveis que haviam naqueles cômodos, calando todos os gritos de dor causados pelo sofrimento físico e emocional, e desfazendo as risadas sarcásticas que feriam tanto quanto o cinto que dilacerava a pele.

A única sensação de perda que eu tinha com aquele incêndio era pelos momentos felizes que vivi com a minha mãe e Gael naquela casa, para onde nunca mais voltei depois que ela morreu e virei as costas de vez ao meu passado.

— Até onde eu sei, ele morava sozinho. – Forcei-me a responder ao policial, mantendo uma voz neutra. – Mas não posso dar certeza absoluta disso, porque ultimamente não falávamos com muita frequência.

Era desnecessário dizer que, com exceção do encontro de semanas atrás no *The Greenhouse*, nós dois mal falávamos há anos, desde que retirei Otto machucado daquela maldita casa. Eu deveria tê-lo tirado antes, no mesmo instante em que saí de lá após a morte da minha mãe. Mas eu estava tão destruído por dentro, que nem raciocinei na hora. Simplesmente mudei-me para o apartamento e fui embora. Quando voltei do fundo do poço e lembrei dele, já era tarde. E nunca mais me perdoei por tê-lo deixado para trás.

Apertei o telefone com força, continuando a ouvir o policial.

— Os bombeiros estão trabalhando na casa desde a madrugada,

quando os vizinhos os alertaram. Suspeitamos que seu pai estivesse dormindo e nem percebeu o fogo começar, mas nossos especialistas já estão investigando os motivos do incêndio e em breve diremos algo.

Uma desconfiança insidiosa começou a me dominar, fazendo-me duvidar da minha sanidade mental, porque era improvável demais que eu estivesse certo.

Eu devo estar enlouquecendo, porque ele jamais faria isso!

Forneci o número do meu celular para o policial me manter informado sobre a investigação e desliguei, ainda em choque. Só que, quanto mais eu pensava, mais a certeza crescia dentro de mim.

Decidido, fui para o hospital em busca de respostas.



— Ele teve mais de vinte por cento da superfície corporal queimada e as chances de sobrevivência estão diminuindo rapidamente, por conta da falência respiratória. O choque séptico é outra preocupação, devido à grande extensão de pele atingida. Se quiser vê-lo, posso autorizar. Mas previno que pode ficar chocado com o seu estado.

Olhei para o médico plantonista à minha frente, que falava de uma forma muito direta e sem medir as palavras. Fiquei pensando comigo mesmo que, se eu fosse um filho “normal”, provavelmente ficaria abalado com tanta frieza.

Mas, mesmo tendo sido prevenido, eu não estava totalmente preparado para ver Niall naquelas condições. Não me deixaram entrar na sala, por conta do tal risco de choque séptico, mas pude observá-lo do lado de fora. O que nunca imaginei, é que eu me sentiria o menino de sete anos do passado, quando levei

minha primeira surra. A primeira “lição” para me tornar um homem.

Naquela época, Nial era um homem jovem e forte, que, para mim, parecia ser invencível. Agora, totalmente despido sobre a maca, com várias partes do corpo inchadas e sem pele, e com tubos no nariz e na boca, ele assemelhava-se mais a um homem semimorto, cuja imagem causou um impacto inesperado em mim.

Achei que fosse sentir tudo, menos aquela sensação dolorosa no peito, como se estivesse realmente perdendo um pai amigo e companheiro. Talvez até estivesse mesmo, porque o sonho de ter um pai assim morria junto com ele.

A realidade abateu-se duramente sobre mim, porque já não haveriam oportunidades de redenção para Niall. Com a sua morte, acabavam-se de vez as esperanças que o menino de sete anos tinha de ver o pai se transformar em um herói e amigo.

“Sei que para você ele parece ser um homem muito mal quando faz isso, mas seu pai foi educado assim e acredita que esta é a melhor forma de se educar um filho homem. Eu venho conversando com ele e acredito que aos poucos vou convencê-lo que está errado. Ele vai mudar.”

Fechei os olhos, trincando os dentes para conter a emoção ao lembrar das palavras da minha mãe. Niall não mudou no passado e nem teria mais como mudar no futuro, porque eu sabia que ele estava indo embora de vez.

E, recordando nosso último encontro no restaurante, eu agora sabia que era por opção própria.

“— Acha que não sinto falta dela? Que não odeio estar vivo, quando ela está morta? Eu a amei, seu merda!

— Amou? Você nem sabe o que é amar! Você destruiu nossa família! Destruiu a mim, ao meu irmão e a ela.

— Não fale do seu irmão, porque você não estava lá o tempo todo para saber o que aconteceu. — Tentou se defender.

— Sei o que importa! — Aproximei-me mais dele, para evitar que qualquer pessoa que se aproximasse pudesse escutar o que eu ia dizer. — Sei que ele tirou a própria vida por sua causa. Sei que você deu uma vida de merda à minha mãe. E ainda vem dizer que a amou?

— Amei. E vou lhe provar isso.

— A mim você não precisa provar nada, porque nada do que faça a trará de volta, nem ao meu irmão ou a Otto. Nada vai apagar os horrores que vivemos com você. Pode se foder sozinho naquela maldita casa.

— Aquela casa em breve será sua! Assim como tudo o que é meu.

— Não quero nada seu! Pode tocar fogo em tudo, porque pouco me importo.”

Passei as mãos no rosto, enfim compreendendo o que aconteceu, e olhei mais uma vez para o homem irreconhecível sobre a maca.

Travando as emoções, fechei as mãos em punhos, porque agora eu já tinha todas as respostas que fui buscar ali.



Niall morreu minutos depois devido à falência respiratória provocada pela fumaça do incêndio, aliado às complicações causadas pelas queimaduras de terceiro grau. Mas a análise de sangue revelou também altas doses de alprazolam no sangue, o que, para mim, confirmava as suspeitas de suicídio.

Para tirar qualquer dúvida que eu ainda tivesse, a investigação preliminar feita pelos bombeiros indicou que o incêndio foi intencional e começou na cozinha.

Eu então pude imaginar perfeitamente a cena. Niall o provocou, depois foi para a sala, onde tomou a medicação sentado em sua poltrona preferida de frente para a lareira acesa, e aguardou.

O perdão que Catriona tanto falava veio no momento em que, vendo-o deitado naquela maca e cheio de queimaduras, as máquinas deixaram de mostrar qualquer traço de vida. As enfermeiras ainda correram, junto com o médico, para

tentar trazê-lo de volta, mas eu sabia que era em vão.

Foi ali que o menino de sete anos o perdoou, quando o viu partir de vez. Segurei as malditas lágrimas que quiseram sair e engoli duramente aquele nó na garganta, que me fazia querer gritar de raiva para extravasar a dor que eu sentia.

De punhos fechados, virei as costas para um corpo já sem vida e saí do hospital, sentindo uma urgência incontrolável de estar com o meu filho. Um filho que, junto com o amor de Catriona, estava conseguindo curar todas as feridas que eu tinha.



*“Não precisei dizer nada
para ele entender que
não devia mais meter-se
com a minha mulher.”*





____CAPÍTULO 28

Estranhei quando vi Brandon entrar em casa no meio da tarde, quando normalmente só chegava próximo das oito horas da noite. Mas nem tive tempo de dizer nada, porque ele pegou o filho no colo e depois me puxou para um abraço apertado. Durante longos minutos, nos manteve no círculo protetor dos seus braços, o corpo tenso me falando mais do que mil palavras.

Ele precisava de um tempo e deixei o tempo passar.

A única voz que se ouvia era a de Brodie, que falava na sua linguagem infantil agarrado ao pescoço do pai.

Fiquei aguardando que me contasse o que aconteceu, enquanto acariciava suas costas. Quando, enfim, afastou-se de mim, observei seu rosto e me assustei com a dor que transparecia nele.

— Por que você está assim?

— Niall acabou de morrer.

Arregalei os olhos, surpreendida demais com aquela notícia.

— O quê?! – exclamei, sem acreditar no que tinha ouvido. – Mas como isso aconteceu?

— Ele se matou, Cat – contou, levando-nos para o sofá, onde sentei pesadamente.

— Foi suicídio? – quis confirmar, desnorteada. – Niall se matou?

— Ele colocou fogo na casa, tomou calmantes e esperou pacientemente a morte chegar.

Brandon deixou a cabeça cair no encosto do sofá e fechou os olhos, deixando-me ver o quanto estava abatido. Em pé em seu colo, Brodie passou a mão no rosto do pai, puxando-lhe a barba. Tentei tirá-lo de lá, para que pudesse relaxar, mas ele segurou o filho.

— Deixe-o comigo. Eu preciso dele ao meu lado. – Virou o rosto para mim. – E de você também.

Fiz o que pediu e ficamos os três abraçados no sofá, com Otto sentadinho no tapete. Permaneci em silêncio, até Brandon começar a falar, contando coisas da sua vida que me deixaram duplamente chocada.

— Minha mãe era de uma família religiosa. Casou cedo e me teve aos dezessete anos. Quando eu tinha dez, ela engravidou novamente. Fiquei desesperado. Na verdade, acho que nós dois ficamos desesperados, porque seria mais um filho para sofrer nas mãos de Niall. Naquela altura, ela já não tinha mais esperanças que ele mudasse. Gael nasceu e entrou no sistema educacional de Niall na mesma idade em que eu entrei, aos sete anos.

— Nunca ia imaginar que você teve um irmão, Brandon. Você nunca falou dele comigo.

O maxilar barbado endureceu, mas vi amor e saudades no seu olhar.

— Nunca falei porque Gael sempre foi um assunto que me causa imensa dor. Eu me sentia responsável por ele desde que nasceu, só que falhei na hora de protegê-lo e ajudá-lo. Me culpo muito por isso, Catriona! – Seus lábios

apertaram-se em uma linha fina e uma expressão tão sofrida tomou conta do seu rosto que meu coração doeu por ele mais uma vez. – Gael era mais franzino do que eu, quieto, calado e muito agarrado à minha mãe. Só que ele não aguentou aquilo por muito tempo e começou a se cortar com lâminas, sem que soubéssemos. Acho que passou anos fazendo aquilo, porque só descobrimos as cicatrizes tarde demais, no dia em que ele se suicidou aos quatorze anos, cortando os pulsos.

Não consegui segurar uma exclamação de horror quando ouvi aquilo.

— Meu Deus, Brandon! – Eu nem sabia o que pensar, exceto que era tragédia atrás de tragédia na vida familiar dele.

— Minha mãe morreu um pouco com ele e foi por isso que, anos depois, eu a presenteei com Otto, para fazer-lhe companhia enquanto eu terminava a universidade.

Tinha algo que eu não conseguia calar dentro de mim, por isso arrisquei perguntar.

— Por que ela nunca deixou seu pai e foi embora?

Eu não me achava no direito de julgar ninguém, muito menos a mãe de Brandon, mas não entendia como ela aguentou ver os filhos sofrerem nas mãos de Niall sem fazer nada para impedi-lo.

— Esta é a mesma pergunta que lhe fiz várias vezes, Catriona. No começo, acho que foi por ser muito jovem e inexperiente. Ela estava apaixonada e acreditava que ele ia mudar. A rígida educação religiosa que recebeu dos pais também colaborou para que ficasse. Acredito que só quando Gael morreu foi que a realidade caiu sobre ela, fazendo com que perdesse as esperanças de vez. Mas mesmo assim ainda permaneceu com ele. Minha mãe era o tipo de mulher que não conseguiria se separar ou divorciar, porque via o casamento como um compromisso para sempre, mesmo que fosse ruim.

Brodie começou a pedir para voltar ao chão e Brandon o soltou, observando o filho ir brincar com Otto.

— Como ela faleceu, Brandon? – perguntei suavemente, meio insegura se ele ia responder, já que no passado raramente falava dela.

O silêncio tenso que antecipou sua resposta foi revelador demais e me arrependi de ter perguntado. Brandon fechou os punhos e senti que estava

revivendo o inferno pessoal que o acompanhou desde sempre.

— Minha mãe teve um AVC e morreu subitamente. Chegamos a levá-la para o hospital, mas não resistiu. Ainda lembro como fiquei em choque com a rapidez com que tudo aconteceu, porque de manhã ela estava viva e à tarde já estava morta – desabafou, deixando-me ver o amor e a saudade com que falava dela. – Eles dois tiveram uma discussão violenta que foi o estopim de tudo e aquela foi a segunda vez que eu quase matei Niall de porrada, saindo de casa logo depois para nunca mais voltar. Só que esqueci Otto e, quando fui buscá-lo, estava naquele estado que você viu.

— Oh, Jesus!

Não aguentei ouvir mais nada! Abracei-o com força, porque sentia uma necessidade enorme dentro de mim de lhe dar a família amorosa que nunca teve. Só Deus mesmo para ter ajudado Brandon a sobreviver a tantas perdas. Eu só conseguia pensar que a história familiar dele tinha sido um verdadeiro filme de terror. Uma família cujo único membro vivo era ele mesmo.

Dei-lhe um beijo suave nos lábios, mas fui atraída e beijada sofregamente, quase com desespero, as mãos grandes arrastando-me pela cintura para o seu colo, onde sentei com as pernas abertas, aproveitando que estava com um vestido grosso de *cashmere*. Ficamos de frente um para o outro, deixando todas aquelas emoções negativas para trás e substituindo-as pelo nosso amor.

— Eu e Brodie estamos aqui com você. Temos muitas coisas boas para construirmos juntos – sussurrei entre beijos apaixonados, acariciando seu rosto. – Eu te amo tanto. Mas tanto.

— Cat! – grunhiu meu nome com aquele jeito rouco que tinha quando estava entregue às emoções. – Você foi a melhor coisa que me aconteceu na vida. Não quero te perder nunca mais!

— Não vai. Eu juro!

Ele fechou os olhos e encostou a testa na minha, o rosto tomado pela emoção.

— Eu te amo demais, mulher! E preciso muito de você!

Beijei-o, selando aquele momento, porque estava mais do que na hora de Brandon virar a página da história da sua vida.

As mãos ansiosas fincaram-se na minha cintura, pressionando meu corpo contra o dele, que friccionei propositadamente para aumentar seu desejo. Eu sentia, de uma forma intuitiva, que Brandon precisava de algo real e tangível em que se agarrar naquele momento. Algo que o tirasse de vez dos dramas do passado e o trouxesse definitivamente para o seu presente. Um presente promissor comigo e com Brodie.

Quando ele agarrou meus cabelos na altura da nuca, com aquela pegada forte que eu já conhecia, percebi que o prazer já não tinha mais volta. Brandon firmou o braço ao meu redor, encarando-me com uma mensagem tão clara nos olhos quanto a luz do sol. Perdi o fôlego diante daquela intensidade, e correspondi na mesma moeda, dando-lhe a confirmação que precisava.

Sustentando-me com força, ele ergueu-se do sofá, e rapidamente cruzei as pernas em sua cintura, sendo carregada para fora da sala. No corredor, fui colocada no chão o tempo suficiente para ele abrir a calça, baixar a cueca e colocar o membro ereto para fora, fazendo-me sentir um espasmo de prazer que me deixou molhada e ansiosa.

Subi o vestido e logo já estava sendo imprensada contra a parede, sua mão ansiosa enfiando-se entre minhas pernas. Suspirando de prazer, separei-as, deixando-o deslizar o dedo em mim, enquanto nos beijávamos loucamente.

Segurei sua ereção e o acariciei, endurecendo-o mais ainda.

— Oh, porra! – ele rosnou em minha boca – Isso é foda demais!

Fui erguida pelas nádegas e voltei a cruzar as pernas nele, até senti-lo invadir meu corpo. Aquela entrada inicial de Brandon era sempre única, especial, porque ele chegava como dono absoluto, poderoso e arrogante em sua força.

— Aaah, Brandon! Eu amo isso!

Àquela altura, já nem raciocinávamos. Mente, corpo, alma e coração estavam focados apenas em uma coisa: o prazer se agigantando, crescendo rapidamente, até explodir em um orgasmo que nos ligasse cada vez mais um ao outro.

— Que gostoso, Cat! – Entre gemidos, rosnados e palavrões excitantes, Brandon investia cada vez mais rápido e profundamente, alcançando o âmago do meu corpo com uma virilidade que me fazia sentir muito mulher em

seus braços.

Agarrei-me aos ombros largos e fechei os olhos, deixando que os meus sentidos explodissem de vez em um orgasmo violento que me levou às alturas.

— Brandon!!!

Soltando um rosnado de satisfação por me ver gozar, Brandon foi em busca do próprio prazer, intensificando o ritmo até explodir dentro de mim com um orgasmo vigoroso.

Como eu amava aquele momento!

Respirando pesadamente, ele procurou meus lábios e voltamos a nos beijar. Mas, daquela vez, com o desejo satisfeito, foi com mais amor e menos paixão.

— Eu te amo muito, Cat! Obrigado por ter voltado a fazer parte da minha vida.



*“Só Deus mesmo
para ter ajudado Brandon
a sobreviver a tantas perdas.”*





____CAPÍTULO 29

“Minha mãe abriu a porta do quarto e nem precisei perguntar o que era. Seu olhar angustiado já dizia tudo.

— Onde? – perguntei, jogando os livros para o lado e erguendo-me da mesa de estudos.

— No galpão.

Desci as escadas correndo, passei pela cozinha e saí para o quintal da casa em questão de segundos. Quando cheguei ao galpão, que ficava ao lado da garagem, dei com a porta fechada por dentro. Com o punho cerrado, bati com força na madeira.

— Niall! Abre esta maldita porta!

O som de gemidos lá dentro aumentou o meu desespero, fazendo minha raiva ganhar proporções assustadoras. Forcei a fechadura, mas ela era sólida demais para abrir daquela forma.

— Porra!! Abre a porta! – voltei a gritar, esperando que o fato dele saber que eu estava lá fosse o suficiente para fazê-lo parar.

Com os segundos passando velozmente e nada acontecendo, afastei-me e dei um pontapé na madeira ao lado da fechadura. Apesar da porta estremecer com o impacto, não houve nenhuma alteração na sua estrutura. Repeti o gesto mais duas vezes e nada!

Inferno!

— Niaaaaal!!

Eu já estava olhando ao redor, em busca de uma ferramenta qualquer que me ajudasse a destruir aquela fechadura, quando o som da chave girando me fez parar.

Ele abriu, mas só o fez porque deu por terminada a lição daquele dia. Uma lição que era para mim também, porque encarou-me com cinismo, enquanto me observava abrir e fechar os punhos várias vezes. Mesmo já sendo um homem de 24 anos, que poderia enfrentá-lo de igual para igual, eu ainda não conseguia bater no meu pai. Algo em mim, até aquele momento, se recusava a fazê-lo.

E ele sabia daquilo.

— Esta foi a última vez! – ameacei-o em um rosnado cheio de ódio, algo que eu nunca tinha feito antes. – A última, caralho!

Ele não comentou nada, mas vi o brilho estranho que passou por seus olhos. Meu limite havia chegado e ele percebeu claramente que se houvesse uma próxima vez, eu, por fim, bateria nele.

Minha mãe chegou por trás de mim e empurrou-me para o interior do galpão, fazendo Niall andar lentamente para casa.

Quando entrei, ouvi o choro dela ao ver Gael encolhido em um canto, os braços sobre a cabeça escondendo-lhe o rosto, mas deixando ver as marcas avermelhadas do cinto na pele branca. Minha mãe o abraçou, murmurando palavras doces de amor e consolo, que eu sabia não servirem de nada para

aplar a dor que sentamos. E a dor, minha eterna companheira, rasgou-me por dentro quando observei aquela cena.

— Filho da puta! — xinguei-o, sem conseguir me controlar, para logo depois ouvir a exclamação horrorizada da minha mãe.

— Brandon! Por favor, não fale assim dele. É pecado um filho maldizer o próprio pai!

Trinquei a mandíbula para não soltar outra blasfêmia ao ouvir suas palavras de conciliação, que só aumentavam minha raiva.

— E não é pecado um pai bater nos filhos como ele faz?

— Não, não é pecado. A Bíblia diz: Não evite disciplinar a criança. Se você a castigar com a vara, ela não morrerá. Castigue-a, você mesmo, com a vara, e assim a livrará da sepultura. — Sua voz suave começou a recitar a passagem bíblica que poderia justificar aquele hábito hediondo de Niall. — Está nos Provérbios, 23:13, 14.

— Pelo amor de Deus, mãe! O que ele faz não tem nada de bíblico! Niall nos castiga sem motivo algum! — quase gritei, de tão enfurecido que estava, e forcei-me a controlar a voz por causa dela. — Mas já o avisei que esta foi a última vez! Se houver uma próxima, vou fazer mais do que xingá-lo.

— Filho! Por favor, não faça nada contra o seu pai! É um pecado sem perdão!

Oh, mas que merda!!

Eu não podia dizer-lhe que pouco me importava em arder no inferno, desde que pudesse impedir Niall de continuar surrando Gael, porque minha mãe nunca mais teria paz se me ouvisse falar aquela verdade.

Engoli em seco e calei, olhando para o meu irmão, dez anos mais novo do que eu, tímido, calado e frágil. Ele não parava de balançar o corpo para a frente e para trás, como se estivesse dentro do seu próprio mundo de dor.

Eu não sabia mais o que fazer para evitar que aquilo continuasse acontecendo. Já havia pensado em fugir com ele, mas jamais deixaria minha mãe sozinha com Niall. Cogitei a possibilidade de tirá-los de casa à força, mas até quando ela ficaria comigo sem voltar para ele, que, sem dúvida alguma, a procuraria? Se eu o matasse, para nos libertar, ela nunca me perdoaria, mas até

aquilo eu já havia pensado, para minha desgraça.

E assim o tempo passava, enquanto eu perdia cada vez mais o controle de uma situação que estava beirando o descontrole total.

— Vamos levá-lo para o quarto e cuidar dele – foi só o que eu disse naquele momento, sentindo o ódio me consumir.

Ódio mortal.

Dor dilacerante.

Culpa sem igual.

Culpa.

Culpa.”



Não me surpreendi com aquele sonho quando abri os olhos em plena madrugada. Era sempre assim quando o passado voltava para me assombrar. Os eventos da morte de Niall tinham sido muito fortes e reviraram as cinzas de tudo o que eu queria esquecer.

Voltei a fechar os olhos e passei as mãos no rosto, tentando livrar-me daquelas lembranças, mas sabia que dificilmente conseguiria conciliar o sono novamente. O relógio digital marcava cinco horas e em breve o amanhecer invadiria o quarto.

Cansado, virei para Catriona, adormecida ao meu lado em um sono tranquilo. Necessitando sentir seu corpo junto ao meu, fui para mais perto dela, abraçando-a com cuidado para não a acordar. Sua simples presença era suficiente para me puxar do passado e trazer de volta à realidade, por isso agarrei-me nela com um suspiro de alívio e prazer. Catriona e Brodie davam paz ao meu coração, porque eu vivia em uma eterna guerra comigo mesmo, sempre assolado

pela culpa de não ter conseguido evitar o suicídio de Gael, a morte da minha mãe e o sofrimento de Otto.

Sentindo a maciez do corpo quente encostado ao meu, lembrei das suas palavras quando soube de tudo.

“Às vezes nos condenamos por erros que cometemos, deixando o sentimento de culpa nos envenenar a vida inteira, como se tivéssemos que ser perfeitos e nunca errar. O que peço, é que se liberte deste sentimento de “mea culpa”. Perdoe a si mesmo, porque só o perdão traz a libertação.”

Talvez ela estivesse certa e faltava apenas eu perdoar a mim mesmo para ficar livre de vez daquela culpa que sempre me puxava de volta para o passado.

Beijei seus cabelos, amando cada pedaço daquela mulher que era dona do meu mundo. Foi ali, naquele instante, que tomei a decisão de, enfim, tentar me perdoar por tudo o que não fiz, simplesmente porque não pude fazer.



*“Perdooe a si mesmo,
porque só o perdão
traz a libertação.”*





____CAPÍTULO 30

Dois meses depois

— Toma Otto! – joguei-lhe a bolinha pelo tapete do quarto, fazendo Brodie dar risadas ao vê-lo correndo atrás dela com o rabinho abanando de alegria.

Pegando a bolinha com a boca, Otto voltou correndo e me entregou.

— Sua vez, filho.

Brodie segurou-a com as duas mãozinhas e jogou com força, mas a bolinha não foi muito longe. Otto ficou parado, só olhando, como se pensasse se valia a pena o esforço de ir pegá-la.

Comecei a rir, achando graça da situação.

— Otto vai ficar preguiçoso se tiver que pegar estes lançamentos de Brodie – Catriona falou de onde estava, deitada em nossa cama.

Deixei os dois brincando sozinhos com a bolinha e fui deitar ao lado dela.

— Quem está ficando preguiçosa é você, que não sai dessa cama.

Pensei que Catriona fosse fazer um comentário divertido, mas ela permaneceu calada, pensativa. Cobri seu corpo com o meu, sentindo as curvas macias por inteiro.

— Acho que vou ficar preguiçosa por mais oito meses.

De início eu não entendi nada. Até fiquei olhando para ela com cara de idiota, mas, logo depois, o significado daquelas palavras entrou na minha cabeça como um raio.

Ela está grávida!

Em um movimento rápido, afastei-me para o lado, com receio de ser um peso excessivo para ela. Depois lembrei que o sexo não representava nenhum perigo para uma gravidez saudável, portanto, não havia motivo para receio.

Meio desnortado ao saber que seria pai novamente, olhei sua barriga lisinha.

— É verdade? Já confirmou?

— Sim – respondeu simplesmente, virando-se de lado para nos olharmos melhor – Assustado?

— Um pouco – admiti, segurando seu rosto com as duas mãos. – Já pensou se for uma menina? Provavelmente vou meter porrada nos rapazes que se aproximarem muito dela.

Sentindo as emoções à flor da pele, não resisti ao seu riso baixo e divertido, que me soou extremamente sensual, e tomei sua boca em um beijo voraz. Catriona separou os lábios, recebendo-me com um suspiro de prazer. Aquelas mãos que faziam um estrago no meu juízo, agarraram minha barba com força, provocando-me.

— Para uma mulher preguiçosa, e ainda mais grávida, você está muito cheia de energia.

— Esta cama é o meu território. Sempre me surpreendo com as forças que encontro aqui.

— É mesmo? Deixa eu ver.

Roei a barba em seu pescoço, arrancando risadas dela e chamando a atenção de Brodie, que adorava o mesmo.

— Quero!

Ele correu e subiu na cama como um furacão, mas o segurei antes que caísse com todo seu peso em cima da barriga de Catriona.

— Calma, filho. Não vá machucar sua mãe. – Deitei-o no meio de nós dois e passei a barba nele também, fazendo-o rir muito. – Era isso o que você queria?

Sentindo-se abandonado, Otto latiu do chão, ansioso por autorização para subir na cama.

— Tudo bem que ele suba? – perguntei para ela, que tapou a boca, tentando esconder o sorriso. – Está rindo do quê?

— É que ele só está pedindo autorização porque você está aqui. Quando não está, ele não faz cerimônias na hora de subir sozinho.

Olhei para Otto, que parecia ter entendido tudo o que Catriona disse, porque baixou o rabo, fazendo cara de coitadinho. Não aguentei aquela representação inocente e comecei a rir.

— Aqui, Otto! – chamei, para alegria dele e de Brodie.

Deixei os dois brincando e puxei Catriona para um beijo.

— Prepare-se, porque à noite o seu território será meu – avisei, vendo o desejo em seu olhar.



À noite, com a cama só nossa, invadi seu corpo em um foda descontrolada. Era isso o que Catriona fazia comigo: tirava das minhas mãos o

controle e tomava as rédeas do meu desejo.

— Não para!! – praticamente implorei, sentindo o vaivém delicioso do seu corpo sobre o meu pau.

Mais uma vez, eu estava deitado de costas, com ela montada em cima de mim, e, também mais uma vez, eu estava a ponto de explodir com o vigor que minha mulher imprimia naquela cavalgada. Não havia nenhuma echarpe me prendendo, nem Catriona estava de costas, mas eu me sentia um verdadeiro garanhão sendo domado por uma amazona guerreira.

— Assim? – ela acelerou os movimentos, me enlouquecendo, mas depois parou, ficando completamente imóvel e deixando nosso prazer em suspenso. – Ou assim?

— Porra, Cat! Assim não! – rosnei, segurando seus quadris com força e arremetendo meu pau para cima, querendo que continuasse.

O som do sexo molhado só aumentou minha excitação.

— Não faz isso ou vou amarrá-lo – ela ameaçou, mas a voz ofegante mostrava o quanto também estava no limite.

Eu ainda ia enlouquecer com aqueles jogos de Catriona!

— Dou-lhe um minuto!

Ela aproveitou o tempo a que tinha direito e voltou a mover-se sobre o meu pau, fazendo o desejo crescer novamente. Enchi minhas mãos com os seios roliços, estimulando os mamilos.

Com o coração batendo forte no peito, senti o gozo chegando e não consegui engolir um gemido alto de prazer, que se espalhou dentro do quarto e fez Catriona parar, me provocando.

Olhei o relógio digital, contando os segundos que faltavam para chegar a minha vez de estar no controle.

— Cinco. Quatro.

Ela voltou a mover-se com rapidez, batendo forte sobre mim.

— Três. Dois – continuei contando, entre grunhidos de prazer – Um!

Agarrei-a e trouxe para debaixo de mim. Deitei sobre ela e assumi o

controle.

— Agora é do meu jeito! – falei em tom arrogante, penetrando-a com uma estocada forte, seguida de outra e mais outra, até o orgasmo chegar. Suguei os mamilos enrijecidos, deixando minha barba roçar a pele macia.

— Eu rendo-me, Bran! – ela arquejou, agarrada em meus cabelos. – Vou gozar.

Invadi sua boca com a língua e fodi mais forte ainda, engolindo seus gemidos. Explodi dentro dela em um orgasmo arrasador, o suor nos ligando ainda mais.

Ofegante, caí para o lado, trazendo-a para o peito. Catriona suspirou, enroscando-se em mim.

— Estou sem forças – resmungou, manhosa.

— Mas já? Pensei que fosse incansável no seu território – provoquei, puxando os lençóis para aquecê-la melhor.

— Resolvi ser boazinha com você hoje e não o forçar muito. Pode não aguentar. – Ela devolveu a provocação, fazendo-me rir, mas logo depois ficou quietinha, ao cair no sono.

Olhei-a, adormecida no meu peito. Sem resistir, acariciei sua barriga, surpreendido com a emoção que estava sentindo desde que soube da gravidez. Daquela vez, tudo seria diferente, porque eu ia acompanhar cada momento da gestação, estar presente no nascimento e mostrar para Brodie o irmãozinho que ia ter. Ou irmãzinha.

Catriona tinha razão quando disse que só acumular bens materiais não era suficiente, porque construir uma família era mais importante. Ela também foi a responsável por tirar de mim o medo de não ser capaz de construir uma família.

No passado, eu pedi um tempo para aceitar. Hoje, eu só espero ter muito tempo para amar.



*“No passado, eu pedi
um tempo para aceitar.
Hoje, eu só espero
ter muito tempo para amar.”*





____CAPÍTULO 31

Quando recebi minha aliança de volta na noite de Natal, marcamos também o nosso casamento, que ficou para o mês de agosto, quando estaríamos em pleno verão irlandês. Só que minha gravidez acabou por antecipá-lo, porque Brandon praticamente surtou quando descobrimos que Brodie teria uma irmãzinha. Ele não quis esperar de jeito nenhum para oficializar nossa união.

— Quero que meus filhos tenham os pais casados – murmurou certa noite, com o rosto pousado em minha barriga. – Quando Adeline chegar, já seremos marido e mulher, e nossa família ficará completa.

Família. Aquela palavra tinha adquirido uma importância enorme para ele, que nos protegia como um grande urso, sempre cuidadoso e atento a tudo. O medo que ele sentia de não ser um bom pai deixou de existir, tornando-o muito mais confiante da paternidade que possuía.

Nosso casamento aconteceu em uma cerimônia íntima com poucos convidados, a maioria amigos próximos. Fergus e Nora foram nossos padrinhos e o relacionamento com ambos ficou muito mais próximo do que antes.

Meu pai veio da França para me levar ao altar e aprovou minha escolha quando conheceu Brandon, fazendo minha mãe revirar os olhos assim que o ouviu dizer aquilo. Quando ficamos sozinhas, ela não perdeu a oportunidade de brincar com a situação.

— Até parece que você precisava da aprovação dele para alguma coisa — comentou em tom divertido, enquanto me ajudava a pôr o vestido de noiva.

Não consegui segurar o riso, porque os dois se davam muito bem depois do divórcio, mas ela não resistia em provocá-lo sempre que podia.

Entrei na igreja me sentindo nervosa, apesar de eu e Brandon já termos a experiência de morarmos juntos desde anos atrás. O casamento era um sonho muito desejado por toda mulher apaixonada e eu estava realizando o meu.

Ele estava irresistível no altar, um verdadeiro gentleman, o meu príncipe encantado. Apesar de não ser perfeito e ainda ter muitos traumas do passado, Brandon era o meu homem ideal. O homem que eu amava.

Prendi a respiração e caminhei para ele, cujo olhar intenso prendia o meu a cada passo que eu dava. Unimos nossas mãos e depois trocamos as alianças no mesmo clima de cumplicidade de sempre. Quando tudo terminou e já estávamos “oficialmente casados”, recebi um beijo forte que me marcava definitivamente como sua esposa.

— Eu te amo, minha mulher — sussurrou no meu ouvido.

— Eu te amo, meu marido.

O brilho no seu olhar mostrou a satisfação que sentiu ao ouvir minhas palavras.

Sim. Agora éramos marido e mulher.



Adeline chegou no início de novembro, linda e manhosa.

Brandon entrou em choque quando o acordei certa manhã ao sentir as primeiras contrações.

— Ela está chegando – avisei assim que ele abriu os olhos sonolentos.

Observei-o sentar-se de imediato, uma expressão já alerta no rosto barbado. Sua mão quente cobriu minha barriga, enquanto fitava-me profundamente.

— Tem certeza?

— Sim! – Impossível não ter certeza daquilo e ele percebeu pela minha voz que não havia como errar.

Brandon não demorou muito para entrar em ação e começar a tomar as providências para me levar à maternidade do hospital.

Deixei-o fazer tudo, concentrada em respirar fundo para controlar a dor das contrações que vinham com mais intensidade e rapidez do que eu esperava. Percebi logo que aquele meu segundo trabalho de parto estava diferente do primeiro, que foi muito mais lento e demorado.

Sentei na cama, ouvindo Brandon falar ao celular com minha mãe, a quem avisou que estava na hora. Não consegui prestar atenção em nada do que ele lhe dizia, mas quando desligou, virou-se para mim.

— Chiara disse que está vindo para cá.

Depois daquele rápido aviso, ligou para minha médica, com quem falou por alguns minutos.

— Diga-lhe que está mais acelerado do que foi com Brodie – pedi,

antes que desligasse.

Ele parou, estático, os olhos transparecendo a apreensão que sentiu com minhas palavras. Voltou a falar com a médica, repassando a informação, mas sem desviar sua atenção de mim. Quando desligou, veio sentar-se ao meu lado, com uma ruga de preocupação no meio da testa.

— Ela disse que é normal, já que é o segundo filho, mas fiquei preocupado, Catriona. Talvez devêssemos ir logo para a maternidade, em vez de esperarmos sua mãe chegar.

Segurei-lhe a mão para tranquilizá-lo, apesar de estar ligeiramente apreensiva também.

— A *midwife*^[4] que me acompanha já tinha me prevenido com relação a isso e acho que está tudo bem. Só precisarei chegar à maternidade mais cedo do que no parto de Brodie.

A ruga na testa aprofundou-se.

— Eu não acompanhei o parto de Brodie e não sei que tempo é este. Por mim, íamos agora!

O tom categórico não deixava dúvidas quanto à sua urgência, mas resolvi esperar por minha mãe.

— Calma, Brandon. Sinto-me bem – garanti, passando a mão na barriga.

Ele colocou a mão ao lado da minha, acariciando a filha.

— Parece contraída, de tão dura que está – comentou com voz grave. – Tem certeza que Adeline está bem?

— São as contrações. E não se preocupe, porque ela está apenas se preparando para sair. – Senti seu beijo quente em meus lábios e nos olhamos intensamente, partilhando mais um momento importante das nossas vidas. – Agora me ajude a trocar de roupa. Será o tempo que minha mãe chega.

Quando ela chegou, estávamos com tudo pronto e fomos nos despedir de Brodie, que ficaria com a babá que contratamos logo depois que a gravidez foi confirmada. A senhora Murphy era uma conhecida da minha mãe, que já havia trabalhado na mesma escola onde ela ensinava e que agora estava aposentada.

Brodie ainda dormia um sono pesado e apenas acariciei seus cachos ruivos, deixando mil e uma recomendações para ela. Quando eu o visse novamente, seria para apresentar-lhe sua irmãzinha, que ele já chamava de “Line” toda vez que tocava na minha barriga.

As horas seguintes passaram com a mesma rapidez com que minha bebê nasceu. Ela parecia ter pressa, porque não demorou nem metade do tempo que o irmão levou para chegar. O que eu nunca ia esquecer naquele dia, foi a expressão de Brandon no momento em que a viu pela primeira vez. Ele esteve presente ao nascimento da filha e, na ocasião, percebi a emoção no olhar azul esverdeado que cruzou com o meu, onde haviam lágrimas evidentes.

Desde o dia em que contei sobre a gravidez, Brandon fez questão de participar de cada instante da gestação, sem perder nenhuma consulta ou exame, já que não pôde viver o mesmo antes. No fundo, aquela foi uma experiência nova para nós dois, porque também senti falta da sua presença ao meu lado quando estive grávida de Brodie.

A gravidez de Adeline nos proporcionou uma aproximação única, muito maior do que já tínhamos. Vê-la nos braços do pai, que estava extremamente emocionado, aqueceu meu coração de mãe e mulher.

Logo depois, nós duas fomos levadas para o quarto, porque eu e Brandon fizemos questão que ela ficasse conosco, em vez de permanecer no berçário da maternidade. Assim, tínhamos mais contato físico e eu me sentia mais tranquila ao vê-la pertinho de mim.

— Ela vai ser parecida com você – ele afirmou com convicção, olhando-a dormir tranquilamente.

— Ainda é muito cedo para saber a quem ela vai puxar – minha mãe riu, admirando a neta. – Pode se parecer comigo, por exemplo.

Segurei o riso, ao ver o esforço que Brandon fez para ficar calado, enquanto ela piscava-me um olho discretamente.

E foi assim que Adeline veio completar nossa felicidade, encantando não só o pai e a avó, mas também à Brodie, que deu pulinhos de alegria quando a conheceu. Até parecia que era um brinquedo novo, tamanho foi seu entusiasmo quando dissemos que era “Line”.

Eu tinha acabado de me instalar confortavelmente em nossa cama com

ela, quando Brodie entrou no quarto trazido por minha mãe. Logo que o viu, Brandon o pegou no colo, fazendo cócegas com a barba em seu pescoço.

— Estava com saudades de você, garotão! – brincou com o filho, que não parava de rir, agarrado nele.

— Papai!

Fiquei observando-os, também cheia de saudades do meu bebê. Brandon o trouxe para perto de nós duas.

— Olha só quem chegou. Mamãe e Adeline – ele disse, colocando o filho sobre a cama. – Mas tenha cuidado para não as machucar.

Com quase dois anos e meio, Brodie estava crescendo rápido e ficando cada vez mais parecido com o pai. Eu o chamei para os meus braços, onde ele atirou-se sem cerimônia, sob o olhar atento de Brandon.

Eu sabia que ele estava preocupado com a reação do filho ao ver a irmã, mas Brodie não quis saber de mais ninguém até saciar sua vontade de estar comigo. Só depois foi que a viu deitadinha no outro lado da cama e aproveitei seu olhar de curiosidade para apresentá-los.

— Viu que mamãe e papai trouxeram Line para casa?

— Line? – perguntou, afastando-se para olhar minha barriga.

— Sim. Ela saiu daqui e agora está ali – expliquei de forma bem simples. – É sua irmãzinha.

Não houve crises de ciúme, choro, nem nada do que cheguei a ler em alguns estudos que fiz sobre como lidar com uma gravidez já sendo mãe de um bebê. Para nossa alegria e felicidade, Brodie era tão seguro do amor que recebia de nós três, que recebeu naturalmente a irmã em casa, criando um vínculo com ela que era enternecedor.

Minha mãe, sempre espirituosa, não deixou de provocar Brandon.

— Humm... acho que o único que pode sentir ciúmes aqui é o pai.

Incrivelmente, ele riu até gargalhar, fazendo o filho achar graça e rir também.

Olhamos uma para a outra e acabamos rindo junto com eles dois, em um clima familiar de cumplicidade, que, agora, tinha também a participação de

Adeline.



*“Percebi a emoção no
olhar azul esverdeado
que cruzou com o meu,
onde tinham
lágrimas evidentes.”*





____EPÍLOGO

Um mês depois

Acordei no meio da noite com a sensação de ter ouvido movimentos vindos do quarto onde as crianças dormiam. Olhei a babá eletrônica sobre a mesa de cabeceira, que mostrava a imagem de Adeline dormindo tranquilamente no berço e Brodie sentado na cama com as grades de proteção.

Despertei de imediato e olhei para Catriona, que dormia profundamente ao meu lado. O som repetiu-se e identifiquei como sendo um choro baixo de Brodie, seguido pela voz chamando por ela.

— Mamã!

Preocupado, saí da cama com cuidado para não acordar e fui o mais rápido que pude para o quarto deles.

A luz suave do abajur iluminava parcialmente o ambiente, apenas o suficiente para a câmera da babá eletrônica nos passar as imagens deles dois. Brodie parecia assustado e tinha o rosto molhado em lágrimas. Assim que me viu, estendeu os braços para mim.

— Papai!

Uma emoção enorme aqueceu o meu peito ao pegá-lo no colo e sentir seu abraço apertado.

— Calma, garotão. Já estou aqui.

Sentei na cama dele e olhei para o berço, comprovando que Adeline dormia tão profundamente quanto a mãe. Agarrado em mim, Brodie parou de chorar, mas não quis voltar a deitar sozinho na cama, por isso deitei também.

Eu sabia muito bem o que era acordar no meio da noite por conta de pesadelos e ter alguém que se amava ao nosso lado era muito importante nestes momentos. No que dependesse de mim, meu filho nunca estaria sozinho quando o mesmo acontecesse com ele, ainda que os seus motivos para ter pesadelos fossem totalmente diferentes dos meus.

Não era a primeira vez que Brodie acordava no meio da noite por causa deles, e isso desde que Adeline chegou. Deduzimos que isto podia estar sendo provocado por algum medo inconsciente de ser abandonado ou de perder parte do nosso amor por conta da irmã, por isso estávamos nos revezando para dar-lhe bastante atenção nesta fase.

Apoiado no meu peito, ele rapidamente pegou no sono outra vez, mas não saí da cama. Fiquei lá com ele e fechei os olhos, dominado por uma vontade irresistível de rezar e agradecer a Deus, algo tão raro de acontecer comigo que até me assustei. Nunca fui de rezar muito, mesmo tendo uma mãe que era religiosa até a medula e que tinha sido fervorosa em sua fé. Só que as suas tentativas religiosas comigo não surtiram muito efeito, já que minha vida era tão amarga naquela época que eu não tinha como acreditar que Deus existia mesmo e dava o melhor para os Seus filhos.

Mas agora que eu tinha a minha família, construída junto com o amor de Catriona, via-me conversando com Ele nos momentos mais inesperados, em que agradecia as diversas “novas chances” de redenção que recebi. Pedia também que tivesse misericórdia do meu irmão, seja lá onde ele estivesse agora. Gael foi uma alma pura que nasceu em um ambiente familiar nocivo e que tirou a própria vida depois de anos de sofrimento. Eu só esperava que ele recebesse a mesma oportunidade de redenção e felicidade que eu recebi. Uma felicidade que não tinha tamanho e que, para mim, vinha da realização de ser pai de Brodie e Adeline.

E eu devia isso a Deus e à Catriona!

Sim, sem dúvida que eu estava muito agradecido a Ele por ter conseguido reconquistar minha mulher, por ter conquistado meu filho e por ter gerado uma filha adoravelmente linda. Eles eram tudo para mim. Eram o que eu precisei a minha vida toda e que sempre tive receio de não conseguir alcançar.

Catriona era uma mulher maravilhosa, que me deu forças para ser um bom pai e também confiança para ser um homem melhor. Devolveu-me a esperança que perdi na infância e fez com que um arco-íris inteiro colorisse os meus dias. que, sem ela, pareciam pintados a preto e branco. Além disso tudo, me enlouquecia de paixão.

Catriona era o meu tudo: companheira, cúmplice, amiga e uma mulher sedutora que me deixava prostrado aos seus pés.

Um sorriso malicioso curvou os meus lábios ao lembrar dos seus jogos sensuais na cama. Ela era mesmo surpreendentemente criativa e fazia de mim um peão naquele jogo, enquanto dominava tudo como uma rainha.

Em breve seria Natal novamente e, daquela vez, teríamos Adeline conosco. Depois, chegaria outro ano novo, em que estaríamos mais unidos do que nunca.

Suspirando, feliz, acomodei-me melhor na cama com Brodie, o olhar perdido no rostinho angelical da minha filha no berço. Ela tinha realmente puxado à mãe, com seus cabelos louros e olhos azuis.

Comentei o fato com Catriona naquela noite, enquanto ela amamentava Adeline em nossa cama, antes de dormirmos. Nosso filho já tinha adormecido bem antes e só faltava a princesinha saciar sua fome para fazer o mesmo.

Apoiada nos travesseiros, Catriona soltou uma risada baixa que encheu o quarto.

— Ela herdou minha beleza irresistível – disse, piscando um olho provocador para mim.

Apesar da brincadeira, eu não tinha dúvida nenhuma quanto à verdade das suas palavras.

— Parece que só os homens da casa são ruivos e com estas malditas

sardas no corpo inteiro – comentei, esticando o braço, onde elas se espalhavam sobre minha pele.

— Oh, não diga isso! Eu acho suas sardas tão sensuais! – exclamou de imediato, mas calou-se a seguir e ficou com as faces rosadas, como se tivesse falado demais.

— Você nunca me disse isso! – falei baixo, olhando-a fixamente.

Ela ficou mais vermelha ainda.

— Nunca? Pensei que já tivesse dito.

— Cat. Cat.

— Oh! Tudo bem! Assumo que não quis que você ficasse envaidecido demais e saísse exibindo-as por aí. Só espero que todas as outras mulheres com quem ficou antes de mim tenham detestado suas sardas.

Fiquei estático, com o coração batendo acelerado no peito e o sangue correndo por minhas veias com uma velocidade vertiginosa.

— Você tem noção do que fez comigo agora?

— Acho que não totalmente, mas vou adorar que me diga com detalhes assim que Adeline for para o berço.

E foi exatamente aquilo o que fiz, amando minha mulher como ela merecia. Apesar de ainda não ter passado o prazo que a médica pediu para nossa vida sexual voltar a ser completa, não deixávamos de nos dar prazer de outras formas. Naquela noite, eu a fiz gozar em minha boca, mas também recebi um banho de beijos, porque Catriona parecia estar disposta a mostrar o quanto amava minhas sardas.

Quando caímos sobre os travesseiros, saciados e exaustos, o sono foi imediato. Talvez por isso ela não tenha ouvido o choro de Brodie, porque normalmente estava mais alerta do que eu para qualquer movimento no quarto das crianças.

Puxei a coberta para aquecer mais Brodie. Pretendia ficar só mais um pouco com ele, mas provavelmente estava mais cansado do que pensei, porque acabei por adormecer. Quando acordei, foi com uma voz suave no quarto.

— Ei, mas o que aconteceu aqui? Fizeram uma festa e não fui

convidada?

Catriona estava parada ao lado da cama, com as mãos na cintura. Apoiei-me no braço e ergui parcialmente o corpo, olhando ao redor para comprovar se estava tudo bem. Adeline e Brodie já estavam acordados, mas, incrivelmente, mantinham-se quietinhos.

— Acho que estamos todos de ressaca da festa, porque eles nem reclamaram de nada – comentei, voltando a cair sobre o travesseiro.

Ela sentou na cama e deu um beijo em Brodie. Depois, debruçou-se sobre mim e deu-me um beijo também, mas aproveitou para saber do filho em um sussurro baixo.

— Tudo bem com ele?

— Acalmou-se rápido e dormiu pesado logo depois.

Catriona virou-se para Brodie, acariciando seus cabelos.

— Está na hora de levantar, porque hoje a avó vem ficar com a gente.

— Doces, mamã. Quero doces.

— Qual você quer?

Como sempre, ela estimulava Brodie a falar e se expressar, para desenvolver sua linguagem. Ele já estava muito esperto e aprendia rápido tudo o que ensinávamos, fazendo questão de mostrar à mãe que sabia das coisas.

Brodie me fazia lembrar de mim mesmo na infância e senti saudades da minha mãe.

— Pu...pudim!

Catriona riu, continuando a conversar com ele e cuidando de Adeline ao mesmo tempo. Assim, dava atenção aos dois. De vez em quando, ela pedia-lhe para ajudá-la, pegando a fralda ou uma roupinha da irmã, fazendo-o participar de tudo.

Coloquei um braço atrás da cabeça, apoiado no travesseiro, e fiquei observando minha família naquela rotina matinal dos sábados.

Um barulho conhecido na porta fez Brodie correr para abri-la, deixando Otto entrar no quarto. Ele latiu, alegre, abanando o rabo e fazendo

festa. O cachorrinho pequeno tinha crescido muito desde que o ganhamos no Natal do ano passado, assim como meu filho havia crescido também. Os dois eram inseparáveis, com Otto sendo seu fiel escudeiro.

Assim que trouxemos Adeline para casa, Otto ficou ansioso para brincar com ela, querendo subir na cama toda vez que a via. Daquela vez não foi diferente, mas antes que ele chegasse perto, peguei-o no colo, acariciando-lhe o pelo macio.

— Ainda não, Otto. Com ela você só vai poder brincar mais na frente.

Ele me olhou com expressão de entendimento e lambeu minha barba, fazendo-me rir. Deixei que fosse para o chão, onde ficou observando tudo.

Vendo aquela cena, foi difícil não me lembrar de outros tempos, quando eu tinha meu outro cachorro, minha mãe e irmão comigo. Apesar de continuar sentindo muito a ausência deles, hoje eu sabia que se pudessem me ver do lugar onde estavam, ficariam felizes com a família que eu tinha.

Eu me sentia imensamente feliz com eles. Catriona, Brodie e Adeline me realizavam como homem, marido e pai. Eles eram a minha vida!

Agora que mais um Natal chegava e outro Ano Novo se aproximava, eu só tinha gratidão dentro de mim, porque o tempo para aceitar passou, deixando um futuro promissor em seu lugar.



*E foram
felizes para sempre...*

Fim.



Se você leu até o fim e gostou, escolha uma das frases que estão entre os capítulos e envie para: lettiesjautora@gmail.com junto com o print do livro no seu Kindle e a Avaliação, e ganhe marcador autografado. As 50 primeiras leitoras que me enviarem, receberão este mimo com muito carinho.

Não se esqueça de enviar seu endereço completo.

Beijinhos,

Lettie.

OUTRAS OBRAS DA AUTORA

ENTRE O
CEO
& O INFERNO



Disponível em Ebook na Amazon: <https://amzn.to/2FJKd4L>

Book Trailer: <http://bit.ly/2RyHbYo>

Lista Spotify: <https://spoti.fi/2VYBCkw>

Sinopse: KIERAN STONEHEART é exatamente o que o seu nome diz, um homem com o coração de pedra. Nascido em berço de ouro, tinha tudo para seguir o caminho do pai e tornar-se um perfeito Bon Vivant, mas o avô, que já estava conformado em ver todo o seu legado ir por água abaixo, descobre que o neto é uma criança-prodígio, um pequeno gênio da matemática, e logo Kieran perde o controle da sua vida, sendo obrigado a dedicar-se exclusivamente ao império financeiro da família.

Sem viver a infância e a adolescência como um rapaz normal, sem criar vínculos afetivos com ninguém, ele torna-se o único herdeiro de uma fortuna bilionária e chega aos vinte e nove anos como Presidente e CEO das empresas da família... e literalmente “dono do mundo”.

Mas será este homem de pedra que se verá envolvido no golpe da mulher que desejava há anos, mas que nunca conseguiu ter. Uma mulher que o rejeitou, mas que agora estava disposta a correr os maiores riscos para pagar a dívida milionária do irmão viciado em jogos de Poker.

LEAH BRIGHT aprendeu a duras penas que sonhos românticos não existiam e que tudo na vida girava em torno de dinheiro. Em um golpe de sorte, ganha um concurso de moda e assina contrato com uma renomada agência, seguindo a carreira de modelo. Tudo parecia perfeito, até que em uma noite de azar seu irmão perde todo o dinheiro que tinha em um jogo de Poker e, para piorar, ganha inimigos perigosos, que passam a ameaçá-los.

Encurralados, os dois irmãos criam um jogo mais perigoso ainda para escapar da perseguição. Planejam um golpe para conseguir o dinheiro que precisavam para pagar a dívida e a vítima seria uma celebridade do seletor círculo social que frequentava o Principado de Mônaco.

Era um golpe arriscado, mas que poderia ser perfeito, se um certo CEO poderoso não atravessasse o caminho deles.

Kieran & Leah, que achavam que nunca mais iam ter seus caminhos cruzados, em breve vão descobrir que o passado guarda segredos inconfessáveis.

**LIVRO FÍSICO TEM LANÇAMENTO MARCADO EM
2019 PELA EDITORA PANDORGA**



ENTRE O Céu E O INFERNO

ENTRE O

Céu

E O INFERNO

LETTICE S.J.

AO TEU

Encontro

Daniel & Ana | Livro 1

Série Messagers de l'Amor



Disponível em Ebook na Amazon: <https://amzn.to/2AToJiI>

Book Trailer: <http://bit.ly/2FIHxVm>

É possível encontrar o amor na internet ou um lindo romance virtual pode se transformar em um pesadelo? Duas amigas entram em um Site de Relacionamento muito conhecido chamado "@mensagensdeamor" e resolvem tentar a sorte para encontrar o homem ideal. Nesta roleta russa, o que vai dar? Sonho ou pesadelo?

SINOPSE: Aos 23 anos, Ana Cabral não conseguiu realizar seu grande sonho de entrar na faculdade por ter dificuldades de aprendizagem. Com problemas de baixa autoestima por conta de suas limitações, ela vê-se influenciada por sua amiga Beatriz e decide arriscar, colocando um perfil na internet para conhecer sua alma gêmea. Só não imaginava as mentiras que a amiga colocou no perfil, que só vem a descobrir tempos depois de iniciar um namoro virtual com o americano Daniel Ortega.

Com 32 anos e preso a uma rotina de trabalho exigente em Nova York que o deixou sem vida pessoal, o enigmático, prático e independente Daniel Ortega resolve se distrair em um Site de Relacionamento. Nele, um rosto em especial chama sua atenção pelo sorriso espontâneo e olhar sincero. Com apenas um clique e algumas palavras escritas para a doce Ana Cabral em Fortaleza, inicia-se um intenso relacionamento à distância e abre-se para Daniel um novo mundo totalmente desconhecido, onde não existem números, bolsa de valores ou estatísticas financeiras, mas apenas emoções profundas, sentimentos avassaladores e desejos reprimidos.

Como reagirá quando descobrir que a mulher que acreditava ser sincera, encontrava-se envolvida numa grande teia de mentiras? Será que estas mentiras poderão destruir um grande amor?

UMA HISTÓRIA BASEADA EM FATOS REAIS.

LUTAREI

Por Você

Daniel & Ana | Livro 2



Disponível em Ebook na Amazon: <https://amzn.to/2Djsu2F>

SINOPSE: Após o início conturbado do seu relacionamento com o americano Daniel Ortega, parece que Ana Cabral poderá, enfim, viver seu grande amor.

Mas por trás do sorriso gentil de uma mulher poderosa muitas armadilhas podem estar escondidas. Aliado a isso, há um homem ambicioso e disposto a tudo para subir socialmente.

Daniel terá que tomar decisões difíceis para atingir seus objetivos e Ana se verá envolvida num mundo onde só os fortes sobrevivem.

Só que há certas coisas na vida que nos obrigam a fortalecer e em breve Ana Cabral descobrirá isso!

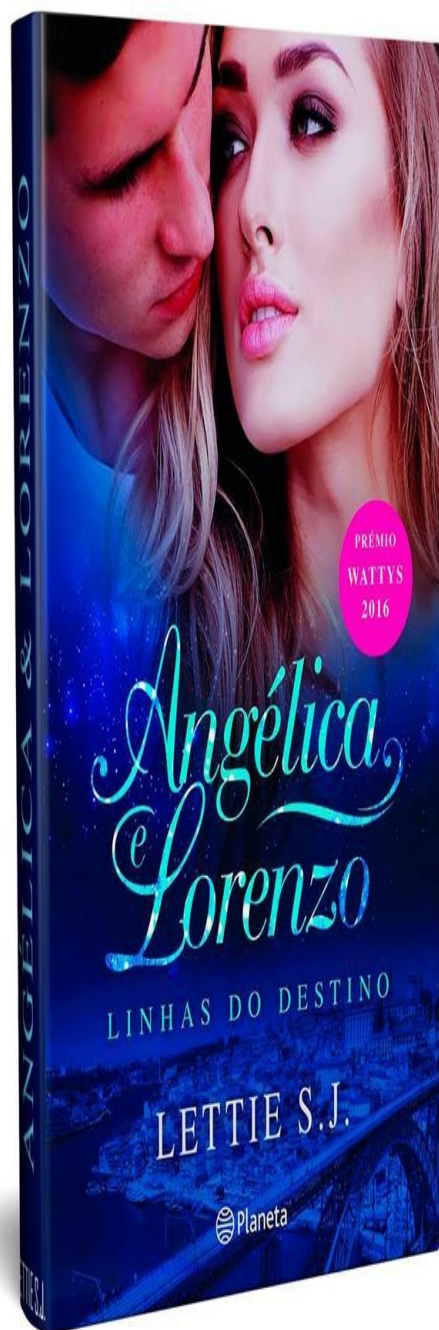
LINHAS DO

Destino

Angélica & Lorenzo



Disponível em Ebook na Amazon: <https://amzn.to/2MhO2zB>



Disponível em Físico na Wook: <http://bit.ly/2NRHV4i>

Book Trailer: <http://bit.ly/2TWkoSZ>

Lista Spotify: <https://spoti.fi/2RBZ3Bw>

SINOPSE: Angélica sai do Brasil e vai morar em Portugal com a mãe, onde não contava ser alvo da obsessão do filho de um renomado político da cidade. Corajosa mas muito sensível, ela consegue seguir em frente, mesmo vendo muitos dos seus sonhos se despedaçarem.

Lorenzo Costi é filho de um rico empresário italiano e mãe portuguesa. Envolvido com sérios problemas na Itália, Lorenzo volta para Portugal, onde vai morar com a família da falecida mãe. Dono de uma personalidade complexa, ele tem dificuldades em controlar seu passado e direcionar seu futuro, até conhecer Angélica.

É quando a vida deles muda drasticamente...

Uma história poderosa, sensual e arrebatadora que está conquistando corações em dois continentes.

Numa trama envolvente onde segredos de família, interesses pessoais e manipulação emocional entram em jogo, a única coisa certa é que quando o destino já está traçado, atravessam-se oceanos e percorrem-se continentes inteiros para que aquele que precisa salvar, encontre quem precisa ser salvo.

ROMANCE PREMIADO COM O WATTYS 2016 DO WATTPAD NA CATEGORIA ESTREIA AUTURAL.

Café *de Loki*

Angélica & Lorenzo | Livro 2



Disponível na Amazon: <https://amzn.to/2MhiZnu>

SINOPSE: Angélica Sant'ana é o "anjo" de Lorenzo Costi, com quem inicia um namoro predestinado e cercado de ameaças por todos os lados. Uma brasileira morando em Portugal e que se torna a obsessão de Emanuel, filho de um renomado político da cidade, nas mãos de quem sofre uma perseguição traumática. Com o amor de Lorenzo, Angélica amadurece. Parece frágil, mas é a única que consegue controlar a força avassaladora e obscura de Loki.

Conseguirá ela evitar este confronto entre seu perseguidor e seu salvador?

**ROMANCE PREMIADO COM O WATTYS 2016 DO WATTPAD
NA CATEGORIA ESTREIA AUTORAL.**

Sob o Olhar de Iris

Em breve

Sinopse: Iris conhece um homem de sonho, apaixona-se, casa e vai morar em outro país, acreditando viver um conto de fadas. Dois anos depois, com os sonhos desfeitos e mergulhada em uma depressão da qual não consegue sair, descobre que está grávida e pelo filho ganha coragem para fugir, procurando sua felicidade. Nesta fuga vai encontrar refúgio nos domínios de Rodrigo, um homem que lhe dá a segurança que precisa, que sente-se atraído por ela, mas que não sabe que ela está fugindo do marido, muito menos que está grávida. Dividida entre amar Rodrigo, admitir a gravidez e continuar em fuga, em breve Iris descobrirá que ainda falta muito para estar livre de vez do ex-marido.

O marido perfeito.

Um casamento destruído.

Uma mulher em fuga.

Um homem protetor

Uma gravidez em causa!

“Você casa e pensa que vai ser feliz a vida inteira, mesmo sabendo que a realidade é diferente dos contos de fadas. Mas nada, nada mesmo, a faz imaginar que seu príncipe encantado é aquele monstro com quem se casou.

Eu sou Irisandra, mas passei a ser Sandra para ele, quando no fundo só queria ser IRIS.”

CONTATOS DA AUTORA

Para saber mais sobre a autora, consulte o site www.lettiesj.com

Fan Page Facebook: <https://www.facebook.com/lettiesj/>

Instagram: https://www.instagram.com/lettiesj_official/

Grupo no Facebook: <http://bit.ly/2VWz1rr>

E-mail: lettiesjautora@gmail.com

Canal Youtube: <http://bit.ly/2RZXXze>

Wattpad: <https://w.tt/2SZCGCJ>

Spotify: <https://spoti.fi/2QY6b6j>

Skoob: <http://bit.ly/2sySUY3>

[1] *St Stephen's Green* é um parque público situado no centro de Dublin, que fica próximo da *Grafton Street*, uma das ruas comerciais mais importantes da cidade.

[2] A *Grafton* é uma das principais ruas de compras de Dublin, que leva ao *St. Stephen's Green Park*. Ela já foi a 5ª rua de compras mais concorrida e cara do mundo e localiza-se bem no centro da cidade.

[3] Restaurante localizado no centro de Dublin, premiado com uma estrela Michelin em 2016 pelos seus pratos requintados e de qualidade.

[4] *Midwife* em inglês é parteira.

Table of Contents

[ÍNDICE](#)

[Sinopse](#)

[Nota da Autora](#)

[Parte 1 – Os motivos de Catriona](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Parte 2 – OS SEGREDOS DE BRANDON](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Epílogo](#)

[Não se esqueça de enviar seu endereço completo.](#)

[Outras Obras da Autora](#)

[Contatos da Autora](#)